UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
KATIUSCIA KINTSCHEV

O ISOLAMENTO SOCIAL E O TRABALHO REMOTO NA PANDEMIA DE COVID-19 EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA NA REGIÃO CENTRO-OESTE DO BRASIL: O TRABALHO FEMININO REPRESENTADO POR ELAS

CAMPO GRANDE - MS
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
KATIUSCIA KINTSCHEV

O ISOLAMENTO SOCIAL E O TRABALHO REMOTO NA PANDEMIA DE COVID-19 EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA NA REGIÃO CENTRO-OESTE DO BRASIL: O TRABALHO FEMININO REPRESENTADO POR ELAS

Relatório de pesquisa apresentado à Banca para exame de qualificação do Programa de Pós-graduação em Psicologia, Mestrado em Psicologia, na Linha de Pesquisa Processos psicológicos e suas dimensões socioculturais sob orientação da Prof.ª Dr.ª Zaira de Andrade Lopes.

CAMPO GRANDE - MS
2023

Às mulheres que vieram antes de mim...
Bába, Jovina, Beatriz, Irene.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é uma palavra que define esta curva final, pois até chegarmos à versão finalizada deste trabalho, os caminhos não foram nada retos. Uma proposta de pesquisa surpreendida por uma pandemia e posteriormente agraciada com uma gestação na vida da pesquisadora fez com que todo este percurso se tornasse ainda mais especial.

As participantes da pesquisa, que aceitaram o convite de falar sobre suas experiências de trabalho durante o período que se 2020 a 2022.

Obrigada Prof. Dra. Zaira de Andrade Lopes por ter aceito a pesquisa inicial, e depois outra, e outra. Por ter me convidado a não desistir, por compreender e aceitar meus desafios enquanto pesquisadora que a cada texto lido, desejava alterar os rumos da pesquisa.

Obrigada família: Desde minha vozinha, a professora, incentivadora e intercessora nas questões espirituais que partiu na ocasião da minha viagem para a apresentação de trabalho em um congresso de psicologia... Te honro vó Beatriz.

Minha querida mãezinha, fã incondicional e demasiadamente preocupada, professora por teimosia e formação na maturidade, cuidadora da minha prole, é a ponte entre minhas angústias e o saber sobre elas, agradeço.

Ao meu irmão, que sem saber me ensinou a importância de dividir afetos e holofotes, obrigada pela parceria.

Meus filhos: Os filhos que vieram e os que não vieram, me ensinaram a importância da falta que o amor nos provoca. Félix, você inaugurou em mim o desejo de formar uma pessoa melhor para este mundo, obrigada por todo seu amor e delicadeza dirigidos a mim. Ivan, tão desejado e tão esperado, depois de 12 anos a vida te trouxe para mim, me fazendo despertar novamente para o amor incondicional e alegrias que só a maternidade desejada me fez experienciar.

Meu companheiro de vida, que desde 2005, dá suporte ao meu amor e minhas angústias, aguenta minhas mudanças de paradigmas e sempre me salva no uso das tecnologias, apesar de lhe faltar letramento nesta matéria.

As minhas amigas e amigos: Vocês são minhas baterias invisíveis que sempre me mostram amperagens diferentes e me recarregam com seus afetos despretensiosos.

olho para caneta e tenho certeza

não escreverei mais o nome desse país

enquanto estupro for prática cotidiana

e o modelo de mulher

a mãe gentil

Romão, Luiza Souza – Sangria = Sangría

RESUMO

A mulher, em decorrência da estrutura social alicerçada na ideologia patriarcal, sempre esteve em desigualdades de condições de trabalho, evidenciadas principalmente pelos estudos sobre a sobrecarga do trabalho feminino e a sobreposição do trabalho doméstico e do trabalho no âmbito público. Considerando a eclosão da pandemia de COVID-19 entre os anos de 2020 e 2022, questiona-se quais as implicações nas representações sociais sobre as condições da jornada de trabalho das mulheres, resultantes das medidas de biossegurança de isolamento social e do trabalho remoto, para um grupo de servidoras de uma universidade pública. Deste modo, o presente estudo busca analisar as representações sociais das mulheres sobre o trabalho realizado em razão do atendimento às medidas de distanciamento social impostas durante a pandemia de SARS-CoV-2. Trata-se de uma investigação fundamentada na Teoria das Representações Sociais, em articulação com os estudos feministas e de gênero sobre o trabalho feminino. É um estudo descritivo, de análise qualitativa, realizado a partir do banco de dados do "Projeto Corona e Saúde Mental - UFMS no Centro Oeste". A coleta dos dados ocorreu por meio de entrevistas individuais, seguindo um roteiro semiestruturado, com as participantes da primeira etapa da pesquisa mencionada. Para a organização dos dados, utilizou-se a técnica da análise de conteúdo, tendo como referência Laurence Bardin. Revelou-se com a análise dos dados que há a existência de uma dualidade antagonista, visto que, embora as entrevistadas afirmem não haver diferenciação entre trabalho masculino e feminino, em um segundo momento trazem à tona a questão da obrigatoriedade feminina no trato, cuidado e manutenção do lar e da família. Dessa forma, há no discurso das mulheres estudadas a perpetuação da posição da mulher sobrecarregada, que acumula os papéis de "dona do lar" e "mulher de sucesso profissional", mesmo em um contexto de convivência de um casal sem filhos, no qual uma divisão mais equilibrada do trabalho invisível (afazeres domésticos) poderia ser realizada entre os indivíduos residentes e isolados no domicílio durante o período de reclusão social.

Palavras-chave: Teoria das Representações Sociais; Trabalho Feminino; Pandemia

ABSTRACT

The woman, as a result of the social structure based on the patriarchal ideology, has always been in unequal working conditions, evidenced mainly by studies on the overload of female work and the overlapping of domestic work and work in the public sphere. Considering the outbreak of the COVID-19 pandemic between 2020 and 2022, it is questioned what are the instructions in the social representations about the conditions of women's working hours, resulting from the biosecurity measures of social isolation and remote work, for a group of servers at a public university. In this way, the present study seeks to analyze the social representations of women about the work performed due to compliance with the social distancing measures imposed during the SARS-CoV-2 pandemic. This is an investigation based on the Theory of Social Representations, in conjunction with feminist and gender studies on women's work. It is a descriptive study, with qualitative analysis, carried out from the database of the "Projeto Corona e Saúde Mental - UFMS in the Midwest". Data collection took place through individual interviews, following a semi-structured script, with participants in the first stage of the aforementioned research. For the organization of the data, the technique of content analysis was used, with reference to Laurence Bardin. It is revealed with the analysis of the data that there is an antagonistic duality, since, although the interviewees claim that there is no differentiation between male and female work, in a second moment they bring up the question of the female obligation in the treatment, care and maintenance of home and family. Thus, in the discourse of the women studied, the position of the overloaded woman is perpetuated, who accumulates the roles of "housewife" and "woman of professional success", even in a context of coexistence of a childless couple, in which a A more balanced division of invisible work (domestic chores) could be carried out between individuals residing and isolated at home during the period of social seclusion.

Keywords: Theory of Social Representations; Women's Work; Pandemic

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Representações Sociais na categoria Trabalho Feminino e Masculino.....83

Figura 2: Representações Sociais na categoria Função social do trabalho feminino.....86

Figura 3: Representações Sociais na categoria Doméstico e não doméstico.....91

Figura 4: Representações Sociais na categoria Incerteza e medo.....95

Figura 5: Representações Sociais na categoria Diligência laboral.....100

Figura 6: Representações Sociais na categoria Conciliação laboral.....104

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: PANORAMA GERAL DAS NARRATIVAS E CATEOGORIAS 62

QUADRO 2: NARRATIVAS EMERGENTES EM RELAÇÃO AO TRABALHO FEMININO E MASCULINO 64

QUADRO 3: NARRATIVAS EMERGENTES EM RELAÇÃO AO TRABALHO E A FUNÇÃO SOCIAL DO TRABALHO FEMININO 66

QUADRO 4: NARRATIVAS EMERGENTES EM RELAÇÃO À PANDEMIA E À NOÇÃO DE AMBIENTE DOMÉSTICO E NÃO DOMÉSTICO 68

QUADRO 5: NARRATIVAS EMERGENTES EM RELAÇÃO À PANDEMIA E À INCERTEZA E AO MEDO 69

QUADRO 6: NARRATIVAS EMERGENTES EM RELAÇÃO À REALIZAÇÃO E À DILIGÊNCIA LABORAL 72

QUADRO 7: NARRATIVAS EMERGENTES EM RELAÇÃO À REALIZAÇÃO E A CONCILIAÇÃO LABORAL 73

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A: NÚMERO TCLE E NÚMERO DO CEP

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 12

2 O FAZER FEMININO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID 19: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO TRABALHO 15

3.1 – AS FUNÇÕES DAS RS NA PRODUÇÃO DAS RELAÇÕES E NA COMUNICAÇÃO SOCIAL 17

4 O FEMININO E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: (FORM)AÇÃO DE NOVOS SABERES EM MEIO À PANDEMIA DE COVID-19 26

4.1 O TRABALHO, O CAOS E O FEMININO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS TECIDAS NO ISOLAMENTO SOCIAL 34

5 DEMARCAÇÕES DO TRABALHO FEMININO NA COVID-19: APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS 51

5.1 OBJETIVOS 51

5.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA 52

5.2.1 EPISTEMOLOGIA 52

5.2.2 PESQUISA QUALITATIVA EXPLICATIVA 53

5.3 CAMPO DE PESQUISA 54

5.3.1 APRESENTAÇÃO DAS MULHERES PARTICIPANTES DA PESQUISA 55

5.3.2 MULHERES E O TRABALHO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR 55

5.3.3 O FEMININO E AS VULNERABILIDADES NA PANDEMIA 57

5.3.4 UMA CATEGORIA IMPACTADA PELA PANDEMIA: MULHERES E O TRABALHO DOCENTE 58

5.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 59

5.5 DISPOSIÇÃO DAS NARRATIVAS E CATEGORIAS DE ANÁLISE: UMA QUESTÃO DE EMERGÊNCIAS 61

5.5.1 NÚCLEO TEMÁTICO TRABALHO 63

6. TRABALHO FEMININO E O LUGAR (IN)COMUM: (DES)ARRANJOS VIRAIS . 77

6.1 TRABALHO DE MULHERZINHA? REFLEXÕES ANTE O DESCONHECIDO ... 78

6.2 CENÁRIO PANDEMICO: FRONTEIRAS DOMÉSTICAS E INCERTEZAS 87

6.3 TRABALHOSO PARA QUEM? REFLEXÕES DA EMPREITADA FEMININA E SUAS INCUMBÊNCIAS 96

CONSIDERAÇÕES FINAIS 107

REFERÊNCIAS 110

1. INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19 trouxe transformações súbitas na rotina dos sujeitos em um curto período, nos mais diversos extratos sociais. A falta de conhecimento sobre a patogênese do vírus ou tratamentos eficazes, a experiência de ter a renda diminuída, o uso obrigatório de máscaras e a exposição a informações sobre mortos e infectados criaram um cenário estressor com prejuízos na saúde mental da população (DUARTE *et al.*, 2020; SOUZA; SOUZA; PRACIANO, 202
Duas dimensões da vida em sociedade foram especialmente afetadas neste período: as relações com os espaços devido ao isolamento, e a relação com o trabalho, sobretudo com o advento do trabalho remoto.

Isolamento e quarentena foram os dispositivos recomendados pela Organização Mundial de Saúde e governos de todo o mundo para conter o avanço da pandemia em um cenário de ausência de vacinas ou intervenções farmacológicas eficazes para prevenção ou tratamento do COVID-19. Abarcando inicialmente apenas doentes, as medidas restritivas de liberdade rapidamente evoluíram para incluir o distanciamento social, restrição de viagens, fechamento de comércios e locais de aglomeração como instituições de ensino e ambientes de trabalho (NUSSBAUMER-STREIT *et al.*, 2020; XIAO *et al.*, 2020).

As consequências psicológicas, impostas pelo isolamento social e quarentena, ainda são objetos de estudo, entretanto a literatura já aponta um aumento de prevalência de sintomas de sofrimento e desordens mentais. Enquanto estudos quantitativos aferem como grupos socialmente isolados reportaram mais sintomas depressivos, maior dependência e abuso de álcool e critérios clínicos suficientes para o diagnóstico de estresse pós traumático, estudos qualitativos também identificaram uma gama de respostas psicológicas à quarentena como confusão, medo, raiva, pesar, embotamento afetivo e ansiedade (BROOKS *et al.*, 2020; HOSSAIN; SULTANA; PUROHIT, 2020). Pode-se considerar que o distanciamento social e os transtornos mentais mantiveram uma relação próxima de causa, efeito e agravamento mútuo (SOUZA; SOUZA; PRACIANO, 2020).

Os novos paradigmas de trabalho remoto, por sua vez, condicionaram para que o ambiente familiar e residencial fosse invadido pelo ofício, tanto físico quanto cronologicamente. Fisicamente, muitos trabalhadores e trabalhadoras precisaram

exercer seu trabalho de casa, ressignificando o espaço e a rotina do ambiente para abarcar novas funções. Cronologicamente, a falta de parâmetros físicos e temporais leva o trabalhador, paradoxalmente, a aumentar a quantidade de horas gastas em atividades laborais (FONSECA; PÉREZ-NEBRA, 2012; RAFALSKI; ANDRADE, 2015).

Tais transformações no universo do emprego podem ser analisada também a partir dos gêneros. O gênero feminino, por exemplo, é historicamente mais suscetível às mudanças de paradigmas laborais, sendo submetido precocemente a novos modelos de produção, como o trabalho informal e o trabalho em tempo parcial (HIRATA, 2002). Em um contexto em que salários, condições de trabalho e divisão do trabalho doméstico permanecem desiguais entre homens e mulheres, é questionável que a experiência do isolamento e trabalho remoto tenham as mesmas repercussões para ambos. De fato, há evidências de que o fardo aumentado de cuidado infantil e trabalho doméstico tenha afetado desproporcionalmente os gêneros, aumentando inequidades em trabalhos pagos, não pagos e mais intensamente, na produtividade acadêmica (CUI; DING; ZHU, 2020; DERNDORFER *et al.*, 2021; FARRE *et al.*, 2021).

Considerando a relevância do tema e os estudos citados, a presente investigação intentou analisar as representações sociais das mulheres sobre o trabalho realizado em razão do atendimento às medidas de distanciamento social impostas durante a pandemia de SARS-CoV-2. Trata-se, também, de ofertar uma escuta a essas mulheres a partir de uma entrevista semiestruturada e perceber como está sendo configurada essa questão. Nesse sentido, o contexto da pandemia, o isolamento social e o trabalho remoto, bem como seus impactos no universo laboral feminino foram investigados sob o prisma da teoria das Representações Sociais.

Para melhor organização desta pesquisa, dividiu-se este estudo científico sobre leituras e aportes teóricos dos quatro itens que serão expostos de forma resumida a seguir.

No primeiro capítulo, intitulado "O Lócus do Trabalho: Contribuições das Representações Sociais na Significação do Trabalho na Pandemia de Covid-19", serão exploradas as representações sociais construídas em torno do trabalho no contexto da pandemia. Para tanto, serão explorados diversos elementos que compõem esse lócus, tais como as mudanças nas condições de trabalho, as percepções de segurança e risco, os impactos psicossociais e as estratégias de adaptação adotadas pelos trabalhadores. Além disso, será dada ênfase à

compreensão das representações coletivas sobre o papel do trabalho na sociedade e as transformações ocorridas nesse contexto de crise.

No segundo capítulo, intitulado "O Feminino e as Representações Sociais: (Form)ação de Novos Saberes em Meio à Pandemia de Covid-19", será discutida a forma como as representações sociais podem contribuir para a emergência de novos saberes, conhecimentos e práticas, bem como para a transformação de estereótipos e normas sociais arraigadas. Ao compreender as representações sociais e sua influência na construção de saberes sobre o feminino na pandemia de COVID-19, podemos identificar desafios e oportunidades para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres.

No terceiro capítulo, intitulado "Demarcações do Trabalho Feminino na Covid-19: Aportes Teórico-Metodológicos", serão apresentados os objetivos, a caracterização da pesquisa e os procedimentos metodológicos adotados neste estudo. Será descrita a epistemologia que embasa a pesquisa, assim como a abordagem qualitativa explicativa utilizada. Será apresentado o campo de pesquisa, incluindo as mulheres entrevistadas, docentes que vivenciaram o trabalho durante a pandemia. Também serão descritos os procedimentos metodológicos adotados e a disposição das narrativas e categorias de análise utilizados na investigação.

No quarto e último capítulo, intitulado "Trabalho Feminino e o Lugar (In)comum: (Des)arranjos Virais", iremos apresentar os resultados da presente investigação à luz da estratégia metodológica de organização proposta por Lauren Bardin, nele temos a intenção de identificar as Representações Sociais das mulheres entrevistadas sobre o trabalho feminino e o trabalho na pandemia. Os dados coletados revelaram reflexões significativas sobre as vivências das participantes, permitindo-nos compreender de forma mais abrangente as complexidades e desafios enfrentados pelas mulheres, bem como as transformações e significações ocorridas.

2 O FAZER FEMININO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID 19: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO TRABALHO

A pandemia de COVID-19 trouxe desafios sem precedentes para a sociedade, impactando todas as esferas da vida, incluindo o trabalho. O ambiente de trabalho, antes caracterizado por suas rotinas e práticas estabelecidas, foi profundamente abalado pela crise sanitária global. Nesse contexto, torna-se fundamental compreender as representações sociais que emergem em relação ao trabalho durante a pandemia e como essas representações influenciam a sua significação.

As representações sociais são construções coletivas que refletem a maneira como as pessoas compreendem e atribuem sentido ao mundo ao seu redor. No contexto do trabalho, essas representações influenciam a forma como os indivíduos percebem, interpretam e valorizam suas atividades laborais. A pandemia de COVID-19, com suas consequências econômicas, sociais e psicológicas, tem desafiado essas representações, demandando uma reconfiguração do lócus do trabalho.

Este capítulo tem como objetivo analisar as contribuições das representações sociais para compreender a configuração do trabalho feminino durante a pandemia de COVID-19. Para tanto, serão explorados diversos elementos que compõem esse lócus, tais como as mudanças nas condições de trabalho, as percepções de segurança e risco, os impactos psicossociais e as estratégias de adaptação adotadas pelos trabalhadores.

Ao analisar as representações sociais que emergem durante a pandemia de COVID-19, podemos ampliar nossa compreensão sobre como os indivíduos constroem e reinterpretam o significado do trabalho em tempos de incerteza e adversidade. Essa compreensão é crucial para orientar políticas públicas, ações organizacionais e intervenções psicossociais que visem promover o bem-estar e a resiliência dos trabalhadores nesse período desafiador.

Dando início ao presente capítulo é necessário dizer que, tecer o arcabouço teórico que compila os alicerces deste trabalho implica debruçar-se sobre categorias de análise e conceitos que constituem a Teoria das Representações Sociais – TRS. Para tanto vamos utilizar como guia a proposição de Serge Moscovici acerca da concepção de sujeito para a TRS, principalmente considerando que “[...] não existe separação entre o universo externo e o universo interno do indivíduo [...], sujeito e

objeto não são forçosamente distintos” (MOSCOVICI, 1969, p. 9 apud ABRIC, 1998, p. 27).

No ínterim dessa complexidade indissociável, que destitui a dicotomia sujeito-objeto, articulam-se as ideias da psicologia social em movimento, dinâmica e contemporânea, que observa e lê o vivido no hoje, no agora, incluindo “[...] relações micro e macrossociais em tensão, que constituem a epistemologia do senso comum” (MARKOVÁ, 2017, p. 374). Destituir a dicotomia sujeito-objeto implica advogar pela indissociabilidade funcional deste duo, visto que

> [...] um objeto não existe por si mesmo, mas apenas em relação a um sujeito (indivíduo ou grupo); é a relação sujeito-objeto que determina o próprio objeto. Ao formar sua representação de um objeto, o sujeito de certa forma o constitui, o reconstrói em seu sistema cognitivo, de modo a adequá-lo ao seu sistema de valores, o qual, por sua vez, depende de sua história e do contexto social e ideológico no qual está inserido. (MAZZOTTI, 2002, p. 17).

A compreensão da representação, como múltipla, que agrega valores, contexto, ideologia e local de fala individual dão tom a uma visão de mundo que propicia ao sujeito compreender e significar a sua realidade, em um sistema de escolhas, referências e valores ímpares, pessoal, exclusivo e consoante com o seu lugar de pertencimento. Tem-se, então que

> A representação não é um simples reflexo da realidade, ela é uma organização significante. E esta significação depende, ao mesmo tempo, de fatores contingentes [...] – natureza e limites da situação, contexto imediato, finalidade da situação – e de fatores mais globais que ultrapassam a situação em si mesma [...]. (ABRIC, 1998, p. 28).

Ressalta-se que no cenário vivido – COVID-19 – estas organizações foram abaladas. A população viu-se impelida a construir novas representações do que era vivenciado, digerindo estar no centro de uma pandemia em curso, distanciamento social, isolamento, medos, receios etc. É do ínterim deste vivido que novas identidades se orientam e se constituem.

> O papel das representações sociais e da cultura, que delineiam as ações dos indivíduos na sociedade, também deve ser ponderado e analisado [...] visto que as representações sociais são formadas vinculadas ao contexto histórico, cultural e social. (LOPES, 2009, p. 56).

Desta multiplicidade – contexto histórico, cultural e social – abrem-se ricas discussões de variados matizes sobre as relações de gênero, sobre os atores sociais e suas atribuições, levando a questionamentos acerca de papeis desempenhados ou novos papeis a serem desempenhados pelos sujeitos e as divisões sociais implicadas as ações do feminino e do masculino.

Adentrar para estes debates, implica vislumbrar o sujeito como protagonista de suas reflexões, por entender que é neste universo híbrido, dotado dos fatores contingentes e globais, que são nutridas e obtidas informações de cunho compreensivo, além do estabelecimento de ambiente mais acolhedor, para investigações correlatas ao bem-estar psicológico individual. “[...] o estudo das representações sociais oferece um valioso instrumental para compreensão das complexas redes de significados presentes nos processos e práticas sociais” (MAZZOTTI, 2002, p. 35).

3.1 – AS FUNÇÕES DAS RS NA PRODUÇÃO DAS RELAÇÕES E NA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Utilizar a TRS como ponto basilar para um estudo compreende utilizar o seu “papel fundamental na dinâmica das relações sociais e nas práticas”. As funções que promovem as relações sociais, em uma abordagem ativa e dialética do sujeito que na relação com o outro se constitui e promove a constituição da realidade visto conter em si as “quatro funções essenciais”: I) Função de Saber - que permitem compreender e explicar a realidade, tocando a essência da cognição social; II) Função Identitária - que definem a identidade e permitem a proteção da especificidade dos grupos, trazendo à tona o controle social exercido pela coletividade nos processos de socialização; III) Função de Orientação - que guiam os comportamentos e as práticas, definindo o que é lícito, tolerável ou aceitável em um contexto social; e IV) Função Justificadora - que permitem, *a posteriori*, justificativa das tomadas de posição e comportamentos, analisando diferenciações sociais (ABRIC, 1998).

Logo, a TRS é ponto de partida para a compreensão da constituição da realidade e de como as representações sociais são ao mesmo tempo produtos e produtoras de realidade. Posto isso, evidencia-se a necessidade de caracterizar os processos de formação das RS a fim de identificar e compreender as representações do trabalho considerando o contexto da pandemia da Covid-19.

A TRS, proposta por Serge Mocovici (1978), oferece uma abordagem para compreender como as pessoas constroem e compartilham significados coletivos sobre aspectos da realidade. Assim, os processos de formação das representações

sociais desempenham um papel fundamental na construção e estabilização dos significados sociais. Um desses processos essenciais é conhecido como ancoragem.

A ancoragem é um processo cognitivo pelo qual as representações sociais são conectadas a elementos já existentes no sistema de conhecimento de um indivíduo ou grupo. Esses elementos preexistentes podem ser ideias, crenças, valores, símbolos ou práticas culturais que são utilizados como referências para compreender e atribuir significado a um novo objeto, conceito ou fenômeno. Por meio do processo de ancoragem, os novos elementos são ancorados em uma estrutura de pensamento mais ampla, tornando-as acessíveis e compreensíveis para os indivíduos e grupos.

De acordo com Moscovici (2015), a ancoragem é um processo de familiarização do novo, transformando-o em um conhecimento hábil a influenciar outras pessoas, revelando-se como uma verdade para certo grupo. Como o autor menciona:

> Pela classificação do que é inclassificável, pelo fato de dar um nome ao que não tinha nome, nós somos capazes de imaginá-lo, de representá-lo. De fato, a representação é, fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes (MOSCOVICI, 2003, p.62).

Esse processo envolve um juízo de valores; aquilo que era desconhecido passa a integrar aquilo que se conhece e é a ele adicionado, acrescido, possibilitando a sua classificação e categorização gerando uma cadeia de significações. Por exemplo, durante a pandemia de COVID-19, as representações sociais sobre o vírus podem ser ancoradas em fatos científicos, como taxas de contágio, sintomas e medidas de prevenção recomendadas pelos órgãos de saúde. Ou, ainda, as representações sociais sobre as trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia podem ser ancoradas em pesquisas específicas, como é o caso da pesquisa realizada por Pinheiro et.al. (2020).

É importante ressaltar que a ancoragem não ocorre de forma passiva, mas sim através de um processo ativo de negociação e atribuição de significados pelos indivíduos e grupos. Durante esse processo, as representações sociais são moldadas e reinterpretadas à medida que interagem com a realidade social e cultural em constante mudança.

Neste sentido, a presente investigação propõe explorar também o papel da ancoragem das representações sociais do trabalho durante a pandemia de COVID-19. Para tanto utilizamos como inspiração estudos como de Jodelet (1989), que investigou as representações sociais da loucura, mostrando como essas representações foram ancoradas em metáforas e imagens culturais relacionadas à insanidade. Também Jodelet (2015) investiga como as representações sociais e as identidades individuais são moldadas e influenciadas por fatores sociais, culturais e históricos, levando em consideração o contexto em que o sujeito está inserido. Ou até mesmo de Abric (1998), que discutiu a ancoragem das representações sociais sobre o trabalho e sua relação com as transformações socioeconômicas.

Das tensões advindas do período de isolamento e distanciamento social vividos em razão da COVID-19, por ser valioso ambiente teórico-metodológico para análise e interpretação do objeto de estudo proposto, visto que

> [...] o estudo das representações sociais nos parece essencial na psicologia social, porque ele oferece um quadro de análise e de interpretação que permite a compreensão da interação entre o funcionamento individual e as condições sociais nas quais os atores sociais evoluem. (ABRIC, 1998, p. 35).

O ator está em relação simbiótica com o que o circunda. Universos interno e externo dialogam invisivelmente, silenciosamente e dinamicamente no agir social do indivíduo, determinando ações de cunho individual e coletivo do humano.

> [...] abandonar a noção de sujeito corresponde à vontade de afastar uma visão dissocializada do indivíduo. Assim procedendo, [traz] contribuições importantes que poderão ser úteis para se pensar em novos termos a questão do sujeito e abordar sua constituição social, seus modos de subjetivação de maneira mais contextualizada e circunstanciada que a partir do apelo a condições globais históricas, políticas, econômicas e mesmo tecnológicas. Não se trata, de forma alguma, é claro, de desprezar estas últimas. Mas quando se trabalha sobre representações sociais com a preocupação de compreender e de intervir [...] em diversos campos de prática [...], forçosamente se deve pensar em termos que considerem as particularidades que afetam os indivíduos que intervêm como sujeitos “pensantes e agentes” [...]. (JODELET, 2015, p. 321).

Desta forma, o olhar crítico do pesquisador repousa-se sobre a constituição social do indivíduo, que *pensa e age* contextualmente, interagindo com suas vizinhanças e suas particularidades.

Ancorando-se na especialidade do momento vivido – a COVID-19, isolamento e o distanciamento social – é possível revisitar as ideias de Mazzotti (2002):

> [...] o que se passa quando os atores sociais são levados a desenvolver práticas sociais que estão em contradição com o seu sistema de representações? [...] se o ator social considera que a situação atual é reversível, isto é, que ela é temporária, os elementos novos e discordantes

> vão ser integrados na representação através de uma transformação no sistema periférico; se, ao contrário, julgar que ela é irreversível, as práticas novas e contraditórias terão consequência muito importantes sobre as representações. (p. 24).

A eclosão da situação pandêmica advinda do Coronavírus gerou impactos nunca antes vividos em todas as esferas sociais do globo terrestre, impactando diretamente os atores sociais ao desenvolvimento de práticas sociais contraditórias ao seu sistema de representações. Logo, a TRS fundamenta a análise do impacto desta alteração dos sistemas de representações, por

> [...] colocar em evidência as propriedades e os processos gerais além dos conteúdos particulares. Para tanto utiliza as fontes de formalização e o rigor de controle decorrente das experimentações. Nessa perspectiva a representação social é considerada um conjunto de elementos ligados por relações. Tal conjunto a aberto, possui uma parte estável, mas também uma parte que muda segundo as condições de ativação; os elementos da representação são identificados pelos elementos verbais que aparecem no discurso espontâneo ou provocado dos indivíduos, mas não é sobre o discurso enquanto objeto que se trabalhar; o discurso é visto como o porta-voz da cognição [...]. (ANADON; MACHADO, 2011, p. 43).

Tem-se, então, a importância de pesquisas que visem a descrição do bem-estar psicológico de atores, investigando-se a partir dos elementos verbais do discurso as mudanças ocorridas nestes elementos ligados por relações.

> [...] evoluções observadas nas ciências sociais ressaltam alguns atributos da noção de sujeito: liberação em relação aos determinismos sociais e às limitações e atribuições do sistema das relações sociais que são interiorizadas e conscientizadas; liberdade de decisão e de ação traduzida pela noção de “agentividade” [...]; referências aos processos psicológicos, emocionais e cognitivos que intervêm na relação do contexto de vida; reintegração da consideração da experiência vivida no universo cotidiano e das representações. Essas inflexões da reflexão desembocam na questão de saber como o sujeito pode ser ao mesmo tempo produto e produtor do social, instituído e instituinte. (JODELET, 2015, p. 319).

Portanto, a TRS auxilia na busca de compreensão dos processos psicológicos, emocionais e cognitivos que permeiam o contexto de vida. No vértice entre ser produto e produtor social, o ser é levado a uma complexa teia de tomada de decisões hibridamente ligadas ao seu interior e exterior.

> Uma representação é constituída de informações, de crenças, de opiniões e de atitudes a propósito de um dado objeto social. Este conjunto de elementos se organizado, estrutura-se e se constitui num sistema sociocognitivo de tipo específico [...] organizada em torno de um núcleo central, constituindo-se em um ou mais elementos que dão significado à representação. (ABRIC, 1998, p. 30-31).

Para tanto, conforme Abric (1998), em meio a este hibridismo de informações, crenças, opiniões e atitudes o núcleo central compreende valores, normas, ideologias,

rodeados por elementos periféricos, contemplando componentes mais vivos e concretos que originam o chamado duplo sistema.

> É a existência deste duplo sistema que permite compreender uma das características básicas das representações, que pode parecer contraditória: *elas são, simultaneamente, estáveis e móveis*, rígidas e flexíveis. Estáveis e rígidas posto que determinadas por um núcleo central profundamente ancorado no sistema de valores partilhado pelos membros do grupo; móveis e flexíveis, posto que alimentando-se das experiências individuais, elas integram os dados do vivido e da situação específica, integram a evolução das relações e das práticas sociais nas quais se inserem os indivíduos ou os grupos. (ABRIC, 1998, p. 34, Grifo do Autor).

Eis a complexidade disposta na indissociabilidade mundo interior/ mundo exterior, numa simbiose que constantemente coloca valores individuais e íntimos com a crítica de mundo que a todo momento o ator realiza, seja esta ação consciente ou espontânea. “Em outras palavras, na teoria das representações sociais, conhecimentos e crenças coexistem” (ALAYA, 2019, p. 276). Convém, pois, destacar o fazer metodológico, dialogar sobre as infindas possibilidades de aplicação da TRS como ferramenta auxiliar basilar da pesquisa.

> A construção da metodologia se torna, nas representações sociais como na antropologia ou na história, um trabalho extremamente artesanal, que não se inicia nem acaba na coleta de dados, mas começa antes, nas condições de produção das representações, prossegue na sua interpretação e ainda provoca o pesquisador ao final da pesquisa com a incessante pergunta: E agora, Jose? A missão não se encerra na interpretação dos dados. Caberia uma interpretação perspectiva, voltada para o corno, a partir destes resultados, problematizar a Representação Social e sua mudança. (ARRUDA, 2002. p. 14).

É o movimento de perguntas e respostas, coleta e interpretação, que dão cor a arte pintada por pesquisador(a), que no trato das dualidades, toca exercícios e negociações constantes sobre limites:

> Limites das possibilidades de investigar, das possibilidades do pesquisador, das do objeto, do contexto e da pesquisa. Dar conta desta complexidade exige que não nos detenhamos diante das velhas dicotomias: recorreremos ao quantitativo, desde que ele nos ofereça elementos para o trabalho de interpretação. Quantitativo/qualitativo não é uma dicotomia, mas sim urna parte das tensões constantes que e preciso aquilatar. Tratamos com dualidades, como outras tantas que se apresentam como perigos para a pesquisa, sem sê-lo, obrigatoriamente. (ARRUDA, 2002, p. 15).

Há de se esperar que investigações centradas na TRS sejam complexas, ímpares e multidisciplinares, pois o/a pesquisador/a se lança a seara de interpretação daquilo que coleta, legitimando suas leituras permeadas por suas variadas experiências como pesquisador/a, estudioso/a e acima de tudo, como um sujeito social. Esse perfil multifacetado é indissociável.

> [...] no que se refere aos processos e estados das representações sociais, a pesquisa se ocupa dos suportes da representação (o discurso ou o comportamento dos sujeitos, documentos, práticas, etc.), para daí inferir seu conteúdo e sua estrutura, assim como da análise dos processos de sua forma, de sua lógica própria e de sua eventual transformação. [...] na consideração do estatuto epistemológico das representações focalizam-se as relações que a representação guarda com a ciência e com o real, remetendo para a pesquisa das relações entre o pensamento natural e o pensamento científico, da difusão dos conhecimentos e da transformação de um saber em outro, bem como das decalagens entre a representação e o objeto representado, em termos de distorções, supressões e suplementações. (SÁ, 1998, p. 32-33).

No interstício da ciência com a realidade, as inferências advindas da pesquisa estarão permeadas pelas complexidades do construto humano, tanto do observador/a, quanto do/a observado(a).

"Sendo uma disciplina híbrida em um movimento contínuo, a psicologia social tem que lidar com as tensões produzidas por tais relações conjuntas. De fato, é o estudo dessas tensões que constitui o desafio e a especificidade da psicologia social" (MARKOVÁ, 2017, p. 361). E este hibridismo e movimento contínuo encontra-se no ínterim da TRS, operacionalizando as tomadas de decisões e imprimindo marcas nas leituras e interpretações realizadas.

> A abordagem estrutural das representações sociais aparece então como um elemento muito importante a ser considerado na análise de várias questões importantes relativas às ciências sociais: a compreensão e a evolução da mentalidades, a ação sobre as atitudes e as opiniões, a influência social (seja ela minoritária ou majoritária) e, enfim, a organização interna e as regras de transformação social. (ABRIC, 1998, p. 36).

Transformação social, eis o ponto de repouso de todo o labor aqui inserido. A eclosão pandêmica e suas imposições às ações e pensamentos dos sujeitos, somados ao contínuo movimento metamórfico da sociedade criaram e continuam a criar um novo enquadramento de atitudes e opiniões, conformando influências sociais ímpares.

> Interações heterogêneas entre os grupos e seus contextos específicos produzem uma variedade de estilos de pensamento e comunicação, alguns baseados em consenso, outros em dissenso e contradição. Comunicação não conduz necessariamente a uma melhor compreensão, harmonia e progresso. (MARKOVÁ, 2017, p. 363).

De fato, apesar da era da comunicação, com propagação de notícias em tempo real com o aporte da internet e smartphones, as heterogêneas interações não levaram a um estado de melhor compreensão, harmonia e/ou progresso em meio as ações e atitudes performadas decorrentes da pandemia do COVID-19. Insistir na

plotagem deste panorama de estudo – o da pandemia e do bem-estar psíquico de um dado grupo – dialoga com o pensamento de que

> [...] não faz sentido tentar estudar a representação de algum objeto por um dado conjunto social se esse fenômeno não existe, ou seja, se o grupo que selecionamos para o estudo simplesmente não tem uma representação do objeto que resolvemos estudar. (SÁ, 1998, p. 48).

Logo, o desconforto que nutre a via do(a) pesquisador(a) ao observar o mundo vivido impele a/o cientista a se debruçar sobre questionamentos e inferências deste período histórico-social pandêmico, à luz da TRS.

> A maneira pela qual o ego seleciona aspectos da realidade é parcialmente determinada por sua experiência social, suas intenções, suas expectativas e sua compreensão da situação. Quando aplicamos essa perspectiva teórica para a TRS, as relações vêm em primeiro lugar; elas combinam e usam capacidades intelectuais dos indivíduos de várias maneiras. As pessoas podem expressar suas ideias de diferentes formas, usando palavras específicas, gestos e símbolos. (MARKOVÁ, 2017, p. 370).

Ao buscar-se o estudo aqui posto, mira-se a um aspecto da realidade conformada pela experiência social individual e coletiva, protagonizando as relações, mesclando infindamente as capacidades intelectuais.

> [...] as condições materiais de existência determinam as representações do social, porque elas determinam os processos que estão à origem dessas representações. [...] Nesta perspectiva, eminentemente psicossociológica, a ocupação de uma posição social (a pertença a uma classe) se traduz pela adoção de modos operatórios (esquemas classificatórios e históricos) próprios a esta posição. [...] é finalmente pelo viés desses processos que os indivíduos elaboram suas representações (conhecimentos práticos do mundo social. Segundo esses postulados, existe, portanto, certa homologia entre as posições ocupadas pelos indivíduos no espaço social e as representações deste espaço elaboradas por eles. (DESCHAMPS; MOLINER, 2009, p. 113-114).

Pertença a uma classe, conceito primordial para afunilamento do corpus investigado – o de mulheres trabalhadoras – auxiliando num recorte que carrega em si uma posição social e modos operatórios próprios, que abalados pelas imposições pandêmicas promovem a elaboração de novas representações.

> [...] os indivíduos e os grupos ocupam lugares distintos e hierarquizados no espaço social. Essas hierarquias devem ser compreendidas em relação aos recursos de que dispõem os membros dos diferentes grupos. Mais concretamente, esses recursos correspondem ao capital econômico e cultural de que dispõem os indivíduos. (DESCHAMPS; MOLINER, 2009, p. 121).

Tal hierarquia social imprime marcas na organização das classes. Homens e mulheres carregam capitais culturais diferentes ao longo da história e as distorções oriundas de alterações cotidianas resultam em diferentes conformações de representações sociais.

> As RS não ditam as ações dos indivíduos, como se eles fossem forçados a agir conforme determinada representação, apenas reproduzindo-a, mas funcionam como orientadores para a ação, estando a esta última intimamente relacionada. Nessa relação entre representação e prática, os indivíduos têm papel ativo, já que as RS não ditam as ações, mas apenas definem as possíveis condições da ação (ROUQUETTE, 2000 apud COUTINHO; MENANDRO, 2015, p. 56).

Ao definirem possíveis condições da ação, as ações praticadas pelas mulheres em meio as restrições da COVID-19 sofreram a cobertura de um véu de expectativas imbricadas com o agir social prefigurado no imaginário comum, orientando suas ações.

> O papel da mulher na família transformou-se nas últimas seis décadas, mormente em função da crescente participação feminina no mercado de trabalho, com reflexos inevitáveis na vida doméstica. A consolidação de novas possibilidades para a vida da mulher caracteriza-se como processo complexo, marcado por avanços e retrocessos. (COUTINHO; MENANDRO, 2015, p. 52).

Se em um ambiente de rotina mais ordenada as transformações do agir psicossocial da mulher veio marcado por avanços e retrocessos, em meio à crise humanitária disparada pela pandemia, somatizam-se inevitáveis impactos e alterações no agir individual e coletivo deste grupo.

> Na distinção entre as diversas esferas de pertencimento das representações sociais, dois níveis (o subjetivo e o transubjetivo) merecem um esforço de reflexão particular e a elaboração de instrumentos conceituais e metodológicos adaptados. Essa iniciativa deve ser conduzida sem tardar, já que é evidente que, para abordar os problemas sensíveis de nosso mundo contemporâneo, o estudo das representações sociais deve se armar de perspectivas mais amplas. (JODELET, 2015, p. 325).

Em diálogo com a premissa de Jodelet (2015), a fim de se armar de perspectivas mais amplas e elaboração de instrumentos conceituais e metodológicos adaptados, convém debruçar-se sobre aportes outros, que tratem da [...] situação de desigualdade, a partir de considerações acerca da maneira diferenciada pela qual homens e mulheres manejam o seu tempo e articulam trabalho doméstico e trabalho assalariado (CYRINO, 2009, p. 58), vislumbrando as correlações entre gênero e TRS, visto que

> A incorporação do conceito de representação social à análise da discussão sobre a articulação entre trabalho doméstico e trabalho assalariado permite a emergência de vários questionamentos: as mulheres se sentem, de alguma forma, responsáveis pelo espaço doméstico? Quais são as crenças e valores mais evidentes acerca da suposta “natureza” feminina e masculina? De que maneira estas crenças e valores ajudam a entender melhor as desigualdades de gênero? Quais são as expectativas e os papéis que assumem tanto o homem como a mulher em funções como o cuidado com os filhos e a administração da casa? (CYRINO, 2009, p. 69).

Estes questionamentos entremeiam-se com as funções laborais desempenhadas pelas mulheres trabalhadoras. Eis o porquê de investigar-se o bem-estar psíquico deste grupo populacional durante o período pandêmico, uma vez que

> Para Moscovici, o conflito enfrentado pelas mulheres que aspiram ou já exercem posições de liderança, seja na política, no trabalho ou nas relações sociais em termos amplos, é uma transição entre a marginalidade social da mulher no mundo do trabalho e o reconhecimento de que a liderança eficaz não passa necessariamente por possíveis atributos exclusivamente masculinos. (CORSINI; FILHO, 2004, p.68)

Isto posto, avança-se às leituras e conceitos de gênero que corroboram com pensar crítico desta pesquisa, no item seguinte.

4 O FEMININO E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: (FORM)AÇÃO DE NOVOS SABERES EM MEIO À PANDEMIA DE COVID-19

À medida que avançamos com o desenvolvimento da presente pesquisa fica evidente que a pandemia de COVID-19 trouxe à tona uma série de desafios sociais, econômicos e de saúde em todo o mundo, impactando de maneira significativa a vida das pessoas. Vale expor este momento da história humana altera condições “naturais” e “o impacto econômico e demográfico da disseminação do vírus depende de fissuras e vulnerabilidades preexistentes no modelo econômico hegemônico” (HARVEY, p. 16, 2020).

Nesse contexto de crise global, as representações sociais desempenham um papel crucial na forma como as sociedades interpretam e atribuem significado aos eventos e fenômenos ao seu redor. Dentro desse contexto, é fundamental explorar o papel das representações sociais no entendimento e formação de novos saberes em relação ao feminino durante a pandemia.

A perspectiva de gênero e a construção social do feminino são temas relevantes para a compreensão das relações sociais e das dinâmicas de poder em nossa sociedade. A pandemia de COVID-19 evidenciou e amplificou diversas desigualdades e assimetrias de gênero existentes, desde o aumento da carga de trabalho das mulheres na esfera doméstica até a exposição desproporcional a riscos ocupacionais em setores considerados essenciais.

Este capítulo busca explorar as representações sociais relacionadas ao feminino durante a pandemia de COVID-19, destacando como essas representações influenciam a formação de novos saberes sobre a mulher e suas vivências nesse contexto desafiador.

Além disso, será discutida a forma como as representações sociais podem contribuir para a emergência de novos saberes, conhecimentos e práticas, bem como para a transformação de estereótipos e normas sociais objetivadas. Ao compreender as representações sociais e sua influência na construção de saberes sobre o feminino na pandemia de COVID-19, podemos identificar desafios e oportunidades para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres.

Dito isso, tem-se que ao longo da evolução humana vários papéis foram observados quanto as funções e tarefas desempenhadas por homens e mulheres,

que, amparados por perpetuações culturais, de comportamento, historicidade e período vivido, conformaram valores.

> Gênero é, portanto, o conjunto de atributos construídos pela cultura para designar os papéis que devem desempenhar homens e mulheres em cada sociedade. E como as sociedades mudam, esses papéis também mudam; e, se esses papéis mudam, a sociedade também muda. (SANTOS; BUARQUE, 2006, p. 25).

Convenções sociais difundidas por discursos de dados períodos, estabeleceram dicotomia homem-mulher, advogando pelo agir do masculino e do feminino, que de evoluções advindas de debates de cunho científico, psicológico e social, conformaram mudanças, levando ao conceito para além desta dualidade, no qual “o género deixou de ser fundamentado nas diferenças biológicas ou naturais, foi desnaturalizado, passando a ser visto como uma categoria relacional e política” (AZAMBUJA, 2008, p. 234).

Joan Scott (1991) escreve que o termo gênero, enquanto categoria de análise das relações entre os femininos e masculinos, é constituída histórica, cultural, coletivamente e, especialmente, possibilita identificar as relações de poder entre homens e mulheres. Ao propor o conceito de gênero, a pesquisadora identifica quatro elementos que constituem a sua definição. São eles: I) os símbolos que representam modelos construídos culturalmente, passados de geração a geração; II) Normativo - que debruça-se sobre as normas que determinam os direitos e deveres de homens e mulheres; III) Organizacional - que visita a estruturação estatal, da sociedade civil, dos poderes de cunho educacional e religiosos que ditam valores e normas sociais; e IV) a identidade subjetiva - focada no processo de formação identitária pessoal, no íntimo, na construção do indivíduo (SCOTT, 1995). Debruçando-se sobre o complexo que alicerça sua construção, tem-se que o gênero não é algo inato, mas sim um acordo existente nas interações sociais, constituindo-se como algo performativo.

Sendo o gênero um construto social, a sua parte performativa contém em seu âmago deliberações que conformam significações do feminino e do masculino.

> As composições de gênero determinam os valores e modelos deste corpo sexuado, suas aptidões e possibilidades, e criam paradigmas físicos, morais, mentais cujas associações tendem a homogeneizar o “ser mulher”, desenhando em múltiplos registros o perfil da “verdadeira mulher”. Se o masculino também é submetido a modelos de performance e comportamento, a hierarquia que funda sua instituição no social desnuda o solo sobre o qual se apoia a construção dos estereótipos: o exercício de um poder que se exprime em todos os níveis do social. (SWAIN, 2001, p. 12-13).

Vê-se que o gênero alicerça-se num exercício de poder que marca e modela os níveis sociais, segregando tarefas e ações em uma dualidade feminino versus masculino. “[...] Mulheres e homens continuam a ocupar lugares tradicionalmente traçados segundo sua “natureza” feminina ou masculina, esta mesma “natureza” desconstruída pelo feminismo contemporâneo. [...]” (SWAIN, 2001, p. 14). No imaginário dos atores sociais, as funções e demandas mantêm-se embricadas no agir consciente e inconsciente dos indivíduos.

> [...] Essas posições são hierarquizadas porque conferem poder aos indivíduos que as ocupam, daí resulta que, se esses mesmos indivíduos partilham efetivamente representações intergrupos, eles também dispõem de conhecimentos e de crenças relativos ao posicionamento social dos diferentes grupos face a face. Este posicionamento social corresponde sem dúvida a condições objetivas de existência. (DESCHAMPS; MOLINER, 2009, p.111).

No complexo de poder, hierarquia, gênero e posições sociais, “[...] as representações sociais, em um tempo e local determinados são também reatualizações de imagens que permanecem alojadas nos nichos do interdiscurso [...]” (SWAIN, 2001, p. 15) e ressignificam-se rotineiramente, alimentados por discursos disseminados por variados canais de comunicação, imprimindo novos paradigmas destes acordos fundados nas interações sociais.

> Representações de gênero remetem a um contexto social bastante amplo, além de incluir outras representações, como classes sociais, etnias, relações de subordinação, de hierarquia etc. [...] através desse viés, procura-se não só desvendar os processos de construção das representações que norteiam as interações entre homens e mulheres, como também redimensionar o papel que a mulher desempenha nesse processo. Mais especificamente, no âmbito profissional, explicitando o entrecruzamento de outros fatores como relações de poder, subordinação, identificação com a categoria gênero e auto-apresentação. (CORSINI; FILHO, 2004, p. 69-70).

As representações que guiam o masculino e o feminino compreendem em seu íntimo a perpetuação de poderes, limitando ou conformando a ação e papel da mulher no âmbito social, profissional, particular e íntimo, promovendo acúmulos de funções desprovidas de prestígio e/ou reconhecimento social, diminuindo suas ações e aspirações, visto que

> No saber instituído pela filosofia e pela história, a palavra dos “grandes homens” esclarece sobre a “verdadeira” natureza da mulher, repondo sem cessar, nos espaços interdiscursivos, representações pejorativas sobre o feminino que delimitam seu lugar no mundo, suas possibilidades e as práticas às quais ela deve se restringir. (SWAIN, 2001, p. 16).

Na perpetuação de um discurso entonado por vozes masculinas, o feminino abafa-se, engole seu agir delimitado pelo falar de outros, desnudo de poder efetivo,

conformado ao lugar de fala e ação menor, seja pelo ruído advindo das falas masculinas e a pressão econômica e cultural imposta por estes indivíduos dominantes.

> É evidente que o gênero dos sujeitos e o capital econômico ou cultural que dispõe são critérios que estruturam hierarquicamente o espaço social, simplesmente porque eles remetem a recursos que conferem poder àqueles que os possuem, mas o poder de que se trata aqui não se refere necessariamente a uma capacidade de ação ou influência sobre os outros. Ao contrário, é mais provável que se trate da capacidade de eximir-se ou de escapar à influência do outro. (DESCHAMPS; MOLINER, 2009, p. 112).

Ímpares são as mulheres que se eximem do crivo de aceitação da influência do outro sobre o seu agir social. De maneira geral, enquanto a unidade masculina advoga pela perpetuação de seu prestígio social, a segregação do feminino deita-se em inúmeras falas, que enfraquecem, subjugam, encolhem a força de um discurso, manipulado por bombardeios midiáticos que nutrem o “feminino ideal”.

> Os produtos culturais destinados ao público feminino desenham, em sua construção, o perfil de suas receptoras em torno de assuntos relacionados a sua esfera específica: sedução e sexo, família, casamento, maternidade e futilidades. A ausência, nas revistas femininas, de debate político, de assuntos econômico-financeiros, das estratégias e objetivos sociais, das questões jurídicas e opinativas é extremamente expressiva quanto à participação presumida, à capacidade de discussão e criação, ao próprio nível intelectual das mulheres que as compram. (SWAIN, 2001, p. 19).

Imersas em um círculo de saberes cerceado pelo sexo, sedução, família, maternidade e futilidades dos mais variados matizes, o imaginário coletivo da mulher e seu papel social, suas representações sociais, suas aspirações e ações ficam turvadas por esse mix de aspirações que impregnam o “ser mulher” com a perfeição nos afazeres domésticos, trato e cuidados com a família e rompimento de barreiras e autoafirmação no seu agir profissional.

> É interessante perceber como tais discursos/práticas foram produzidos, mantidos e reforçados ao longo dos anos, não cedendo por completo aos inúmeros avanços que facultam à mulher possibilidades adicionais à maternidade e ao casamento. Historicamente, produziu-se um conhecimento acerca do que é ser mulher (adequado aos interesses que então prevaleciam) que permitia ao senso comum compreender a realidade e dar significado a comportamentos e atitudes considerados importantes para aqueles contextos. (COUTINHO; MENANDRO, 2015, p. 55).

Ressalta-se que as representações sociais deste agir feminino não atuam de maneira compulsória sobre o que é ser mulher, forçando-as a agir de maneira predeterminada, mas sim operam como guia comportamental, definindo os possíveis “agir” do ser mulher e, consequentemente, corroborando para acúmulos das

aspirações sociais e profissionais que contemplem todo as atitudes e sucessos considerados importantes para o papel feminino neste complexo imaginário coletivo.

> As mudanças ocorridas no Brasil nas últimas décadas – na composição do mercado de trabalho, na estrutura demográfica e nas relações familiares e afetivas – abalaram o modelo tradicional que concebe o homem como o provedor da casa e a mulher como a única responsável pelo trabalho doméstico não remunerado. Entretanto, mesmo quando provedora do lar e estando empregada integral ou parcialmente, a mulher não se desvincula dos encargos reprodutivos, continuando a executar as tarefas domésticas e de cuidado. Isso gera um aumento da carga horária total do trabalho feminino (remunerado e não remunerado), configurando o que comumente se denomina de dupla ou tripla jornada. (SCHABBACH, 2020, p. 331).

Logo, há de se esperar que as duplas ou triplas jornadas impactem nesta conformação do papel feminino. Este acúmulo de funções que a mulher idealizada aceita, desempenha e engole como sendo salutar corrobora com a formação de novas representações sociais, representações essas que advogam por uma mulher múltipla, capaz de infindos afazeres sem esgotamento, que mantém em dia o labor profissional, pessoal em perfeito equilíbrio.

Tendo como premissa que “Os diferentes segmentos de uma sociedade não são intercambiáveis: eles são hierarquizados”, observa-se que este papel social do feminino não existe por simples razão senão a manutenção de esferas hierárquicas preestabelecidas. Uma vez que, “Os agentes sociais que são levados a mover-se nesta sociedade estão conscientes desta hierarquia”, prevê-se que este movimento das mulheres que permite o acúmulo destas jornadas, estes múltiplos afazeres do ser mulher dialogam com a consciência de algumas desta posição hierárquica, que as impulsiona ao somatório incessante de afazeres em prol de uma escalada de âmbito social, profissional e de prestígio, com ânsia de reconhecimento e avanços, uma vez que “Estas representações do social lhes fornecem guias de interpretações das situações nas quais eles se encontram. Eles são então induzidos a levá-los em conta na maneira de perceber-se e de perceber os diferentes grupos de seu entorno”. As ações do feminino são permeadas por essa consciência social, que ora impulsiona a avanços e ora esmaga suas ações com acúmulos de funções. (DESCHAMPS; MOLINER, 2009, p. 124).

> A possibilidade concreta de ter atuação profissional amplia o horizonte feminino, que até então limitava-se ao território da vida privada, mas impõe às mulheres novas exigências para conciliar esses diferentes compromissos, com o que a maior autonomia feminina só tem sido possível com a conjugação de atribuições. A necessidade de conciliar diferentes vertentes de atuação, sobretudo quando está envolvida a maternidade, não é vivida sem dificuldades pelas mulheres na atualidade [...]. (COUTINHO; MENANDRO, 2015, p. 68-69).

Ser mulher, então, comporta em seu universo de expectativas a possível conciliação entre atividades já consolidadas com o papel feminino – do lar, da família, do emocional – com as acirradas competições do mundo afora, seja impulsionado pelo desejo de independência e/ou saúde financeira, seja pelas ambições de prestígio associadas ao “sucesso” em todas as esferas da mulher moderna. De fato, o ser feminino agora acumula, para além das atividades públicas e privadas, a adição da pressão social sobre o corpo, que dita extra atividades para cultivo do bem-estar físico dentro de padrões estereotipados pela mídia e uma fala silenciosa perpetuada por discursos que circulam nas variadas esferas de interação humana. Embora ao longo dos anos tenha ocorrido

> [...] uma melhora da situação das mulheres [...] muitas de suas representações sociais/opiniões – enquanto manifestações difusas de violência simbólica veiculadas na comunicação intersubjetiva – legitimam e reproduzem as assimetrias que alicerçam a organização social de gênero [...]. Ao mesmo tempo, elas reforçam a arraigada dicotomia entre o espaço público – do trabalho dito produtivo e da macropolítica, com participação hegemonicamente masculina – e o espaço privado – das relações íntimas e do trabalho reprodutivo e feminino [...]. (SCHABBACH, 2020, p. 344).

Sendo a representação social construída cotidianamente, sem parâmetros estanques e em franco diálogo com o vivido, o discurso de superfície da parcela populacional feminina nota evoluções nos papeis e possibilidade de ação da mulher. Contudo, ao investir-se em camadas mais profundas do pensamento, as convenções sociais perpetuam as assimetrias e disparidades competentes ao agir do feminino versus o do masculino.

> A repercussão do movimento feminista levou à formulação do conceito de gênero, e os vários campos do saber o têm incorporado como uma teia de relações de poder que se estabelecem entre as mulheres [...] O problema é que o desconhecimento da especificidade da contribuição das mulheres leva a aumentar a subestimação das práticas por elas exercidas no espaço familiar e no produtivo, acentuando a idéia do subemprego feminino. A invisibilidade que cerca o estudo das diferenças de gênero fortalece a reprodução das desigualdades junto às possibilidades e às oportunidades de emprego que podem ser oferecidas às mulheres pelo desenvolvimento. (MELO; CONSIDERA; SABBATO, 2007, p. 442).

Invisível, apagada, de prestígio laboral negado. Por vezes é este o universo feminino, que no desempenho de suas múltiplas funções, opera como batalhadora de uma carreira profissional de sucesso, transpondo inúmeros obstáculos cotidianos para equilibrar em meio as atividades do universo visível, os subestimados afazeres do seu mundo particular. Ressalta-se que

> [...] o género não é algo que existe dentro dos indivíduos, pronto para ser descoberto e medido pelos cientistas sociais, mas um acordo existe nas

> interações sociais: é precisamente tudo aquilo que concordamos que seja. [...] Portanto, o que interessa destacar aqui é o carácter político que o termo género adquire [...], seu potencial subversivo e transformador. [...] os significados associados ao masculino e ao feminino não são fixos ou estáticos, mas contextualmente específicos (cultural e historicamente locais), isto é, são construídos e localizados. Como tal, estão continuamente abertos à desconstrução e, fundamentalmente, à reconstrução. [...] (AZAMBUJA, 2008, p. 234-234).

Logo, é importante compreender que ao falar-se do feminino, mira-se o desempenho de atores sociais do que é acordado socialmente – mulheres cis, trans, heterossexuais, homossexuais, preta, branca etc. O debate acerca do gênero repousa-se na fluidez dos significados associados ao feminino e masculino, as estruturas de poder que intermeiam suas relações e o caráter político-social que o termo contém.

> [...] o enfoque desses estudos é mostrar a relação entre homens e mulheres, e não a mulher a submissão do homem na história. Por esse motivo é criada a categoria de gênero a fim de estabelecer as questões sobre a diferença sexual, porém salientando que a construção social é feita a partir dos papeis de ambos na história, não pode ser estudado separadamente. (SILVA, 2019. P. 170).

Fixado este olhar que se desvia da leitura de mulher submissa ao homem, com o debate focado na construção social advinda do gênero, avança-se para uma análise

> [...] que considere a historicidade das representações sociais oferece, portanto, a possibilidade de, ao sopesar sua dimensão estável e dinâmica, estabelecer um referencial analítico e interpretativo acerca do conteúdo representacional no sentido de investigar os processos que o constitui, contribuindo, com isso, para sua desnaturalização, ou seja, para a compreensão de que ele é parte de uma construção histórica e não uma espécie de “universal abstrato”, na medida em que permite tornar visível a “experiência histórica de nossa sociedade”, que se expressa na atualização de elementos do passado presentificados nas representações sociais contemporâneas. (BÔAS, 2010, p. 398-399).

Faz-se necessário abandonar estigmas figurantes no imaginário comum, desnaturalizando construções históricas para observação e interpretação de eventos do agora, frutos do período inimaginável a pouco vivido, do isolamento, distanciamento, de medos, de silêncio e de pesado fardo para o feminino. Desta forma,

> [...] novas opções e diversidade de ações alterariam reflexivamente as rotinas, vislumbra[ndo] alternativas às desigualdades encontradas e, a partir daí, o surgimento de possibilidades para uma possível desaceleração das mulheres, que vivenciariam tempos e espaços propícios a uma organização mais seletiva e livre do seu tempo. (CYRINO, 2009, p. 89).

Uma organização mais seletiva e livre do seu tempo é o que escapa entre os dedos do agir do feminino atual. Eis a razão pela qual convém a investigação das implicações do isolamento e fusão casa-trabalho-família no íntimo pensar de trabalhadoras. Estes pensamentos outros são árduos no caminhar, uma vez que

> Romper com a associação do feminino com o doméstico não é tarefa fácil, pois implica em se desmontar pressupostos morais, crenças e valores estabelecidos sobre as diferenças entre homens e mulheres. Implica em se questionar representações de gênero tradicionais que contribuem para criar um meio discursivo em que diferenças socialmente construídas são vistas como inevitáveis e naturais. (CYRINO, 2009, p. 89).

Logo, impactos de matizes ímpares perpassam o agir sobrecarregado da mulher, do feminino, da trabalhadora. O ideal de subversão de papeis, fluidez na consagração de ações e papeis sociais perpassa a desconstrução de conceitos, rompimento de dogmas, debates e discussões que toquem a ferida aberta que tem como núcleo reflexivo o gênero, em especial, o feminino.

> [...] o escopo teórico das representações sociais pressupõe que seus conteúdos sejam estruturados – e um dos objetivos da teoria é justamente identificá-los e analisá-los – a consideração de sua historicidade é fundamental para a compreensão dos processos de generatividade e de construção de estabilidade, haja vista que as representações sociais são tanto fruto da reapropriação dos conteúdos advindos de outros períodos cronológicos como daqueles gerados pelos novos contextos [...]. (BÔAS, 2010, p. 381).

As representações sociais que compõem este agir feminino carregam bagagens de outrora, contaminados pela reprodução contínua de conteúdos que carecem de identificação, investigação e ressignificação. Se novos contextos contribuem a esta ação de novas estruturações, gênero-mulher-trabalho-isolamento-pandemia fundam alicerce para a construção de novos saberes, novas ações, novas motivações.

Erguendo-se o construto da pesquisa sobre este alicerce citado, permite que da fusão temática gênero e TRS gere farto banquete intelectual, uma vez que liga criada fomenta a compreensão dos aspectos simbólicos correlatos ao discurso de grupos variados.

> Os perigos da pesquisa demandam outro tratamento. Enfrentar nem sempre é combater. Moscovici falou da metodologia como sabedoria de viver, quando a pesquisa é nossa vida. Viver é muito perigoso. O novo assedia em cada esquina, desestabilizando a mesmice. Precisamos repetidamente reiterar nosso pacto com a realidade. (ARRUDA, 2002, p. 21).

Assim, buscar a cisão de representações dogmáticas que circundam o agir do feminino não caminha pela estrita linha de combate. No caminho perigoso da vida,

empregar métodos para promoção de reestruturações é ato heroico de repactuação do impensado com a realidade e, por essa razão, o item seguinte visita as relações coexistentes entre o feminino e o trabalho.

4.1 O TRABALHO, O CAOS E O FEMININO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS TECIDAS NO ISOLAMENTO SOCIAL

O trabalho, como uma esfera central da vida das pessoas, sofreu transformações abruptas em virtude das restrições impostas pela pandemia. O trabalho remoto, a flexibilização de horários, as demissões e a insegurança econômica se tornaram realidades comuns para muitos indivíduos. Nesse contexto, as representações sociais emergem como uma forma de compreender e atribuir sentido às mudanças vivenciadas, assim como de refletir sobre os papéis de gênero e as desigualdades presentes no mundo do trabalho.

O caos que permeia o isolamento social traz consigo um ambiente de incerteza, medo e desordem. As representações sociais são mobilizadas para lidar com essa realidade caótica, buscando organizar, categorizar e atribuir significados aos eventos. No contexto do feminino, as representações sociais podem refletir as experiências e os desafios enfrentados pelas mulheres no enfrentamento do caos, incluindo a sobrecarga de trabalho, a conciliação entre as responsabilidades domésticas e profissionais, e a vulnerabilidade a situações de violência e opressão.

Ao explorar as representações sociais tecidas no isolamento social em relação ao trabalho, ao caos e ao feminino, esta seção busca compreender como essas representações se entrelaçam, influenciando a percepção e a construção da realidade. Serão examinadas questões relacionadas à divisão de tarefas domésticas, à conciliação entre vida pessoal e profissional, à ressignificação do trabalho e às estratégias de enfrentamento adotadas pelas mulheres diante das adversidades.

A análise das representações sociais no contexto do trabalho, do caos e do feminino durante o isolamento social é fundamental para a compreensão das experiências vividas pelas mulheres, bem como para a identificação de possíveis desafios e oportunidades para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento feminino.

Então, adentrando ao universo de vozes complexas, polêmicas e contraditórias, as vistas repousam sobre a plasticidade das teorias que compõem os

estudos de gênero. Neste espaço, o prisma focal observa as divisões de trabalho, baliza-se pelo binário natureza versus cultura e encontra alento nos estudos que analisam os processos laborais do feminino nos espaços públicos e privados.

> Embora a modernidade e a ruptura com formas mais tradicionais de organização da vida social tenham propiciado uma certa evolução na condição das mulheres, com a emergência de novos valores, ainda persistem, na contemporaneidade, relações hierárquicas entre os gêneros em que os homens assumem, na vida social, as posições dominantes e mais valorizadas. Daí a importância de estudos que considerem a dimensão do trabalho como categoria central de análise das relações de gênero, já que esta categoria incorpora, historicamente, visíveis relações de desigualdade e de poder assimétrico entre homens e mulheres. (CYRINO, 2009, p. 68).

Por conter as relações de desigualdade e de poder assimétrico entre masculino e feminino que discorrer sobre o trabalho feminino está de acordo com o fomento do estudo aqui posto. Mesmo que “[...] as mulheres tenham alcançado conquistas no mercado de trabalho, as relações de poder masculino ainda se evidenciam nas representações sociais sobre esse grupo dentro do contexto de trabalho” (ALVES et al., 2020, p. 434).

A mulher age multifuncionalmente, equilibrando os fazeres de sua carreira com os do seu cotidiano particular, somando tarefas, responsabilidades e preocupações sem equivalente implemento de sua posição de prestígio social, profissional e cidadão. Porém, esta multifuncionalidade vem atada a preceitos inseridos no imaginário comum, herança do patriarcado que delimita “as relações de poder que se estabelecem entre homens e mulheres e, sobretudo, as questões relativas à divisão social do trabalho e o espaço do masculino e do feminino na sociedade” (LOPES, 2009, p. 109).

Apesar deste desdobramento na utilização do tempo, das divisões e/ou acúmulos de função que as mulheres experienciam, o somatório continua pendendo a parca divisão de tarefas do âmbito invisível, as tarefas domésticas que insistem em não serem normalizadas e/ou incorporadas ao rol de atribuições masculinas.

Contudo, é notável um “[...] maior protagonismo das mulheres no mercado de trabalho que, mesmo que ainda não seja o ideal, apresenta avanços em relação ao lugar que historicamente é destinado à mulher nesse contexto” (ALVES et al., 2020, p. 435) de ocupação e ação profissional.

> Podemos identificar no mundo do trabalho um descompasso entre o discurso que prega a igualdade entre homens e mulheres e as práticas que se verificam no dia-a-dia. Constatamos, é verdade, mudanças que apontam novos valores e conceitos, incluindo a redução das barreiras que impedem o

> acesso das mulheres a cargos gerenciais, mas algumas dissimetrias no setor empresarial permanecem. (CORSINI; FILHO, 2004, p. 67).

Apesar deste descompasso entre discurso e ação, é nítido que o eco dos discursos que advogam por condições igualitárias no ambiente de trabalho repercute, derrubando barreira e permitindo a ocupação feminina em locais, ora consagradamente, ocupados por homens. Bruschini (1998) afirma que

> [...] no âmbito da oferta de trabalhadoras, tem havido significativas mudanças. Restam, no entanto, algumas continuidades que dificultam a dedicação das mulheres ao trabalho ou fazem dela uma trabalhadora de segunda categoria, que está sempre em desvantagem no mercado. Em primeiro lugar, elas seguem sendo as principais responsáveis pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos e demais familiares, o que representa uma sobrecarga para aquelas que também realizam atividades econômicas. Em segundo, a presença de filhos pequenos continua sendo um fator que dificulta a ocupação feminina. (p. 5).

Ser mulher, trabalhadora, do lar, mãe, responsável, sexy, ativa, feliz. Estereótipos sustentados por discursos que repetem falas de outrora com uma autoridade fundada em pilares do patriarcado. Sua “gênese é expressão do processo de socialização promovido pela ação educativa e da subjetivação de homens e mulheres. Ou seja, o processo de cristalização das relações de poder ancora-se na educação pautada em uma ideologia patriarcal” (LOPES, 2009, p. 215).

O labor feminino persiste, encoberto por dados imprecisos e carência de representatividade social quanto aos seus fazeres do campo invisível – os do lar.

> [...] estando ou não no mercado, todas as mulheres são donas-de-casa e realizam tarefas que, mesmo sendo indispensáveis para a sobrevivência e o bem-estar de todos os indivíduos, são desvalorizadas e desconsideradas nas estatísticas, que as classifica como “inativas, cuidam de afazeres domésticos”. Caso fossem consideradas ativas, as taxas globais de atividade feminina seriam superiores a 95% e, no caso das esposas, atingiriam a cifra de quase 100%. Mesmo assim, esses percentuais não expressam a real contribuição das mulheres para a sociedade, posto que as ativas também cuidam dos afazeres domésticos, mas sua dupla jornada não é captada pelos dados. (BRUSCHINI, 1998, p. 5).

A faceta de mantenedora dos afazeres domésticos é a caracterização feminina que mais persiste ao longo dos anos, sendo sempre revisitada ou ressaltada em trabalhos e discussões sobre o labor feminino. Embora haja crescente movimento para o fomento de homens funcionais, operando na divisão das atividades do lar, a premissa de que a mulher, estando ou não no mercado de trabalho, acumula a sua jornada profissional os afazeres de gestão do lar e execução das tarefas desvalorizadas e desconsideradas, com o advento da inclusão de carga extra às que se enquadram no papel social de esposa.

Porém, engana-se quem pensa que o discurso e debate acerca dessa invisibilidade perpassa a criação de uma mulher “vitimizada”,

> [...] as motivações da mulher trabalhadora propiciam o tensionamento necessário à explicitação de demandas capazes de contribuir para a realização de sentidos e de sentimentos inerentes à constituição de identidade de sujeito individual e coletivo. Ou seja, as experiências de contradições de classe existentes na condição de trabalhadora permitem à mulher flagrar suas angústias individuais e aquelas compartilhadas no trabalho, como potencializadoras da constituição de identidade de vivências singulares, como também sociais e coletivas, agora responsabilizada e comprometida com os seus desígnios enquanto sujeito. (VASQUEZ, 2006, p. 129, Grifo do autor).

Logo, a mulher trabalhadora se constitui de suas experiências para entender o seu processo constitutivo, utilizando as situacionalidades advindas de sua posição social, profissional e familiar para submergir e endossar os discursos que potencializam a formação de sua identidade, gerando, num conjunto, grosso ruído em prol da presença feminina nas mais variadas esferas sociais e profissionais.

O trabalho feminino carrega em seu ínterim uma duplicidade, dos afazeres visíveis (remunerado) e os invisíveis (tarefas domésticas) e

> Esta duplicidade de responsabilidade e a consequente aceleração de ritmos e cadências vivenciadas por mulheres que procuram manter-se no mercado de trabalho sem romper com seus antigos afazeres domésticos, indica o surgimento de um extremo disciplinamento temporal, que traz inúmeras queixas e insatisfações, gerando um elevado nível de conflito para as relações de gênero. (CYRINO, 2009, p. 89).

Consequentemente, esta duplicidade de responsabilidade resulta no desgaste do indivíduo que, por inúmeras vezes, carrega a dupla jornada sem a possibilidade de partilha com os seus pares do ambiente doméstico. Esta sobrecarga encontra respaldo na normalização das multitarefas em razão do discurso de

> [...] alienação presente no modelo da Cultura da Qualidade do capitalismo flexível. Trata-se de práticas cotidianas de superação de limites, do frenético ritmo de produção, da acumulação de tarefas, ou das múltiplas funções que sustentam os ideais de competência, do chamado empoderamento da sociedade do Me, myself and I e o pavor do desemprego que faz com que trabalhadores e trabalhadoras silenciem suas dores e sofrimentos. (VASQUEZ, 2006, p. 142-143, Grifo do autor).

Institui-se assim uma cultura de labor pautado em competências, eficiências e qualidade infindas. Para a mulher e sua jornada, somatizam-se ainda a cultura do corpo e aparência perfeitos, uma representação sexuada e heterossexual quease que romantizada nos discursos produzidos pela indústria midiática. Conforme Swain (2001),

> As tecnologias da mídia e especialmente as revistas femininas elaboram, em torno do aparelho genital, os contornos e limites de um corpo sexuado impregnado de valores, crenças, atualizando e reafirmando representações que passam a existir nas práticas que as elaboram. Assim, o corpo construído em feminino exprime as modalidades culturais que o confinam a um gênero que se torna [...]. As matrizes de inteligibilidade que constroem este corpo naturalizado em sexo feminino podem ser identificadas em torno da família heterossexual e de atributos essencializados na "verdadeira mulher": sedução, maternidade, submissão, altruísmo, abnegação. (p. 41).

A verdadeira mulher, sedutora, materna, submissa, altruísta e abnegada busca, na atualidade, equilibrar-se em meio a sua posição multifacetada e híbrida, encontrando o quase que impossível caminho para integrar a tudo isso a figura de indivíduo de sólida carreira profissional e prestígio financeiro e social. Neste hibridismo

> [...] as mulheres ainda se encontram envolvidas com representações sociais de gênero objetivadas nas ideologias do patriarcado, permeadas por imagens representativas disseminadas pelas instituições religiosas, familiares, entre outras, qual seja: a superioridade masculina e a inferioridade feminina, prevalecendo que o primeiro seja aquele que domina e à segunda restam a submissão e a sujeição. (LOPES, 2009, p. 223).

No ínterim deste pensamento, poucas mudanças ocorrem no tocante ao trabalho do lar. Desta forma, o acúmulo de tarefas que exaurem as mulheres persiste, com poucas alterações na divisão dos afazeres domésticos que, permeados pelo discurso da superioridade masculina, direciona este trabalho invisível para uma subcategoria, de obrigação feminina e de valor pífio. Não obstante, no

> [...] discurso da mídia [vê-se] em funcionamento uma das tecnologias de produção do corpo sexuado, o aparato da produção do corpo feminino útil e dócil dentro das normas heterossexuais, que instituem o binário inquestionável do sexo biológico no social fazendo funcionar, no jogo da linguagem e da imagem, os mecanismos de assujeitamento à norma. (SWAIN, 2001, p. 42).

A mulher moderna esvai-se em uma corda bamba na qual o sistema patriarcal continua a ditar inúmeras imposições do seu ser. O peso desses dogmas traz "[...] o feminino designado por representações do amor, do cuidado, cuja identidade se traduz pela condição de esposa e mãe, que, em última instância, assinala o papel de serva à mulher" (LOPES, 2009, p. 219).

Perfeita e sexy, independente, de sucesso, esposa, mãe, amorosa, cuidadosa, serva, muitas de uma só que, ao final da jornada, repercute em suas ações um eco de competências sem fim, fundando a mulher eficiente que "dá conta de tudo". Porém, "[...] o movimento feminista, mesmo o acadêmico, revela uma voz que não se acomoda, voz de quem tem o que dizer, de quem tem o que perguntar. O desafio é

construirmos um mundo justo e solidário, homens e mulheres juntos" (VASQUEZ, 2006, p. 146).

É pelo discurso, mesmo que ainda abafado, dos movimentos sociais e feministas que as alterações nas representações sociais se metamorfoseiam em ação. Educação e emprego, alinhados a criticidade alicerçam essa reconstrução das relações intrínsecas ao trabalho feminino, transformando a sociedade e as esferas de atuação social da mulher. Acerca disso, Bruschini (1998) declara que as

> [...] transformações existem, provocadas pelo impacto da escolaridade e dos novos padrões demográficos e culturais, e podem ser constatadas nas elevadas taxas de participação das instruídas, no acesso das mais preparadas a cargos de comando, a profissões de prestígio, como a arquitetura, a medicina, a advocacia, a bons empregos nas instituições financeiras e bancárias e a serem proprietárias de negócios no comércio e nos serviços. É neste polo que estão ocorrendo as mudanças mais significativas. A médio e longo prazo, é possível que o acesso de contingentes cada vez maiores de mulheres às ocupações e aos empregos mais qualificados crie condições para que a segregação ocupacional seja rompida e as desigualdades salariais superadas. (p. 30).

É inegável o aumento da presença feminina no espaço público, ainda mais no decorrer das últimas décadas. Convém, todavia, fazer vistas ao silencioso ambiente do lar, da vida privada, no qual a mulher continua a desempenhar as atividades consagradamente "femininas". É sabido que

> O papel feminino assentado na reprodução biológica, com ênfase na maternidade e na realização de afazeres domésticos, definiu o lugar da mulher na esfera privada e, seu contraponto, o papel masculino no exercício do poder econômico na esfera pública. Essa dicotomia entre os papéis masculino e feminino, embora esteja traçada ao longo dos séculos nos seus aspectos fundamentais, e consagrada numa relativa divisão sexual do trabalho, tem variado bastante ao longo da história da humanidade. (MELO; CONSIDERA; SABBATO, 2007, p. 436).

Contudo, embora variáveis desta dicotomia do papel feminino versus o masculino, de do lar versus o do provedor, tenha se alterado em razão de inúmeras razões – a família como instituição mudou, a economia em muitos casos obriga que todos os adultos sejam provedores, as relações de consumo e de prestígio associados a carreira e seus sucessos etc. – as tarefas do lar e a gestão da maternidade permanece no rol das atividades da mulher.

As alterações desse arranjo social enviesaram-se sobre o agir feminino, em contrapartida, o arranjo social do masculino pouco se alterou ao longo do tempo, tanto que as mulheres acabam por aplicar "[...] um modelo masculino tanto de gestão, quanto de comportamento na[s] empresa[s]" (CORSINI; FILHO, 2004, p. 78).

Ressalta-se, porém, que embora as práticas no ambiente de trabalho busquem o modelo de agir do masculino, há no agir feminino "uma certa tendência a

buscar um modelo próprio” (CORSINI; FILHO, 2004, p. 78). Essa tendência perpassa um agir crítico que vem entremeado ao discurso feminista, revisitando práticas, explorando possibilidades e advogando pela equidade entre os gêneros.

Uma vez que “A repercussão do movimento feminista levou à formulação do conceito de gênero, e os vários campos do saber o têm incorporado como uma teia de relações de poder que se estabelecem entre as mulheres e os homens (Scott, 1994 apud MELO; CONSIDERA; SABBATO, 2007, p. 442), é de estimado valor dar visibilidade aos feitios deste movimento na tecitura de toda a leitura que neste trabalho é exposta.

Sabendo que a família é na atualidade um construto heterogêneo, onde indivíduos ímpares convivem em prol de sua sobrevivência, não dar voz aos afazeres não remunerados operacionalizados pela mulher no âmbito de sua vida particular é promover, de certa forma, um apagamento das falas militantes do passado e de agora, afinal, “A invisibilidade que cerca o estudo das diferenças de gênero fortalece a reprodução das desigualdades junto às possibilidades e às oportunidades de emprego que podem ser oferecidas às mulheres pelo desenvolvimento” (MELO; CONSIDERA; SABBATO, 2007, p. 442).

No tocante ao trabalho feminino, ressalta-se que ao somatório de suas atividades existe essa parcela abnegada, desprestigiada e historicamente delegada ao seu papel social – os afazeres domésticos. “[...] na teoria econômica, essa discriminação é proposital: os serviços gerados na execução dos afazeres domésticos não são contados no PIB dos países; vale dizer, não são valorados, e por isso, consequentemente não reconhecidos socialmente” (MELO; CONSIDERA; SABBATO, 2007, p. 451). Genericamente, a balança que opera quanto ao prestígio de uma atividade utiliza o capital como unidade de medida, logo, este trabalho invisível – o doméstico – fica marginalizado por ser, muitas das vezes, desempenhado pela mulher em seu “contraturno”.

O trabalho feminino remunerado, por vezes, contém em sua raiz material correlacionado às tarefas domésticas, ações de zelo, manutenção e cuidado, razão pela qual as desconstruções e debates sobre equidade e gênero se fazem tão necessárias. Ressalta-se que

> Apesar das conquistas, a desigualdade de gênero ainda é uma realidade, sobretudo no contexto do trabalho. [...] embora as mulheres estejam inseridas no ambiente trabalhista, a estrutura e forma de ocupação dessas se mostram diferentes da ocupação masculina, uma vez que tendem a reproduzir nesse contexto tarefas de cuidado e organização que se aproximam às realizadas

> no âmbito domiciliar, enquanto os cargos gerenciais continuam sendo ocupados, em sua maioria, por homens. (ALVES et al., 2020, p. 423).

No âmago desta complexa relação de trabalho privado e público, carreira e lar, afazeres remunerados e invisíveis, a balança pende para uma infinda ocupação: o trabalho feminino e sua jornada sem hora de início ou fim. Este debate de ideias, protagonizando a dupla jornada feminina (quando não tripla ou quádrupla), fortalece o arcabouço teórico que fundamenta a análise desta pesquisa, uma vez que

> [...] os fenômenos de segregação sexual no mercado de trabalho, a delimitação de espaços a nível doméstico e a constituição das identidades sexuais devem ser analisados de maneira conjunta, pois dizem respeito a um mesmo processo que visa manter os sexos em posição assimétrica e bipolar. (CYRINO, 2011, p. 80).

É indissociável do trabalho feminino os contrapontos de atividades desempenhadas no âmbito doméstico e do trabalho, por ser contido nesta posição desbalanceada (frente aos consagrados agir do ser masculino) toda a complexidade que perfila a representação social do feminino na atualidade. “[...] embora as mulheres tenham alcançado conquistas no mercado de trabalho, as relações de poder masculino ainda se evidenciam nas representações sociais sobre esse grupo dentro do contexto de trabalho” (ALVES et al., 2020, p. 434) e o agir doméstico, labor culturalmente consagrado como feminino, é peça chave para manutenção das desigualdades existentes.

> Essa desigual divisão sexual do trabalho pode ser mensurada a partir das análises e usos do tempo. Tais análises buscam compreender como as pessoas empregam seu tempo, distribuindo tal recurso, que é escasso e universal, entre as mais diversas atividades. (SANTOS; SILVA, 2021. p. 17).

Sendo o tempo um recurso escasso, há de se prever que as infindas jornadas do trabalho feminino atuem como elemento mantenedor da desigualdade de trabalhos entre os gêneros. “Essas manifestações de desigualdade no trabalho das mulheres [...] evidenciam como são necessárias Políticas Públicas que garantam igualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho e assegurem os direitos [...]” (FERREIRA, 2006, p. 165), ficando este alerta à promoção de ações do rol do estado em prol de caminhos mais harmoniosos para as relações laborais e de renda das mulheres.

As múltiplas funções atreladas ao “ser mulher” vêm de um pensamento histórico sustentado ao longo dos anos, visto que com o advento da inclusão feminina no mercado de trabalho remunerado, as funções que elas já desempenhavam no âmbito doméstico continuaram a ser de sua alçada. No modelo atual de relações de

trabalho, o discurso capitalista prega a necessidade de uma polivalência requerida do trabalhador e, “No caso das mulheres, ser **polivalente** é uma das características exigidas nas empresas e, na maioria das vezes, isto é associado a ‘atributos femininos naturais’” (FERREIRA, 2006, p. 162, Grifo do autor).

Vestidas desta capa de atributos femininos naturais, mulheres acumulam funções, diminuem seu tempo de descanso e destituem-se do direito a descanso e lazer, com ocupação de seu tempo em trabalhos quase que integralmente.

> A maior dedicação feminina ao trabalho reprodutivo e de cuidados é evidenciada pelos resultados da PNAD [Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios – IBGE – 2019]: em geral, 87% da população (147,5 milhões de brasileiros) com 14 ou mais anos de idade realizaram afazeres domésticos e/ou de cuidados de moradores ou familiares em 2018; todavia, a participação delas foi de 93% contra 80% da deles. Quanto à carga horária média semanal despendida nas atividades de casa, para as mulheres ela atingiu 21 horas e para os homens 11 horas. Essa diferença manteve-se entre os ocupados, perfazendo, respectivamente, 19 horas e 10 horas semanais. (SCHABBACH, 2020, p. 332).

Neste desequilíbrio, no qual mulheres depreendem quase que o dobro de horas nos afazeres do lar que os homens e mantêm jornada de trabalho remunerado (suas carreiras) em tempo integral, há de se imaginar que reflexos no psicológico desta parcela populacional sejam sentidos. Schabbach (2020) em artigo que “analisa as representações sociais de mulheres e homens como elementos simbólicos que perpetuam as desigualdades de gênero” (p. 323) analisa série de entrevistas conduzidas em sua pesquisa e conclui que

> [...] embora a maioria dos entrevistados tenha reconhecido uma melhora da situação das mulheres [...], muitas de suas representações sociais/opiniões – enquanto manifestações difusas de violência simbólica veiculadas na comunicação intersubjetiva – legitimam e reproduzem as assimetrias que alicerçam a organização social de gênero [e que] elas reforçam a arraigada dicotomia entre o espaço público – do trabalho dito produtivo e da macropolítica, com participação hegemonicamente masculina – e o espaço privado – das relações íntimas e do trabalho reprodutivo e feminino [...]. (p. 344).

Desta forma, apesar da demasiada carga laboral competente ao agir feminino no público e privado, já protagonista de inúmeras discussões e manifestações advogando por visibilidade e mudanças, ímpar situação foi adicionada ao “ser mulher” no ano de 2020, com a eclosão da pandemia do COVID-19. Tal fato impôs mudanças comportamentais em toda a população e compulsoriamente reteve os indivíduos em suas residências, isolados, sobrevivendo e trabalhando em meio a crise mundial vivida por conta do coronavírus.

Assim, convém apresentar informações sobre a temática da pandemia, do isolamento social e das práticas de trabalho remoto praticados durante o pico da pandemia, na perspectiva de gênero e das participantes deste estudo – as mulheres – na seção seguinte.

Visto que o trabalho feminino sofre impactos de degradação das condições de trabalho, sobrecarregados pelas disparidades salariais e acúmulos de funções entre vida pública e privada, chega-se ao pico das temáticas que corroboram com este estudo: a pandemia do COVID-19, os isolamentos e distanciamentos impostos, o emprego da modalidade de trabalho remoto e seus desdobramentos sobre o agir feminino.

> A crise que passamos atualmente inicia como uma emergência de saúde, mas com intensos reflexos na economia, no trabalho e na circulação de pessoas em todo o mundo. O ano de 2020 começa tomando rumos inimagináveis. Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que o surto do novo coronavírus constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). Este constitui o mais alto nível de alerta da Organização, de acordo com o que prevê no Regulamento Sanitário [...]. (SANTOS; SILVA, 2021, p. 11).

Acompanhando este movimento mundial, com o crescente aumento de casos da doença e críticas taxas de mortalidade a ela associadas, as atividades laborais no Brasil passaram por suspensões e reformulações ainda no primeiro semestre de 2020. No curso do aprendizado ao manejo de alta transmissibilidade do vírus e busca de efetivos tratamentos para frenagem em seus avanços, observou-se a criação de uma nova rotina social, econômica e profissional.

> Na tentativa de frear a transmissão do vírus, intervenções não farmacológicas foram adotadas como a utilização de máscaras, a frequente higiene das mãos, distanciamento físico, isolamento social, suspensão de atividades não essenciais, substituição de aulas presenciais por aulas em meios digitais, entre outras medidas [...]". (ARAÚJO et al., 2021, p. 2).

Desta forma, a pandemia impôs ao mundo o distanciamento e isolamento social. As práticas laborais não essenciais foram alocadas para o desenvolvimento do lar. As pessoas se viram compulsoriamente obrigadas a organizarem as suas rotinas antes invisíveis, o trabalho, o home office, a multiplicidade de atividades em prol da manutenção do emprego e da vida.

> Apesar da mulher, muitas vezes, exercer atividade remunerada fora do espaço doméstico isso não repercute nas responsabilidades assumidas por elas com as atividades domésticas. [...] No contexto de pandemia e confinamento, essa dinâmica se estende para o trabalho remoto ou "home office" e leva a uma exploração do tempo de trabalho muito mais aguda. (SANTOS; SILVA, 2021, p. 29).

Se antes da pandemia, o discurso sobre as desigualdades de responsabilidades e tarefas acumuladas no círculo de atividades da mulher já se faziam latentes e operantes, com a incursão de trabalho remunerado/ vida privada para uma esfera geográfica única – a do trabalho no lar – extrapolou as múltiplas facetas da polivalência feminina. Consequentemente, inúmeras situações de sobrecarga, associadas ao fenômeno do isolamento, se fizeram presentes.

> Para as mulheres em confinamento, a sobrecarga se intensifica junto ao aumento da violência doméstica, que cresce também com a violência que resulta na desigualdade entre trabalho produtivo e reprodutivo presente na relação entre mulheres e homens. Um outro agravante é quando a sobrecarga do cuidado com os filhos recai sobre as mulheres, que além de cuidar da casa, da alimentação [, cuidam] agora, também da educação escolar dos filhos e filhas (SANTOS; SILVA, 2021, p. 28-29).

Viver, sobreviver, manter-se empregada e agora ainda se ver como responsável pela gestão de recursos, de tempo, da família e do ensino de seus filhos – enfim, ser mulher durante a COVID-19, no Brasil. Desigualdades intensificadas, temperadas por todas as incertezas que circundavam o cotidiano em meio as descobertas, dia após dia, de como agir, prevenir, tratar e conviver com o inimaginável, uma pandemia moderna.

> O trabalho remoto veio como uma necessidade sanitária e para muitos uma solução muito bem recebida devido a comodidade e economia, no entanto, também trouxe pontos negativos como por exemplo, a eliminação dos direitos do trabalho e implicações para a saúde de diversos trabalhadores, principalmente as mulheres que precisam se organizar entre trabalho, cuidados com casa e família. (ANDRADE; VIEGAS, SOUZA, 2021, p. 133).

Estudos apontam que o modelo de trabalho remoto, home office, apresentam vantagens em sua adoção. Contudo, quando esta modalidade ocorre, vem de um programa, um planejamento tanto do empregador, quanto do empregado para que este sistema funcione de maneira harmônica.

> O modelo de trabalho remoto ou home office é fonte de estudos de diversos autores que consideram os seus benefícios e desafios. [...] o home office traz como benefícios maior motivação dos empregados, aumento na produtividade, diminuição do absenteísmo e/ou da rotatividade, redução dos custos com infraestrutura, maior alcance na seleção de profissionais. (CONSCEIÇÃO; NUNES, 2021, p. 4).

Uma vez que a situação pandêmica empurrou a força laboral para o retiro em suas casas, empregados/as e empregadores/as se viram obrigados/as a desempenharem seus contratos de maneira remota, sem prévios acordos ou regulamentações que auxiliassem na mediação da relação entre estas duas partes. Não obstante, as famílias se encontraram confinadas, por vezes com seus recursos

tecnológicos limitados e ainda tendo que articular a essas limitações o atendimento aos serviços remotos profissionais e educacionais de todos os indivíduos residentes dos lares em questão.

Desta forma, sem organização e empregado compulsoriamente, tem-se que, para uma parcela da população que viveu esta experiência "[..] o trabalho remoto vem carregado de consequências negativas, e que podem estar relacionadas ao excesso de engajamento na busca por esconder as dificuldades existentes no processo de conciliação do trabalho e vida pessoal" (CONSCEIÇÃO; NUNES, 2021, p. 4).

O cerne deste desconforto negativas consequências vêm da administração do tempo que é requerido para que o trabalho remoto ocorra de maneira salutar. Uma vez que para as mulheres, a manutenção de seu tempo entre trabalho presencial e afazeres do lar já demandavam utilização de suas horas diárias quase que em sua totalidade, nesta situação ímpar, além de suas funções múltiplas somatizaram-se a busca pelo equilíbrio entre o desempenho da função profissional e pessoal em jornada quase que integral e concomitante.

> [...] a divisão sexual do trabalho como um dos fatores determinantes para a sobrecarga das mulheres quando o assunto é trabalho e vida pessoal, uma vez que cuidar dos filhos, da casa e da família é ainda tarefa da mulher e que conciliar a vida profissional com todas as atividades domésticas é responsabilidade quase que exclusiva das mulheres. (CONSCEIÇÃO; NUNES, 2021, p. 12).

Em um contexto de home office compulsório, como o vivido durante a fase mais aguda da pandemia, buscar conciliação entre as novas formas de trabalho requeridas para segurança financeira exigiu a aplicação de esforços de todos, porém, para as mulheres, devido a divisão sexual do trabalho historicamente sustentada ao longo dos anos, fomentou uma sobrecarga, mesmo quando em isolamento no lar em companhia de parceiros e/ou filhos. Tal fato repousa em algo "[...] que grande parte das pessoas busca ignorar: o valor que os afazeres domésticos têm para nossa vida e nosso bem-estar. [...] Ignorá-los, por sua vez, reforça o conceito da invisibilidade do trabalho feminino" (MELO; CONSIDERA; SABBATO, 2007, p. 451).

Essa invisibilidade de tarefas associa-se ao conceito de que trabalho valoroso é o realizado com geração de receitas e não o silencioso e desprestigiado ato de manutenção do lar, família, gastos e, no vivido em razão da COVID-19, educação de filhos. Razões históricas, temporais, sociais e culturais permeiam essas relações, delineando obrigações domésticas tidas como do feminino, ditando ações praticadas pelas mulheres isoladas durante a pandemia.

> Buscando identificar interface existentes entre mercado de trabalho e espaço doméstico, cabe aqui investigar as práticas e as relações que se estabelecem no nível doméstico, resgatando-se aspectos acerca da hierarquização e do essencialismo de gênero presentes também na esfera privada. Se, no mercado de trabalho, o "essencialismo de gênero" apresenta, de maneira dual, as competências de homens e mulheres, na esfera doméstica, observa-se também um forte dualismo que contribui para a persistência de práticas menos igualitárias de divisão do trabalho doméstico. (CYRINO, 2011, p. 89).

O agir da mulher no lar persiste. O dualismo mantém a desbalanceada equação de divisão de tarefas, aumentando as distorções de âmbito psicológico e físico, levando muitas mulheres ao seu limite pessoal e profissional.

> A pandemia revolucionou a nossa vida em todos os sentidos. O meu trabalho agora é totalmente remoto e a gente precisou se adequar. Isso significa que o meu trabalho se intensificou muito. Ano passado foi bem difícil, a sensação é que a gente trabalha muito mais agora. Você também tem uma carga, também tem que lavar sua roupa, cuidar das suas coisas. A sensação é de que o trabalho não tem fim. (SARDINHA apud ARRUDA, 2021, p. 119).

Trabalho sem fim, jornada sem hora para começar e terminar, cansaço e desprestígio. Trabalhar remotamente escancarou desigualdades entre as "obrigações" do lar quando comparadas as atividades realizadas pelos homens versus as pelas mulheres no curso do período de reclusão mandatório. "O conflito da mulher "Amélia e Executiva" mostra-se presente nas falas das mulheres que se deparam com conflito da não entrega do trabalho, da falta de tempo para a família, da sobrecarga diária e até mesmo no comprometimento da saúde mental" (CONSCEIÇÃO; NUNES, 2021, p. 13).

A figura desenhada de mulher ideal avançou para patamares nunca antes exibidos, gerando uma pressão, mesmo que velada ou invisível, de que ser mulher em meio ao intangível vivido em razão da COVID-19 implicava ser uma mulher que deveria dar conta de tudo. Conforme Arruda (2021),

> [...] existe uma cobrança para que as mulheres tenham que dar conta da tríade trabalho-filhos-afazeres domésticos que foi intensificada com a pandemia. Às mulheres [...] é negado o direito de cansar, se de aborrecer com a rotina extenuante. [...] a sociedade exige da mulher uma postura de heroína em tempo integral e isso não reflete a realidade das mulheres de modo geral, sobretudo na pandemia. (p. 119).

Desta aura de super-heroína desenhada sob as ações que corresponderiam ao rol de atividades da mulher em isolamento, defensora da tríade trabalho-filhos-lar, o bem-estar passou a ser assunto em desfoque. Deste novo universo, advindo do "novo normal", fora as tormentas vividas em busca de equilíbrio entre as inúmeras funções, estar reclusa ao convívio familiar em tempo integral, elevou a exposição feminina as violências e abusos do âmago de seu lar.

> Grande parte das mulheres sempre esteve em múltiplas jornadas de trabalho, além do trabalho doméstico desempenhado e criação dos filhos, gerando uma situação de muita pressão psicológica e estresse, fatores que podem desencadear os eventos de agressões físicas e psicológicas de seu parceiro íntimo. Durante o período de pandemia, as mulheres encontram-se muitas vezes em situação de vulnerabilidade, uma vez que estão distantes das duas redes de proteção social, assim reduzindo a possibilidade de buscarem ajudas, além de estarem em convivência constante com seu parceiro e agressor. (ANDRADE; VIEGAS, SOUZA, 2021, p. 152).

Ressalta-se que estas agressões englobam as de cunho físico, psicológico, sexual, patrimonial e as motivadas pelo gênero. Deste rol de amargas possibilidades, estar em casa, com o acúmulo da tríade trabalho-casa-família e sofrendo o amparo cultural, histórico, estrutural e político-institucional, impacta no bem-estar desta mulher, nutrindo angústias que por vezes tem origem no comentário do parceiro, na inatividade dos pares em seu lar, na desigualdade das funções desempenhadas, causando sensação de impotência e esgotamento, imprimindo autocobrança sob luz do romantismo que impele a mulher a crer que deva “dar conta de tudo”.

“No que tange à violência psicológica sofrida pela vítima, é de suma importância o acompanhamento psicológico, uma vez que o não tratamento adequado pode acarretar prejuízos e dificuldades para uma vida saudável da vítima” (ANDRADE; VIEGAS, SOUZA, 2021, p. 154). A problemática reside na mulher reconhecer que sofre este tipo de violência, pois, por vezes, ela ocorre de maneira velada, em tom jocoso na fala de seu par e, a vítima, além da consciência de sua situação de violentada, tem que romper dogmas e preconceitos para buscar amparo e tratamento.

> A violência psicológica, de certa forma, vai seguindo quase sempre invisível. Ela é tida como normal ou natural não apenas do ponto de vista da reação da sociedade, que convive com tal agressão, mas, principalmente, por parte da própria vítima, que, por estar em uma relação íntima (já que o agressor é, na maioria das vezes, o marido ou companheiro), resiste em reconhecer que se trata de uma relação violenta [...]. (REZENDE, 2014 apud QUEIROZ; CUNHA, 2018, p. 91).

Logo, da sobrecarga refletida pela incursão ao lar de maneira compulsória, com o desempenho de funções da vida pública e privada remetidas a um espaço antes ocupado somente pelos afazeres do lar e contando com a convivência constantes – uma vez que as famílias foram para isolamento durante a pandemia e não somente as mulheres – é passível que inúmeras destas pessoas tenham sofrido de violências psicológicas sem nem sequer reconhecer que tal situação tenha ocorrido.

“Essas formas de violência provocam sérios danos psicológicos nas mulheres, como insegurança, frustração, medo e sentimento de ansiedade, por isso as

consequências são as piores possíveis para a mulher, uma vez que afeta a autoestima e a saúde" (QUEIROZ; CUNHA, 2018, p. 87) e, no estado de reclusão, infindos são os reflexos de sua ocorrência no bem-estar psíquico desta parcela populacional.

O cenário pandêmico aumento a situação de vulnerabilidade das mulheres e "Essa vulnerabilidade [...] gera uma grande dependência das vítimas da violência doméstica a seus agressores resultando na dificuldade no rompimento desse ciclo de violência" (ANDRADE; VIEGAS, SOUZA, 2021, p. 158). Reclusa, sem acesso a redes de auxílio, tomada por inúmeros afazeres, sobrecarregada e cansada, mulheres chegaram à exaustão.

> [...] entende-se que a pandemia promoveu para as mulheres ingredientes complexos como o home office, aumento da demanda de trabalho, excesso de jornada, a necessidade de cuidado com a família da casa e dos filhos, e não menos importante a preocupação e insegurança com o retorno ao trabalho e as consequências da pandemia. O imposto é conciliar, seja a que preço for, todos esses fatores de maneira a não impactar a saúde mental e a própria perda do seu sustento. Percebe-se que para as mulheres a sobrecarga é maior e independente da empatia de gestores e colegas, por ordem histórica à mulher, cabe o cuidado do trabalho e permanece a cobrança de dar conta de tudo a toda hora. (CONSCEIÇÃO; NUNES, 2021, p. 12).

Convém, então, a investigação do estado mental destas mulheres passado o período de isolamento imposto, para dar vistas aos percalços enfrentados por essa parcela populacional e erigir discurso de valoração e visibilidade contra a invisibilidade e desprestígio do trabalho feminino não remunerado, realizado no seio doméstico. Debater, dialogar, promover mudanças e novas aceitações não é tarefa fácil, mas é necessária.

> De fato, todos nós nascemos em uma sociedade "generificada", onde a categoria sexual cumpre um papel de demarcador de territórios, habilidades, preferências e competências. Portanto, torna-se importante que tenhamos consciência de que as mudanças envolvem o questionamento de crenças que tanto homens e mulheres ajudam a construir. [...] A discussão é difícil, porque identificar o aspecto performativo de gênero pode colocar em questão aspectos da identidade sexual que muitos gostariam de preservar. (CYRINO, 2011, p. 99).

Observar a vida feminina sob o prisma da pandemia, isolamento e trabalho remoto não opera como um rasgar de páginas de um livro social, moral, ou dogmático da sociedade, mas sim um desembaraço de um nodo que enclausura e estrangula mulheres no uso de seu tempo, reduzindo aspectos que afetam sua qualidade de vida. Aplicar "a perspectiva de gênero possibilita uma avaliação mais rica sobre a quantidade e a qualidade das mudanças que as mulheres vivenciaram nas últimas décadas, devido às transformações acontecidas em todas as atividades econômicas"

(MELO; CONSIDERA; SABBATO, 2007, p. 443) e, a luz do vivido com a COVID-19 e suas imposições sociais, impactos, alterações e novos comportamentos afloraram, com novas convenções e convicções sociais entrando em moda.

> [...] a discussão home office, trabalho, família/lar, atividades domésticas e gênero dentro de um contexto de pandemia da COVID-19 ainda é muito recente [...]. Contudo, a importância da discussão com ou sem pandemia é alta, uma vez que traz à tona um debate sobre a divisão sexual do trabalho em um momento único para a vida de muitas mulheres que se encontram em múltiplas funções. (CONSCEIÇÃO; NUNES, 2021, p. 6, Grifo dos autores).

Acerca da divisão sexual do trabalho na pandemia, ressalta-se que no decorrer do curso de isolamento mundial, situações em que filhos apareciam nas chamadas e reuniões por vídeo conferência normalizaram-se. Contudo, midiaticamente, a repercussão foi maior em casos de homens sendo “interrompidos” pela presença dos filhos versus comportamento análogo para mulheres.

A mulher-mãe, carrega em seu momento dentro da casa essa figura que se despe da atividade laboral remunerada para exercer esta função social. Arruda (2021) traz relato de uma docente entrevistada, que fala sobre o trabalhar em casa, no círculo daquilo que seria o local de ação da mulher-mãe:

> Eu trabalho num local da minha casa que é tipo um escritoriozinho fechado, escondido, meu filho pensa que eu não estou em casa. Porque de outro modo ele não entenderia. Foi a forma que eu encontrei para conseguir desenvolver meu trabalho dentro de casa, porque é muito difícil para a criança entender que a mãe não vai poder dar atenção para ele agora. Associado a isso, houve uma quebra de rotina da família inteira, porque eu passo a trabalhar em casa e meu filho não está mais na escola. Ele demanda muito, pois é uma idade que ele ainda estava se adaptando à nova escola, à rotina dele. (p. 120).

Do discurso de flexibilização do trabalho, a mulher viu-se impelida a utilizar habilidades ímpares no manejo de seu tempo. Relatos como este apontado por Arruda (2021) são facilmente encontrados no discurso das mulheres no cenário mundial, que passaram por essa necessidade de adequação sendo mãe, trabalhadora, esposa, mulher e humana em tempo integral, sem recesso, sem folga, sem respiro.

> Não que isso não tenha impacto para os homens, mas a mulher acaba sentindo mais. Você está numa reunião, o menino está gritando ali. Você está noutra reunião e o menino está aprontando ali. Você não sabe se participa da reunião ou olha para o menino. E são cenas de home office que a gente geralmente não vê acontecendo com os homens com tanta frequência, porque a criança procura a mãe. (ARRUDA, 2021, p. 120).

A roupa multitarefa que a mulher usa foi colocada à prova durante o isolamento social e as práticas de trabalho remoto realizadas as pressas, sem aviso prévio, sem planejamento. É sabido que o impacto das ações tomadas em prol da necessidade de preservação da saúde populacional causou marcas, cicatrizes e até

feridas que ainda custam a fechar em razão de inúmeras perdas, dores, medos e sofrimentos enfrentados.

Não se advoga aqui por um despir dos fatos livre do sentimento de empatia e dotado de um local de fala de quem vivenciou o inimaginável, aquilo que era chamado de “novo normal”. Contudo, faz-se vistas a informações, teorias e ideias que nutrem e fomentam o debate de visibilidade do labor feminino e desigualdade nas divisões de tarefas.

5 DEMARCAÇÕES DO TRABALHO FEMININO NA COVID-19: APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O capítulo 1 foi dedicado a trazer os fundamentos epistemológicos da presente investigação e, para tanto, dedicaram-se a compreender as relações de gênero, as representações sociais sobre o trabalho feminino e o masculino, como essas realidades se configuram na cultura e na história e de que forma a TRS lê e interpreta esses fenômenos, sustentando nosso objeto de estudo.

Este capítulo tem como objetivo descrever o processo metodológico utilizado para investigar as representações sociais do trabalho... (apontar o seu objetivo, não colocar outro, identificar sempre o seu objetivo, não outros) feminino durante a pandemia da COVID-19, utilizando uma abordagem qualitativa. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com mulheres, a fim de compreender como essa relação foi afetada pela pandemia, observando a adoção do modelo remoto para continuidade das atividades educacionais.

Consideramos que a pandemia da COVID-19 trouxe uma série de desafios e transformações nas dinâmicas sociais, incluindo o mundo do trabalho. Dentre os diferentes grupos impactados por essas mudanças, as mulheres desempenharam um papel central, enfrentando desafios específicos em relação à conciliação das demandas profissionais e familiares, além de lidar com questões de desigualdade e sobrecarga de trabalho. Diante desse contexto, a presente pesquisa partiu da seguinte indagação: de que forma as demarcações do trabalho feminino afetaram as mulheres durante a pandemia, considerando aspectos simbólicos, sociais e subjetivos?

5.1 OBJETIVOS

A pesquisa teve como objetivo geral analisar as representações sociais das mulheres sobre o trabalho realizado em razão do atendimento às medidas de distanciamento social impostas durante a pandemia de SARS-CoV-2.

A presente investigação desenvolveu-se nos seguintes objetivos específicos a serem alcançados:

1. Identificar representações sociais de mulheres sobre o trabalho desenvolvido no período de isolamento social;

2. Identificar condições em que as mulheres participantes deste estudo realizaram seus trabalhos durante o período de isolamento social.

5.2 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Nesta sessão abordaremos o fundamento teórico-metodológico utilizado para o desenvolvimento da pesquisa.

5.2.1 EPISTEMOLOGIA

A partir do questionamento citado no início deste capítulo elencamos a TRS, desenvolvida por Serge Moscovici, pois ela se fundamenta em uma base epistemológica sólida, fornecendo uma estrutura teórica e metodológica que permite investigar os processos de formação e funcionamento das representações sociais. No contexto desta pesquisa, ela foi utilizada como ferramenta teórica para a análise das construções simbólicas e representações relacionadas ao trabalho feminino durante a pandemia. Através desse referencial teórico, foi possível compreender como as mulheres constroem e compartilham significados em relação às suas vivências laborais em um contexto marcado por desafios e transformações.

A TRS reconhece que o conhecimento não é algo objetivo e universalmente válido, mas sim construído socialmente, em um contexto histórico, cultural e social específico. Nesse sentido, sua relevância no presente estudo está na sua capacidade de fornecer uma lente teórica que permite compreender como as pessoas constroem e compartilham significados coletivos em relação ao trabalho feminino durante a pandemia da COVID-19. Essa compreensão é fundamental para entendermos os processos de identidade, pertencimento, estigmatização, construção de conhecimento e mudança social.

Ao compreender as representações sociais do trabalho feminino é possível identificar os pontos de conflito, os estereótipos e as barreiras que podem limitar a transformação e o progresso das mulheres. Com base nessa compreensão, é possível desenvolver estratégias efetivas para promover a igualdade, combater preconceitos e

que ultrapassar estigmas. Não à toa que a TRS enfatiza a importância da ação e do engajamento social. Moscovici (1978) argumenta que as representações sociais não são apenas reflexos passivos da realidade, mas também têm o poder de moldar a realidade e influenciar as práticas sociais.

5.2.2 PESQUISA QUALITATIVA EXPLICATIVA

A pesquisa qualitativa explicativa é um tipo de estudo que busca compreender e explicar um fenômeno social, comportamental ou humano por meio da análise detalhada de dados qualitativos. Nesse tipo de pesquisa, o foco está na compreensão das relações causais, dos processos subjacentes e dos significados atribuídos pelos participantes.

No contexto de uma pesquisa sobre as representações sociais do trabalho feminino na pandemia de COVID-19, a abordagem qualitativa explicativa é fundamental para explorar as percepções, crenças e significados atribuídos pelas mulheres em relação ao trabalho durante esse período desafiador. A compreensão das representações sociais do trabalho feminino na pandemia requer uma abordagem qualitativa que permita uma análise aprofundada do fenômeno em seu contexto específico.

Vale lembrar que, segundo Moscovici (1978), a TRS se baseia na ideia de que os indivíduos constroem e compartilham representações coletivas sobre determinados objetos ou fenômenos sociais. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa explicativa pode utilizar a teoria das representações sociais como referencial teórico para analisar e compreender as representações sociais do trabalho feminino na pandemia de COVID-19.

Nesse sentido, a escolha de uma abordagem qualitativa explicativa se justifica pela necessidade de aprofundamento na compreensão das experiências e significados atribuídos pelas mulheres entrevistadas em relação ao trabalho durante a pandemia, o que permite ir além da descrição dos dados coletados, de modo a emergir as nuances e particularidades do que foi proposto a estudar, favorecendo a compreensão dos processos subjetivos, das percepções individuais e das representações sociais envolvidas (MINAYO, 2016).

5.3 CAMPO DE PESQUISA

Este é um estudo desenvolvido como parte do “Projeto Corona e Saúde Mental – UFMS no Centro Oeste”, que visa estudar os impactos psicossociais da pandemia do COVID-19 na saúde mental de estudantes, docentes e técnicos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Trata-se de uma iniciativa conjunta de docentes dos cursos de Enfermagem e Psicologia da UFMS e da Divisão de Saúde da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAES). O objetivo é não apenas entender os efeitos da pandemia, mas também desenvolver ações integradas de extensão para promover a saúde mental e prevenir sintomas psicológicos na comunidade acadêmica.

O problema a ser abordado é a disseminação do COVID-19 e seus efeitos na saúde mental da população. O projeto se concentrou na comunidade acadêmica da UFMS, que inclui cerca de 18 mil estudantes e 3,5 mil servidores. Os objetivos específicos do projeto incluem estimar a incidência de desfechos de saúde mental associados ao distanciamento social, investigar os possíveis efeitos do distanciamento social na saúde mental dos estudantes e servidores, identificar os determinantes de saúde mental durante o distanciamento social, e elaborar e disponibilizar recursos para promoção da saúde mental. Além disso, o projeto visa oferecer suporte psicossocial aos estudantes e servidores durante a pandemia e criar um Observatório de Saúde Mental para a comunidade acadêmica da UFMS.

O projeto é um estudo de corte prospectivo, com coleta de dados em três momentos: antes e durante o regime de distanciamento social e, por fim, depois do regime de distanciamento social. A relevância deste projeto residiu na necessidade urgente de entender os efeitos psicossociais da pandemia do COVID-19 e desenvolver estratégias eficazes para promover a saúde mental e prevenir sintomas psicológicos.

A terceira etapa, na qual este trabalho está inserido, consiste na investigação sobre a representação social da divisão sexual do trabalho no contexto da pandemia e isolamento social. Trata-se de um estudo qualitativo sob o prisma da Teoria das Representações Sociais com análise do discurso de mulheres trabalhadoras durante a vigência do regime de distanciamento social decorrente da pandemia da doença do coronavírus 2019 (COVID-19).

5.3.1 APRESENTAÇÃO DAS MULHERES PARTICIPANTES DA PESQUISA

Quadro 1- Caracterização das participantes

Participantes *	idade	cargo	Faixa salarial	Estado Civil	Filhos/as
Rosa	32	Psicóloga	R$ 8.630,00	Casada	Não
Hortência	37	Docente	R$ 6.200,00	Casada	1 filho de 4 anos
Margarida	29	Assistente de Administração	R$ 3.600,00	Casada	Não
Violeta	50	Professora Voluntária	R$ 0,00	Viuva	3 filhas adultas
Dália	38	Professora e Coordenadora de curso	R$ 9,000,00	Casada	Não

Fonte: elaborado pela autora (2023)

*Nomes fictícios

5.3.2 MULHERES E O TRABALHO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

A relação entre gênero e trabalho revela desigualdades, desafios e demarcações sociais presentes nas estruturas laborais. A teoria feminista tem contribuído significativamente para a compreensão dessas dinâmicas, destacando a importância de se problematizar as relações de poder e as desigualdades de gênero presentes nesse contexto.

Simone de Beauvoir, uma das principais autoras do movimento feminista, argumenta em sua obra "O Segundo Sexo" que as mulheres foram historicamente relegadas a um papel secundário na esfera do trabalho, sendo frequentemente confinadas a empregos precários e mal remunerados. Essa situação é reflexo de estruturas sociais patriarcais que subvalorizam o trabalho feminino e perpetuam estereótipos de gênero (BEAUVOIR, 1967).

Segundo Beauvoir (1967), a subordinação das mulheres no trabalho decorre de uma construção social que as coloca em uma posição de inferioridade em relação aos homens. Ela aponta que a divisão sexual do trabalho é uma manifestação dessa desigualdade, em que determinadas profissões são consideradas masculinas e outras femininas, de acordo com estereótipos de gênero arraigados.

No contexto do trabalho, isso implica que as mulheres são compelidas a adotar certos comportamentos, atitudes e aparências para se adequar às normas de

gênero estabelecidas. Essas normas podem limitar as possibilidades das mulheres no mercado de trabalho, restringindo suas escolhas de carreira, suas oportunidades de progresso e sua expressão individual.

Outra autora relevante nessa discussão é Joan Acker, que propôs o conceito de "dualidade de trabalho" para descrever a realidade das mulheres que se dedicam tanto ao trabalho remunerado quanto ao trabalho doméstico e de cuidado não remunerado.

Acker argumenta que essa dupla jornada imposta às mulheres cria uma carga desproporcional de responsabilidades, limitando suas oportunidades de ascensão profissional. Ela destaca que as exigências do trabalho doméstico e de cuidado, como cuidar dos filhos, da casa e dos idosos, muitas vezes recaem de forma com muita intensidade sobre as mulheres, afetando sua disponibilidade de tempo e energia para se dedicar plenamente às suas carreiras. (ACKER, 1990).

Essa divisão desigual do trabalho, na qual as mulheres ficam sobrecarregadas com responsabilidades familiares e domésticas, contribui para a persistência de desigualdades de gênero no mercado de trabalho. Essa divisão do trabalho não é apenas uma questão individual, mas sim uma construção social e institucional que perpetua a desigualdade de gênero.

Não à toa que Acker (1990) destaca que as estruturas organizacionais e culturais dentro das instituições de trabalho muitas vezes refletem e reforçam as normas de gênero. Ela identifica processos de segregação ocupacional, estereótipos de gênero e práticas discriminatórias que contribuem para a desvalorização do trabalho feminino e a dificuldade das mulheres em avançar em suas carreiras.

A partir dessas contribuições é possível depreender que a presença maciça de mulheres no trabalho docente nem sempre se refletiu em igualdade de condições e valorização profissional. Nesse sentido, as desigualdades de gênero têm sido objeto de análise, revelando uma série de desafios enfrentados pelas mulheres no exercício da profissão docente. A esse respeito, Ribeiro (2014) destaca que, apesar da maioria feminina no magistério, persistem desigualdades salariais, dificuldades de ascensão na carreira e estereótipos de gênero associados à profissão.

A relação entre mulheres e trabalho docente também envolve questões relacionadas à conciliação entre vida profissional e pessoal. A maternidade, por exemplo, é um tema recorrente nesse contexto. Autores como Cavaliere (2018) argumentam que as mulheres docentes enfrentam desafios específicos ao equilibrar

suas responsabilidades profissionais com as demandas familiares, o que pode impactar sua progressão na carreira e sua disponibilidade para dedicação integral ao trabalho.

Outra questão relevante diz respeito à feminização do magistério e as representações sociais associadas a essa ocupação majoritariamente feminina. Segundo Oliveira (2019), a feminização do trabalho docente pode contribuir para a construção de estereótipos e expectativas sociais em relação às características e competências consideradas "femininas" no exercício da profissão. Esses estereótipos podem influenciar as percepções e as oportunidades de valorização profissional das mulheres docentes.

Com isso, tem-se que a visão tradicional da mulher como esposa e mãe podem apresentar impactos significativos na esfera profissional. A expectativa de que as mulheres sejam responsáveis pelo trabalho doméstico e pelos cuidados familiares cria múltiplas jornadas, na qual as demandas do trabalho remunerado e não remunerado se sobrepõem, dificultando o desenvolvimento de uma carreira e a conquista de posições de liderança. Percebe-se que as questões de gênero no trabalho docente vão além da mera representatividade numérica. É fundamental considerar as desigualdades estruturais que afetam as mulheres no exercício de sua profissão.

5.3.3 O FEMININO E AS VULNERABILIDADES NA PANDEMIA

A pandemia de COVID-19 trouxe consigo não apenas um impacto global na saúde, mas também revelou e exacerbou as vulnerabilidades existentes na sociedade, especialmente em relação ao feminino. Diversos estudos e análises têm abordado as especificidades das experiências das mulheres durante esse período desafiador, evidenciando as desigualdades de gênero e as vulnerabilidades que afetam particularmente as mulheres.

Segundo Santos et al. (2020), as mulheres enfrentam uma série de desafios específicos durante a pandemia, decorrentes de fatores estruturais e sociais. A desigualdade de gênero se manifesta em múltiplos aspectos, incluindo a divisão desigual do trabalho doméstico e de cuidado, o acesso limitado a recursos e serviços de saúde, a violência doméstica e a precariedade do emprego. Esses fatores contribuem para aumentar a vulnerabilidade das mulheres diante da crise sanitária.

No contexto doméstico, as mulheres são frequentemente responsáveis pela maioria das tarefas de cuidado não remunerado, como o cuidado com filhos, idosos e pessoas doentes. Essa carga desproporcional de trabalho afeta a saúde mental, física e emocional das mulheres, além de reforçar desigualdades estruturais (GUPTA, 2020). A sobrecarga de trabalho e a falta de tempo para o autocuidado podem resultar em altos níveis de estresse e exaustão.

Além disso, a pandemia aumentou a vulnerabilidade das mulheres em relação à violência doméstica. O isolamento social e as restrições de mobilidade dificultam o acesso a redes de apoio e serviços de denúncia, tornando as mulheres mais suscetíveis a situações de abuso e violência (BRASIL, 2020).

No mercado de trabalho, as mulheres também enfrentam desafios acentuados. A crise econômica resultante da pandemia impactou de forma desproporcional setores nos quais as mulheres estão mais presentes, como serviços e comércio. Muitas mulheres trabalham em empregos informais e precários, com menor estabilidade e proteção social (ONU MULHERES, 2020). A perda de emprego e a redução de renda têm impactos significativos na autonomia e no sustento das mulheres.

É fundamental destacar que as vulnerabilidades enfrentadas pelas mulheres durante a pandemia não são universais, pois estão interseccionadas com outros aspectos da identidade, como raça, etnia, classe social e orientação sexual. Mulheres negras, indígenas e de comunidades marginalizadas enfrentam desigualdades ainda mais acentuadas (UNESCO, 2020). Essa perspectiva interseccional permite compreender as complexidades das experiências femininas durante a pandemia.

É válido ressaltar que a reflexão sobre as vulnerabilidades do feminino na pandemia não se restringe ao período de crise sanitária, mas também revela a necessidade de transformações estruturais para promover a igualdade de gênero em todas as esferas da sociedade. A pandemia evidencia a urgência de enfrentar as desigualdades de gênero de forma sistemática, criando condições equitativas para as mulheres e reconhecendo seu papel fundamental no desenvolvimento social, econômico e cultural.

5.3.4 UMA CATEGORIA IMPACTADA PELA PANDEMIA: MULHERES E O TRABALHO DOCENTE

Durante o período da pandemia professoras enfrentaram mudanças abruptas no formato de ensino, como a transição para o ensino remoto e a adaptação às novas tecnologias educacionais. Essas mudanças tiveram impactos específicos nas mulheres, levando em consideração as desigualdades de gênero presentes na sociedade e no ambiente de trabalho. Houve uma sobrecarga adicional que as mulheres enfrentaram durante a pandemia como professoras.

Com a transição para o ensino remoto, as responsabilidades aumentaram, exigindo maior flexibilidade e habilidades tecnológicas (REIS et al., 2020). Além das tarefas de planejamento e execução das aulas, muitas professoras também tiveram que lidar com as demandas do trabalho doméstico e do cuidado com a família. Essa sobrecarga afetou a saúde mental e emocional das mulheres, tornando-as mais vulneráveis ao estresse e à exaustão (REIS et al., 2020). As professoras se viram desafiadas a conciliar suas responsabilidades profissionais com o cuidado dos filhos, o auxílio nas atividades escolares e o suporte emocional à família.

É importante destacar que as desigualdades enfrentadas pelas professoras durante a pandemia não se limitam apenas às questões profissionais, mas também abrangem a esfera pessoal. A falta de suporte institucional e governamental adequado contribui para a perpetuação das desigualdades de gênero. Políticas e práticas inclusivas e igualitárias são necessárias para garantir o bem-estar e a proteção das professoras durante a crise (BRASIL, 2020).

5.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo se desenvolveu com um grupo de mulheres servidoras de uma universidade pública do Centro Oeste, composto por cinco participantes, entre docentes e técnicas. Foi obtida uma amostra por conveniência simples constituída por aquelas que aceitaram participar do estudo. Foram incluídas aquelas com 18 anos de idade ou mais, servidoras ativas da universidade no período de isolamento social, entre 2020 e 2022, e que participaram da etapa inicial da pesquisa.

A população de estudo foi contatada através de convite enviado por e-mail para as participantes que responderam a um questionário enviado via Pró-reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP) e via Pró-reitoria de Graduação (PROGRAD). Vale ressaltar que os demais dados deste questionário não são parte deste estudo, além do endereço eletrônico.

Vale expor que a proposta foi submetida à apreciação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) antes de sua execução e todo o protocolo de pesquisa será desenvolvido à luz da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. A participação das servidoras ativas será voluntária e cada uma consentirá sobre sua participação, respondendo ao e-mail de convite. O termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) foi lido e explicado, visando dirimir as dúvidas sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que possa acarretar. É garantido o sigilo, privacidade, confidencialidade, respeito à individualidade, esclarecimentos antes, durante e após o estudo bem como a liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo.

Para a produção das informações e resultados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, que foram conduzidas de forma remota, por meio do Google Meet, com duração média de 25 minutos. As entrevistas foram gravadas com o auxílio do aplicativo Good Voice Recorder e posteriormente transcritas para análise. Abordou-se a temática do trabalho, especificando-o para o recorte temporal da pandemia.

Para a análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo de Laurence Bardin, que é uma técnica comumente acionada em pesquisas qualitativas e consiste na categorização dos dados em unidades de significado. Nas palavras da autora ela representa:

> Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

A análise de conteúdo proposta por Bardin envolve uma série de etapas sistemáticas que visam a explorar e organizar os dados de forma estruturada e coerente. Inicialmente, é realizada a pré-análise, que consiste na leitura atenta e cuidadosa do material coletado, a fim de identificar as características e temas presentes. Em seguida, ocorre a exploração do material, momento em que são estabelecidos critérios para seleção das unidades de análise, que podem ser palavras, frases, parágrafos ou mesmo unidades de sentido.

Após a etapa de exploração, ocorre a categorização propriamente dita. Nessa fase, as unidades de análise são agrupadas em categorias, que representam os temas ou aspectos específicos do conteúdo investigado. Bardin (2011) enfatiza a importância

da clareza conceitual e da precisão na definição das categorias, a fim de garantir a consistência e a validade dos resultados.

Uma vez estabelecidas as categorias, segue-se a etapa de codificação, na qual as unidades de análise são atribuídas às categorias correspondentes. Após a codificação, a análise de conteúdo entra na fase de tratamento dos resultados, na qual as categorias e suas respectivas unidades de análise são sistematizadas e interpretadas. Essa interpretação pode envolver a identificação de padrões, relações e significados subjacentes ao conteúdo analisado, pois

> O objetivo fundamental da análise de conteúdo é o de operar o tratamento de dados, de codificar, objetivar e trabalhar o material recolhido por um processo metódico e exaustivo de leitura, a fim de dar acesso ao que se passa, na mensagem, além do visível (BARDIN, 2011, p.72).

Essa abordagem metodológica permitiu uma compreensão mais completa das representações sociais e dos significados atribuídos ao trabalho feminino durante a pandemia, pois "A análise de conteúdo não é apenas a descrição, mas a descoberta do que é descrito, o encontro do sentido latente do que está sendo manifestado" (BARDIN, 2011, p.71).

5.5 DISPOSIÇÃO DAS NARRATIVAS E CATEGORIAS DE ANÁLISE: UMA QUESTÃO DE EMERGÊNCIAS

O presente item tem como objetivo apresentar os núcleos temáticos e categorias emergentes a partir das entrevistas realizadas com as mulheres docentes, explorando a temática do trabalho durante a pandemia de COVID-19. De acordo com Bardin (2011), a categorização consiste no agrupamento de dados ou elementos centrais dos discursos, conforme suas semelhanças. Observando as contribuições da autora, elencou-se critério semânticos para estabelecer semelhanças e formular categorias temáticas.

Cabe lembrar os ensinamentos de Franco (2003) ao expor que os indicadores temáticos nem sempre estão no discurso de forma explícita, porém, são passíveis de serem identificados pela observação da pesquisadora na frequência de algumas respostas ou até pelas perturbações da palavra em uma entrevista, observado os estados emocionais. Neste sentido, houve a escolha das narrativas "trabalho", "pandemia" e "realização", que se baseiam na relevância e centralidade desses temas na vida das participantes.

O primeiro núcleo, o trabalho, representa o ponto central das discussões, considerando sua importância no cotidiano e na identidade das participantes. Nesse sentido, busca-se explorar as percepções, vivências e desafios enfrentados pelas mulheres no exercício de suas ocupações. Trata-se de uma narrativa que busca compreender qual a percepção das mulheres sobre o trabalho, abarcando possíveis demarcações de gênero e o sentido dado a esta categoria. Serão investigados os aspectos relacionados às transformações nas relações de trabalho, as demandas emocionais e práticas enfrentadas.

O segundo núcleo, a pandemia, remete ao contexto global que impactou a vida de milhões de pessoas. Considerando as particularidades das experiências femininas, é essencial compreender como a pandemia afetou as mulheres, considerando os desafios adicionais que elas enfrentaram devido às desigualdades de gênero pré-existentes. Serão analisados os efeitos nas condições de trabalho, nas relações sociais e nas perspectivas de futuro das participantes, além das estratégias de enfrentamento adotadas diante das adversidades.

Por fim, o terceiro núcleo, a realização, diz respeito à dimensão subjetiva das entrevistadas em relação ao trabalho, à pandemia e às emoções. Serão explorados os sentimentos de satisfação, realização pessoal e profissional, assim como os impactos emocionais decorrentes das mudanças impostas pelo cenário pandêmico. Será investigada a relação entre a realização no trabalho e o bem-estar psicológico das mulheres, considerando as possíveis repercussões na saúde mental e na qualidade de vida.

A partir da análise desses núcleos temáticos, foram delineadas as categorias emergentes que permitem compreensão dos discursos das participantes e das diferentes facetas que surgiram. Através dessa análise, busca-se contribuir para a ampliação do conhecimento sobre as vivências e desafios enfrentados pelas mulheres no contexto do trabalho durante a pandemia, promovendo reflexões e possíveis direcionamentos para ações e políticas que visem a equidade e o bem-estar dessas profissionais. Portanto, a figura XXX apresenta o quadro com a descrição dos núcleos temáticos encontrados nas falas das participantes das categorias que emergiram das entrevistas.

QUADRO 1: NÚCLEOS TEMÁTICOS E CATEGORIAS

NÚCLEOS TEMÁTICOS	CATEGORIAS
A - TRABALHO	1) FEMININO E MASCULINO 2) FUNÇÃO SOCIAL DO TRABALHO FEMININO
B - PANDEMIA	1) DOMÉSTICO E NÃO DOMÉSTICO 2) INCERTEZA E MEDO
C - REALIZAÇÃO	1) DILIGÊNCIA LABORAL 2) CONCILIAÇÃO LABORAL

Fonte: elaborado pela autora (2023)

5.5.1 NÚCLEO TEMÁTICO TRABALHO

O núcleo "Representação do Trabalho" foi definido como uma das dimensões centrais da pesquisa devido à relevância das representações sociais na compreensão do fenômeno do trabalho feminino durante a pandemia de COVID-19. As representações sociais são construções simbólicas que refletem as percepções, crenças e valores compartilhados por um grupo social em relação a determinado objeto ou fenômeno (MOSCOVICI, 1978).

No contexto específico do trabalho feminino durante a pandemia, as representações sociais desempenham um papel crucial na compreensão das atitudes, comportamentos e significados atribuídos pelas mulheres a essa experiência. As representações sociais podem influenciar as percepções das mulheres sobre seu trabalho, suas motivações, expectativas, desafios e estratégias de enfrentamento.

Ao investigar as representações sociais do trabalho feminino na pandemia de COVID-19, busca-se compreender como as mulheres constroem e compartilham significados em torno do trabalho em um contexto marcado por desafios, mudanças e incertezas. As representações sociais podem refletir tanto as normas sociais e culturais predominantes quanto as resistências e negociações em relação às demandas e pressões enfrentadas pelas mulheres no ambiente de trabalho.

Justifica-se, portanto, a escolha da narrativa "Representação do Trabalho" como um dos focos da pesquisa, uma vez que as representações sociais permitem acessar os significados e interpretações que as mulheres atribuem ao seu trabalho

durante a pandemia, além de ter sido um tema recorrente nas entrevistas. Nesse sentido, vale ressaltar que essa uma compreensão profunda dessas representações sociais contribuirá para a análise crítica das relações de gênero no contexto do trabalho, destacando as demarcações, desigualdades e desafios enfrentados pelas mulheres em meio à crise sanitária. Os quadros a seguir demonstra as narrativas das participantes em relação às categorias emergentes nas entrevistas:

QUADRO 2: NARRATIVAS EMERGENTES EM RELAÇÃO AO TRABALHO FEMININO E MASCULINO

PARTICIPANTE	NARRATIVA
ROSA	"... então o trabalho feminino estaria ligado a situações que requerem cuidado, afeto, que socialmente é ligada ao maternar, ao que é feminino. Então um trabalho que não necessariamente precisa de gestão, que não precisa de grandes decisões, mas que precisa deste cuidado mesmo, é mais como se estivesse ligado a um ambiente mais doméstico." "Eu estudei um pouco sobre as questões de gênero por conta de estudar docência e lá a gente dizia assim que a docência era um trabalho não exatamente feminino, mas que era relegado ao feminino por se tratar de uma situação de cuidado" “..., mas no sentido geral quando você me diz trabalho masculino eu acabo entendendo essa perspectiva de poder que socialmente não é reconhecido ao lugar feminino."

HORTÊNCIA	“Pode ser que uma habilidade masculina seja mais efetiva, produtiva no desempenho de um trabalho. Mas isso não quer dizer que eu não possa fazer." "O feminino, como eu acho que é pensando dessa maneira (pausa com suspiro), infelizmente, o trabalho feminino ainda absorve muitos aspectos de um conceito que acredita que certas atividades o homem não faz.”
MARGARIDA	“Eu acho que o fato de eu não ter filho, isso já facilita muito a minha vida” “Para mim, só como esposa, olhar o marido apenas, é muito mais tranquilo.”
VIOLETA	“Porque o meu marido, meu falecido esposo, ele tinha uma resistência muito grande nessa questão de mulher...Trabalhar fora de casa. Tanta vez que eu tinha que falar com ele, pra o convencer a me deixar trabalhar fora, ele se propôs a me pagar pra eu não ir trabalhar fora. Sempre tinha uma questão assim, oh, é melhor não, né? As meninas estão pequenas, por exemplo, daí eu ficava em casa. Quando eu cheguei em Corumbá, eu acabei ficando em casa. Não fui pro mercado de trabalho... Então, na época, eu fui para dar aula na universidade, por incentivo delas duas [amigas]. E nesse período, eu tive uma resistência muito grande. Aí eu acabei pegando disciplina à noite. Então eu tive uma resistência muito grande por lado dele, entendeu? Eu estava

	indo trabalhar à noite e deixar a casa... Porque a gente é criado naquele sistema machista. Quem é o provedor é o homem. Então o trabalho reconhecido seria só o que o homem pode fazer. Então o trabalho masculino, eu penso que ele não é diferente do trabalho feminino. Então eu penso que ao mesmo tempo que o homem trabalha fora, ele também... Não é que tenha obrigação, mas ele poderia ter essa cumplicidade de dividir as tarefas de casa também. Uma vez que a junção do salário é importante para os dois, então a junção das tarefas também.”
DÁLIA	“Acho que é muito imposto pra nós, a sociedade quer muito nos colocar em certos não, isso é pra você, isso é pra você.” “Porque é o que mais fala, né. Ah, isso é coisa de mulher. Trabalho doméstico, cuidado com as crianças, por exemplo.”

Fonte: elaborado pela autora (2023)

QUADRO 3: NARRATIVAS EMERGENTES EM RELAÇÃO AO TRABALHO E A FUNÇÃO SOCIAL DO TRABALHO FEMININO

PARTICIPANTE	NARRATIVA
ROSA	"Considero o trabalho como uma atividade que afeta diretamente a subjetividade. Então é quando a gente produz alguma coisa, é afetado por essa coisa e desse modo também transforma esse ambiente no qual a gente produz essa atividade"

HORTÊNCIA	“O trabalho é uma das atividades que compõe o meu cotidiano. Onde eu produzo algo que eu escolhi.”
MARGARIDA	“Então ele [trabalho] me faz desempenhar alguma coisa.”
VIOLETA	“Trabalho é tudo que eu me dedico a fazer. Tudo que eu me dedico a fazer é trabalho.”
DÁLIA	“E aí, no trabalho. Eram alguns desafios. Aprender a inserir essas novas tecnologias, meio goela abaixo. Tente ser assim. Vamos lá. Vamos aprender.”

Fonte: elaborado pela autora (2023)

5.5.2 NARRATIVA PANDEMIA

A escolha da narrativa "Pandemia" se embasa na importância do cenário na narrativa das participantes e objetiva evidenciar os impactos da crise sanitária causada pela COVID-19 na vida das mulheres. Durante esse período desafiador, diversas investigações têm se dedicado a compreender os efeitos específicos da pandemia sobre as mulheres em diferentes aspectos de suas vidas, incluindo o trabalho, a saúde, a vida familiar e as questões emocionais.

Nesse contexto, a análise da narrativa possibilita compreender as transformações vivenciadas pelas mulheres no âmbito do trabalho, das relações familiares e das condições de saúde durante esse período desafiador. A investigação dos impactos específicos da pandemia sobre as mulheres contribui para uma compreensão mais ampla das desigualdades de gênero e das vulnerabilidades às quais elas estão expostas.

Além disso, uma pesquisa conduzida por Castro et al. (2021) investigou os efeitos da pandemia na saúde mental de mulheres mães e pesquisadoras. Os resultados demonstraram que o contexto de incerteza, medo e isolamento social decorrentes da crise sanitária contribuiu para o aumento dos níveis de ansiedade e depressão entre as mulheres, afetando sua saúde mental de forma significativa.

Assim, a análise da presente narrativa nos permite examinar as implicações da crise sanitária na vida das mulheres, identificar as desigualdades de gênero agravadas nesse contexto e contribuir para a formulação de estratégias e intervenções que promovam uma recuperação mais equitativa e resiliente para as mulheres em tempos de crise.

QUADRO 4: NARRATIVAS EMERGENTES EM RELAÇÃO À PANDEMIA E À NOÇÃO DE AMBIENTE DOMÉSTICO E NÃO DOMÉSTICO

INTERLOCUTORA	NARRATIVA
ROSA	"Então eu sofri um pouco com essa invasão do trabalho no meu ambiente doméstico." "Com o virtual e também a própria questão da pandemia, me parece que trouxe um certo senso de urgência, porque as pessoas já não respeitam mais os limites do trabalho, do trabalhador." "Eu acho que nas primeiras semanas eu tive umas respostas meio depressivas por não poder sair de casa, sabe? E ao mesmo tempo ser bombardeada com demandas que eu precisava lidar com as minhas próprias demandas e ajudar as pessoas." "... eu poderia dizer que eu senti uma sobrecarga, uma sobrecarga geral que é compartilhada com as minhas colegas."

	“... se a gente for pensar na questão pessoal, é que eu fiquei mais tempo em casa do que o meu esposo. Então, ficar em casa dá a sensação para outro de que você está disponível para fazer todas as tarefas.”
HORTÊNCIA	“Eu acho que na pandemia o meu trabalho se sobressaiu muito mais do que a minha vida pessoal.”
MARGARIDA	“Eu trabalhava bastante em casa quanto os trabalhos do UFMS. Então meio que se juntou em tudo, né?” “E executava o tempo de descanso que dava, que eu chegava no e-mail, não recebia o telefonema e ia lavar roupa.”
VIOLETA	“É aula normal, só que a distância.”
DÁLIA	“Então, eu ia e ficava ali a todo momento. Ah, por mais que fosse difícil. Que fosse estranha essa rotina. Como que eu ia fazer pra dar aula? Eu era uma pessoa que estava tendo privilégios.”

Fonte: elaborado pela autora (2023)

QUADRO 5: NARRATIVAS EMERGENTES EM RELAÇÃO À PANDEMIA E À INCERTEZA E AO MEDO

INTERLOCUTORA	NARRATIVA
ROSA	"Eu acho que nas primeiras semanas eu tive umas respostas meio depressivas por não poder sair de casa, sabe? E ao mesmo tempo ser bombardeada com demandas que eu precisava lidar com as minhas próprias demandas e ajudar as pessoas."
HORTÊNCIA	"... é um impacto muito grande na nossa rotina e um impacto emocional também... Então, como a gente não teve esse tempo de preparo, tudo isso teve que ser feito de maneira improvisada, aprendendo ali na hora e com uma sobrecarga muito grande." "Uma angústia com relação a como desenvolver o nosso trabalho de uma maneira que a gente não era acostumada, tentar fazer um trabalho bom e conseguir fazer esse trabalho"
MARGARIDA	"Eu acho que o mais difícil em relação com a pandemia mesmo, de estar em casa e poder sair, foi em relação à ansiedade mesmo. De querer ver gente, querer se relacionar, querer se comunicar e não ter essa conexão com a pessoa"
VIOLETA	"Eu não sabia o que eles estavam fazendo... Então uma coisa é você dar aula presencial, outra coisa é dar aula mecanicamente."

DÁLIA	“A primeira delas, essa incerteza de tudo... O medo. E o isolamento social mesmo.”

Fonte: elaborado pela autora (2023)

5.5.3 NARRATIVA REALIZAÇÃO

No contexto específico das mulheres docentes, o trabalho desempenha um papel fundamental em suas vidas e na construção de sua identidade. Nesse sentido, compreender como as mulheres se realizam por meio do trabalho durante a pandemia é relevante para analisar as representações sociais que elas constroem em relação a essa experiência.

A teoria das representações sociais destaca a importância do contexto social na construção das representações, e a pandemia trouxe mudanças significativas nesse contexto, exigindo adaptações e enfrentamento de desafios para as mulheres docentes. Através do trabalho, as mulheres podem encontrar prazer e satisfação, mesmo diante das dificuldades enfrentadas.

Seguindo as ideias de Jodelet (1989), as representações sociais são construídas a partir das interações sociais e das vivências individuais, influenciadas por aspectos emocionais e cognitivos. Nesse sentido, a categoria "Diligência Laboral" dentro da narrativa "Realização" busca compreender como as empenham-se com interesse e cuidado na execução dos seus trabalhos durante a pandemia, superando obstáculos e buscando fontes de realização pessoal.

Por outro lado, a categoria "Conciliação laboral" na narrativa "Realização" busca explorar os desafios e sobrecargas enfrentados pelas mulheres docentes durante a pandemia, como a necessidade de se adaptarem a novas formas de trabalho remoto, a demanda por maiores responsabilidades e a pressão para conciliar múltiplas tarefas e papéis. Trata-se de explorar as narrativas e falas das docentes acerca do trabalho na pandemia a fim de alcanças as Representações Sociais.

Ao investigar essas duas categorias, buscamos compreender as representações sociais que as mulheres docentes constroem em relação à sua realização no trabalho durante a pandemia. Essa análise nos permite compreender as dinâmicas e os significados atribuídos por essas mulheres às experiências vividas

nesse período, oferecendo reflexões para a elaboração de estratégias de apoio e valorização dessas profissionais.

QUADRO 6: NARRATIVAS EMERGENTES EM RELAÇÃO À REALIZAÇÃO E À DILIGÊNCIA LABORAL

INTERLOCUTORA	NARRATIVA
ROSA	"... eu poderia dizer que eu senti uma sobrecarga, uma sobrecarga geral que é compartilhada com as minhas colegas."
HORTÊNCIA	“[o trabalho] que me dá prazer, que eu gosto de fazer. E que claro me dá um retorno financeiro pra eu sobreviver e realizar inclusive outras atividades que compõem o meu cotidiano”
MARGARIDA	“O tempo, eu acho que eu ganhei muito tempo de executar as coisas em casa quando não se tinha uma demanda no trabalho. Quando a gente estava com o tempo na execução das tarefas do trabalho no meu setor, eu conseguia otimizar minha vida em casa.”
VIOLETA	“Então, as minhas aulas não foram perfeitas, mas foram normais, entendeu? Duas semanas, duas semanas, no dia da aula eu abria o link, mandava para os alunos.

	E aula normal, só que a distância. Em casa, além de trabalho de casa, aula era normal, entendeu?”
DÁLIA	“Bom, eu vejo, já vi o trabalho de forma mais romântica, mas hoje eu vejo que é a minha fonte de subsistência.” “Então, a gente acaba meio se fechando ali, né, no máximo... Inclusive perdi alguns amigos, Porque em ambiente de trabalho a gente não pode escolher tanto, né.”

Fonte: elaborado pela autora (2023)

QUADRO 7: NARRATIVAS EMERGENTES EM RELAÇÃO À REALIZAÇÃO E A CONCILIAÇÃO LABORAL

INTERLOCUTORA	NARRATIVA
ROSA	“... o online possibilitou contato com as pessoas em um período que elas precisavam muito e que o contato físico não era permitido. Então eu tive como facilidade isso de poder utilizar a internet..." "Outra facilidade é o fato de não precisar sair de casa. Então a gente teve uma economia, por exemplo, em gasolina, apesar de ter gastado mais dinheiro com internet. Eu tive economia de tempo, porque eu não tive o tempo de deslocamento até o meu trabalho." "Hoje no meu doutorado, que começou no meio da pandemia, eu ainda continuo fazendo tudo online, porque é em Bauru, no

	estado de São Paulo. Então a minha orientadora se adaptou super bem. O meu trabalho agora voltado para pesquisa com ela é todo online. As reuniões de grupo é toda online. Isso também me deu uma economia financeira, porque se a gente não tivesse se adaptado, eu teria que me mudar para o estado de São Paulo, ou fazer viagens muito frequentes"
HORTÊNCIA	“[...]Com o distanciamento agora desse turbilhão, hoje eu vejo que o meu trabalho incorporou muitas coisas boas enquanto recurso....[...] Então, como a gente não teve esse tempo de preparo, tudo isso teve que ser feito de maneira improvisada, aprendendo ali na hora e com uma sobrecarga muito grande Não só do trabalho, mas também de absorver o impacto da pandemia nos outros aspectos da nossa vida... A sobrecarga, a sobrecarga cotidiana, não só do trabalho, mas a sobrecarga de cuidado, a sobrecarga de ficar trancado, o isolamento social, né? você estar preso numa realidade dentro de casa e não conseguir fugir disso. Eu tinha, na época o meu filho, tinha nove meses. Era muito pequeno, ele tinha começado, tinha acabado de voltar da minha licença maternidade e ainda assim tinha acabado de chegar na UFMS... E fazendo meu doutorado. Eu e meu marido somos professores da mesma universidade, então estávamos sendo atropelados pela exigência da universidade em manter o nosso trabalho e nos adaptar à nova maneira de fazer desenvolver o nosso trabalho, fazendo, sem preparo anterior, aprender fazendo literalmente, na prática, com um bebê e

	sem uma rede de apoio, porque nossa família nenhuma é daqui. Eu acho que na pandemia o meu trabalho se sobressaiu muito mais do que a minha vida pessoal. A flexibilização também teve que acontecer em muitos momentos no trabalho em grupo com outras pessoas ... Você flexibilizar em si e flexibilizar isso em conjunto”
MARGARIDA	“O tempo, eu acho que eu ganhei muito tempo de executar as coisas em casa quando não se tinha uma demanda no trabalho. Quando a gente estava com o tempo na execução das tarefas do trabalho no meu setor, eu conseguia otimizar minha vida em casa. Então não tinha essa ideia de, vou voltar do serviço, vou ter um monte de coisa pra fazer em casa, tenho roupa pra lavar, louça pra lavar, tenho que fazer comida. Não, eu ia falar tudo pronto porque eu conseguia otimizar meu tempo. Eu conseguia ter uma atividade física, eu conseguia me alimentar melhor, eu conseguia ter um relacionamento melhor com meu marido, que ele também estava em casa. Eu conseguia então ter lazer, trabalho, eu tinha as entregas pontuais e as entregas em casa também pontuais. Acho que foi um momento de aprendizagem, de a gente saber respeitar o tempo e as coisas que são inerentes da vida. E a gente não tem controle. Então, respeitar a nossa saúde, eu acho que foi um momento de reflexão, para recomeçar muita coisa, muita crença que tínhamos e teve que ser descontruído durante esse tempo.”

VIOLETA	“Então é trabalho é... Muita gente às vezes fala que trabalhar é trabalhar fora. Não é só trabalhar. Trabalhar fora de casa também é um trabalho. Eu trabalho em casa também. O meu trabalho é isso.”
DÁLIA	“ [o trabalho] É algo bastante importante. Então, é o que tem motivado as minhas ações, meus estudos, minhas buscas há muito tempo.” “Ah, eu sentia que eu estava, num momento, sendo muito privilegiada por poder ficar em casa... Então, eu não fui impactada nem com o risco pra minha vida e nem com a questão salarial. Aumentou um pouco, talvez, as facilidades para o delivery. Alguma coisa assim. Algumas formas de comércio. Mas, acho que não tão drasticamente. Mas, depois, eu acho que muita coisa acabou ficando, como alternativas também. Para a gente. Metodologias.... Não tanto essa dependência presencial para acontecer uma aula.”

Fonte: elaborado pela autora (2023)

6. TRABALHO FEMININO E O LUGAR (IN)COMUM: (DES)ARRANJOS VIRAIS

Este capítulo se dedica a apresentar a discussão e análise dos resultados da presente investigação à luz da estratégia metodológica de organização proposta por Lauren Bardin e tem a intenção de identificar as Representações Sociais das mulheres entrevistadas sobre o trabalho feminino e o trabalho na pandemia. Os resultados revelaram reflexões significativas sobre as vivências das participantes, permitindo-nos compreender de forma mais abrangente as complexidades e desafios enfrentados pelas mulheres nesse período.

No primeiro conjunto de informações, referente ao núcleo temático "Trabalho", emergiram categorias que nos proporcionam revelar as dinâmicas de gênero presentes no mundo laboral. A categoria "Feminino e Masculino" destaca a percepção das participantes sobre as demarcações de gênero no contexto do trabalho. Essa categoria nos permite explorar as barreiras estruturais e culturais que permeiam as oportunidades de igualdade de gênero no ambiente de trabalho.

Já a categoria "Função Social" revela como o trabalho desempenha um papel fundamental no empoderamento e na construção da identidade feminina. Os relatos das participantes apontam para a importância do trabalho remunerado como uma ferramenta de autonomia, autorrealização e conquista de direitos. Essa categoria nos permite compreender como as mulheres buscam romper com estereótipos de gênero, conquistando espaços de protagonismo e reconhecimento no mundo laboral, mesmo diante de momentos de crise.

No segundo conjunto de dados, referente ao núcleo "Pandemia", as categorias que emergiram nos conduzem a uma compreensão mais profunda das vivências das mulheres nesse contexto desafiador. A categoria "Doméstico e não doméstico" diz sobre a percepção das participantes em relação à divisão de tarefas domésticas e cuidados familiares em um momento de isolamento social. A pandemia trouxe para perto as bordam que limitam o doméstico e o não doméstico, revelando uma percepção ambígua sobre o trabalho. Algumas participantes relataram um acúmulo de responsabilidades no ambiente doméstico, o que impactou suas possibilidades de engajamento profissional e desenvolvimento de carreira.

A categoria "Incerteza e medo" revela as emoções e inseguranças vivenciadas pelas mulheres diante da incerteza gerada pela pandemia. Os relatos

evidenciam preocupações e sobrecargas, que permeiam tanto o ambiente doméstico quanto o não doméstico. Estas preocupações afetaram a saúde física e mental, além de gerarem temor em relação às consequências econômicas e sociais do contexto pandêmico. Essa categoria nos permite compreender as dimensões emocionais e psicológicas dessas experiências, fornecendo reflexões para o entendimento dos impactos da pandemia no bem-estar das mulheres.

No terceiro conjunto de dados, referente à narrativa "Realização", as categorias trazem à tona os sentimentos e as consequências do trabalho durante a pandemia. A categoria "Diligência Laboral" evidencia a ambivalência das vivências das participantes, com relatos de prazer, satisfação, interesse e cuidado em relação ao desenvolvimento do trabalho, mas, ao mesmo tempo, um sentimento de pressão e desgaste sobre a quantidade exacerbada de trabalho. Nessa direção, a categoria "Conciliação Laboral" revela o que ficou de experiência das docentes em relação às demandas laborais e a sobrecarga enfrentadas durante a pandemia. Algumas participantes relataram a necessidade de lidar com múltiplas responsabilidades, equilibrando o trabalho remunerado, as tarefas domésticas e os cuidados com a família. Essa categoria nos permite refletir sobre a docência, o trabalho remoto e a posição social das mulheres entrevistas durante esse período complexo.

Ao explorar essas diferentes categorias, buscamos oferecer uma visão abrangente e aprofundada das experiências das mulheres em relação ao trabalho durante a pandemia. Esses resultados são fundamentais para compreendermos os desafios enfrentados pelas mulheres no mundo laboral e os efeitos da pandemia em suas vidas profissionais e pessoais. Nas próximas seções serão apresentadas as análises e discussões das categorias que emergiram das falas das participantes.

6.1 TRABALHO DE MULHERZINHA? REFLEXÕES ANTE O DESCONHECIDO

Esta seção dedica-se a analisar os resultados das categorias “Trabalho Feminino e Masculino" e “Função Social do Trabalho” constituídas como núcleo temático “Trabalho". Primeiro, é fundamental enfatizar que as representações sociais e as dinâmicas de poder associadas às atividades laborais atribuídas a homens e mulheres emergem nas falas das participantes a partir de um aglomerado de emoções e sentimentos que remetem ao tema em questão. Nesse sentido, as narrativas das

participantes proporcionam reflexões valiosas sobre essas representações e os estereótipos de gênero que permeiam a percepção social do trabalho.

É oportuno colocar que a presente análise considera os ensinamentos de Arruda (2002), ao argumentar que o trabalho não é apenas uma atividade econômica, mas também uma construção social que é moldada por representações sociais. Essas representações sociais do trabalho podem variar dependendo do contexto cultural e social, bem como do gênero.

No que diz respeito ao contexto do trabalho feminino, Arruda (2002) destaca que as representações sociais podem desempenhar um papel importante na perpetuação de desigualdades de gênero. Por exemplo, certos trabalhos podem ser vistos como "trabalho de mulher" ou "trabalho de homem" com base em representações sociais de gênero. Essas representações podem limitar as oportunidades de trabalho, principalmente em um cenário de pandemia, como veremos a seguir na análise das falas das participantes.

Além disso, vale citar também que Arruda (2002) também discute como as representações sociais do trabalho feminino podem ser influenciadas por outras representações sociais, como a maternidade. Por exemplo, a representação social da mulher como principal cuidadora pode influenciar as representações sociais do tipo de trabalho que é adequado para as mulheres.

Posto isso, iniciamos analisando a fala de Rosa, observando que para a entrevistada há uma associação do trabalho feminino a tarefas que demandam cuidado, afeto e maternagem. Ela destaca que, socialmente, o trabalho feminino é frequentemente relacionado a um ambiente doméstico, no qual as responsabilidades de cuidado são valorizadas, enquanto a gestão e a tomada de grandes decisões são menos valorizadas. Essa visão reflete a percepção de que o trabalho feminino é muitas vezes subvalorizado e limitado a esferas consideradas mais tradicionalmente femininas. Nas suas palavras:

> ... então o trabalho feminino estaria ligado a situações que requerem cuidado, afeto, que socialmente é ligada ao maternar, ao que é feminino. Então um trabalho que não necessariamente precisa de gestão, que não precisa de grandes decisões, mas que precisa deste cuidado mesmo, é mais como se estivesse ligado a um ambiente mais doméstico. (ROSA, 2023).

Rosa também menciona ter estudado sobre questões de gênero no contexto da docência e relata que a profissão é frequentemente considerada não necessariamente feminina, mas é atribuída às mulheres devido à associação com o

cuidado. Essa percepção reflete a existência de estereótipos de gênero que relegam o trabalho de cuidado às mulheres, mesmo que não seja inerentemente feminino. Essa atribuição de papéis de gênero pode influenciar a forma como a docência é percebida socialmente e pode afetar a valorização e o reconhecimento do trabalho realizado pelas mulheres docentes.

Scott (1995) aponta que a divisão sexual do trabalho é uma construção social que coloca a mulher em uma posição de subordinação e marginalização no contexto profissional. Essa divisão se reflete nas expectativas sociais e nos estereótipos de gênero, que atribuem às mulheres funções ligadas ao cuidado, à reprodução e ao trabalho doméstico, enquanto os homens são direcionados a atividades consideradas mais valorizadas e prestigiadas.

Hochschild (2003) traz à tona a ideia do "trabalho emocional" realizado pelas mulheres, relacionado ao cuidado, à afetividade e às relações interpessoais. Essa dimensão do trabalho, muitas vezes invisibilizada e não remunerada, reforça a desigualdade de gênero e coloca um peso adicional sobre as mulheres, especialmente em momentos de crise, como a pandemia.

Já a participante Hortência traz que algumas habilidades são consideradas masculinas e são valorizadas como mais efetivas e produtivas no desempenho de certos trabalhos. No entanto, Hortência questiona essa noção, afirmando que isso não significa que as mulheres sejam incapazes de realizar essas tarefas.

Ao mencionar que o trabalho feminino ainda absorve muitos aspectos de um conceito que restringe certas atividades apenas aos homens, Hortência destaca as barreiras e estereótipos de gênero que as mulheres ainda enfrentam no ambiente de trabalho. Ela suspira, revelando possivelmente a frustração e a insatisfação com a persistência dessas desigualdades.

Margarida, ao mencionar a ausência de filhos como facilitador em sua vida profissional, revela a pressão adicional que as mulheres enfrentam ao conciliar trabalho e maternidade. Além disso, essa observação aponta para uma questão importante: a experiência da pandemia é vivenciada de maneira diferente por mulheres com diferentes responsabilidades familiares e sociais.

A maternidade implica em uma série de responsabilidades adicionais, como cuidados diários, educação e suporte emocional aos filhos, o que pode agravar a carga de trabalho das mulheres, especialmente em um contexto de trabalho remoto e isolamento social. Além disso, a função é frequentemente vista como um fator que

pode limitar as oportunidades profissionais das mulheres, reforçando a ideia de que o trabalho feminino é incompatível com a maternidade. Scott (1995) inclui a maternidade como um elemento que afeta as trajetórias profissionais das mulheres. Beauvoir (1967) destaca que a maternidade pode ser utilizada como uma forma de controle e restrição das possibilidades femininas no campo profissional.

A análise da fala da participante Violeta, sobre o trabalho de mulheres docentes na pandemia, revela uma série de questões relacionadas ao machismo, à divisão de tarefas domésticas e às dificuldades enfrentadas pelas mulheres no ambiente de trabalho. Violeta relata que seu falecido esposo tinha uma resistência significativa em relação a ela trabalhar fora de casa, chegando até a propor pagar para que ela não o fizesse. Essa atitude reflete uma visão machista arraigada, na qual o trabalho feminino é desvalorizado em relação ao masculino.

Violeta relata ter ficado em casa durante um período, deixando de buscar oportunidades profissionais. No entanto, foi encorajada por duas amigas a ingressar na universidade como docente. Essa experiência evidencia os desafios enfrentados pelas mulheres para conquistar autonomia e independência no âmbito profissional, muitas vezes lutando contra crenças e expectativas sociais que limitam suas oportunidades. Nas palavras da entrevistada:

> Sempre tinha uma questão assim, oh, é melhor não, né? As meninas estão pequenas, por exemplo, daí eu ficava em casa. Quando eu cheguei em Corumbá, eu acabei ficando em casa. Não fui pro mercado de trabalho... Então, na época, eu fui para dar aula na universidade, por incentivo delas duas [amigas]. E nesse período, eu tive uma resistência muito grande. Aí eu acabei pegando disciplina à noite. Então eu tive uma resistência muito grande por lado dele, entendeu? (VIOLETA, 2023).

A fala de Violeta também destaca a questão da divisão de tarefas domésticas. Ela reconhece que o sistema é estruturado de forma machista, onde o homem é visto como o provedor e o trabalho feminino é desvalorizado. No entanto, ela enfatiza a importância de uma divisão igualitária das tarefas, argumentando que a união do salário é importante para ambos os parceiros, assim como a união das responsabilidades domésticas. Ela defende a ideia de que o trabalho masculino não é diferente do trabalho feminino e que é fundamental que os homens assumam a cumplicidade e a responsabilidade na divisão das tarefas domésticas.

Autoras como Butler (1990) e Connell (2005) destacam que as normas de gênero são socialmente construídas e reforçadas por meio de práticas e discursos que privilegiam características e atributos considerados masculinos, associando-os a

papéis de liderança, poder e sucesso profissional. Em contrapartida, as características e atividades associadas ao feminino são frequentemente desvalorizadas, restringindo o acesso das mulheres a oportunidades de trabalho e limitando sua realização pessoal e profissional.

Beauvoir (1967) contribui ao trazer a noção de que a sociedade cria uma imagem idealizada da mulher como cuidadora e responsável pelo trabalho doméstico, relegando-a a um papel secundário no mundo do trabalho remunerado. Essa visão estereotipada contribui para a persistência de desigualdades salariais, dificuldades de ascensão profissional e uma sobrecarga de tarefas enfrentada pelas mulheres.

A análise da fala de Violeta mostra como as questões de gênero e a divisão desigual de trabalho afetaram sua trajetória profissional e pessoal. Ela destaca que enfrentou resistência do marido e precisou superar estereótipos e expectativas limitantes para ingressar no mercado de trabalho. Sua perspectiva ressalta a necessidade de uma transformação social, em que o trabalho feminino seja valorizado e reconhecido em igual medida ao masculino, e que a divisão de tarefas seja equitativa e compartilhada entre homens e mulheres.

A fala de Dalia revela a percepção de que as mulheres são frequentemente confrontadas com imposições sociais e estereótipos de gênero no contexto do trabalho. Ela menciona que a sociedade tem a tendência de impor certas expectativas às mulheres, direcionando-as para determinadas áreas ou papéis, enquanto limita suas possibilidades de escolha. Dalia destaca especificamente a divisão de tarefas relacionadas ao trabalho doméstico e ao cuidado com as crianças como exemplos dessas imposições.

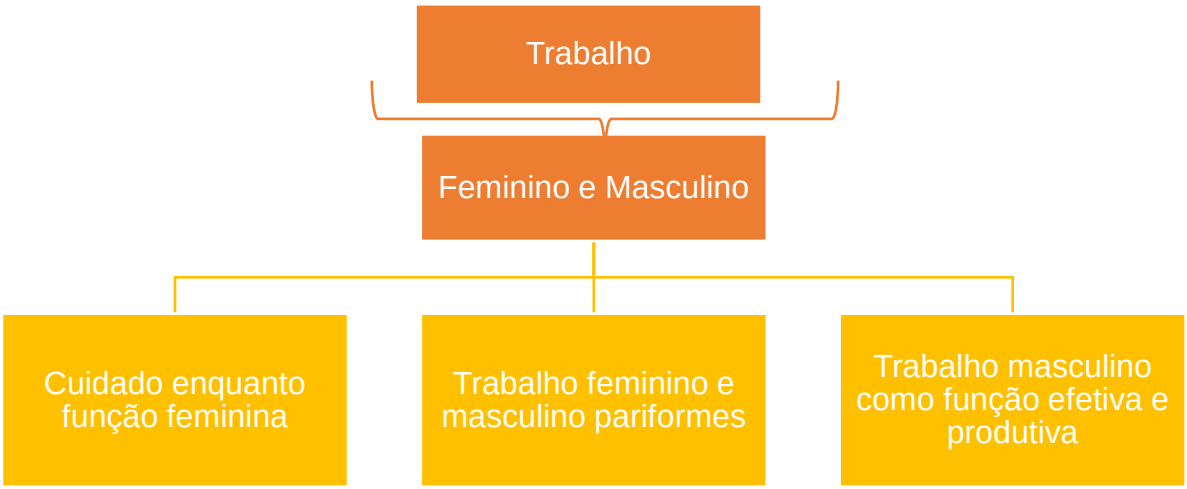
A primeira frase citada - "Acho que é muito imposto pra nós, a sociedade quer muito nos colocar em certos não, isso é pra você, isso é pra você" - (DÁLIA, 2023) sugere uma frustração em relação às expectativas que a sociedade coloca sobre as mulheres, limitando suas oportunidades e direcionando-as para determinados papéis ou áreas de atuação. Essa percepção aponta para a existência de normas de gênero rígidas que podem restringir as escolhas e possibilidades de desenvolvimento profissional das mulheres.

Dalia também menciona a associação de certas tarefas, como o trabalho doméstico e o cuidado com as crianças, como "coisa de mulher". Essa associação estereotipada perpetua a divisão desigual de responsabilidades entre homens e mulheres, reforçando a ideia de que essas tarefas são intrinsecamente femininas.

Acker (1990) traz contribuições para a análise da fala de Dália, pois o autor aponta a segregação ocupacional de gênero e a associação de determinadas ocupações ao trabalho feminino, indicando que esse contexto reforça as desigualdades e os estereótipos de gênero**.**

Com essas contribuições podemos perceber a complexidade das representações sobre o trabalho feminino e masculino. As narrativas revelam a existência de estereótipos de gênero que permeiam as percepções sociais e reforçam a desigualdade de oportunidades e valorização no mercado de trabalho. As falas das mulheres entrevistas nos alertam para a existência de estereótipos de gênero que permeiam as representações do trabalho. Esses estereótipos limitam as possibilidades de atuação das mulheres, reforçando a divisão sexual do trabalho e perpetuando desigualdades de oportunidades e valorização. Revelam em suas falas que existem representações sociais que caracteriza o trabalho feminino como o "cuidar" o "afeto" e no contexto doméstico. E que na pandemia essa configuração ficou bem demarcada. Ainda que o trabalho masculino tenha se inserido no doméstico, não sofreu alterações, sob o ponto de vistas das mulheres participantes, permanecendo alheio ao "doméstico".

Figura 1: Representações Sociais na categoria Trabalho Feminino e Masculino



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Já explorando dilemas vivenciados pelas mulheres durante a pandemia é possível refletir sobre a importância e o impacto do trabalho na vida das mulheres. As narrativas das participantes revelam diferentes perspectivas sobre como elas percebem e atribuem significado ao trabalho em suas vidas. Posto isso, seguimos a segunda categoria, denominada “Função social do trabalho”.

Iniciando pela Rosa, temos uma perspectiva interessante sobre o trabalho como uma atividade que afeta diretamente a subjetividade das pessoas. Nas palavras da entrevistada:

> Considero o trabalho como uma atividade que afeta diretamente a subjetividade. Então é quando a gente produz alguma coisa, é afetado por essa coisa e desse modo também transforma esse ambiente no qual a gente produz essa atividade (ROSA, 2023).

Rosa indica que o trabalho tem um impacto significativo em sua experiência pessoal e emocional. Ao afirmar que o trabalho afeta a subjetividade, Rosa reconhece que a atividade profissional não é algo isolado, mas está intrinsecamente ligada a quem somos como indivíduos. Isso implica que nossas emoções, pensamentos e identidade estão interligados com a maneira como nos envolvemos com o trabalho. Nesse sentido, o trabalho se torna uma parte fundamental da nossa vida e pode exercer influência tanto positiva quanto negativa sobre nós.

O trabalho representa, então, uma forma de mediação entre Rosa e a sociedade. Ele permite que ela apreenda as condições necessárias para operar no ambiente e também transformá-lo. Ou seja: é na socialização que temos a relação com a realidade material, na qual é possível se constituir como ser humano. E isto só pode se dar por sua ação no mundo para produzir sua vida material, ou seja, pelo trabalho (GADOTTI, 1998).

Vale destacar que durante a pandemia houve um contexto de vulnerabilidade social aliado a uma sobrecarga de trabalho, que implicou uma adaptação rápida às demandas do ensino remoto, equilibrando responsabilidades domésticas e lidando com as preocupações relacionadas à saúde e segurança. Essas experiências podem ter afetado profundamente a subjetividade das mulheres entrevistas, resultando em mudanças emocionais, cognitivas e até identitárias.

A análise da fala de Hortência revela sua visão sobre o trabalho como uma atividade significativa e fundamental em sua vida cotidiana. Ela expressa que o trabalho é uma das atividades que compõe seu dia a dia e onde ela tem a oportunidade de produzir algo que ela escolheu. Essa perspectiva revela a

importância e o significado que o trabalho tem para Hortência em sua identidade pessoal e profissional, o que denota a centralidade dessa dimensão em sua vida.

Além disso, Hortência enfatiza que o trabalho é o espaço onde ela produz algo que ela escolheu. Isso implica que ela tem autonomia e agência em suas atividades profissionais, podendo exercer sua criatividade e tomar decisões que refletem suas preferências e interesses. Essa escolha consciente no trabalho pode promover um senso de realização e satisfação pessoal, uma vez que Hortência se sente capacitada para contribuir de maneira significativa por meio de suas próprias escolhas profissionais.

Essa visão está alinhada com as reflexões de Acker (1990), que argumenta que o trabalho é uma forma de agência e autodeterminação, permitindo que as mulheres expressem suas habilidades, interesses e objetivos pessoais. em que essa atividade é realizada. Essa perspectiva é valiosa para compreender os aspectos positivos do trabalho na vida das mulheres docentes. Margarida, seguindo a mesma direção das mulheres entrevistadas, percebe o trabalho como uma forma de desempenhar algo, o que reflete a ideia de que o trabalho é uma atividade que envolve ação e realização.

Violeta amplia a definição de trabalho ao afirmar que tudo aquilo a que ela se dedica é trabalho. Essa perspectiva indica um alto nível de comprometimento e dedicação profissional, onde Violeta atribui um significado amplo e abrangente à noção de trabalho.

Do ponto de vista psicológico, essa visão de trabalho pode ser interpretada de diferentes maneiras. Por um lado, essa perspectiva pode refletir uma grande paixão pelo trabalho, uma identidade profissional forte e um senso de propósito e realização ao se dedicar a diversas atividades. Violeta pode encontrar satisfação em estar constantemente envolvida em projetos e responsabilidades, sentindo-se produtiva e valorizada por suas contribuições.

Por outro lado, essa visão ampliada do trabalho também pode indicar uma tendência à sobrecarga e à dificuldade em estabelecer limites saudáveis entre o trabalho e outras áreas da vida. Violeta pode estar propensa a dedicar um tempo excessivo ao trabalho, negligenciando seu bem-estar pessoal, seus relacionamentos e suas necessidades individuais. Essa falta de equilíbrio pode levar a um maior estresse, exaustão e impacto negativo na saúde mental e emocional.

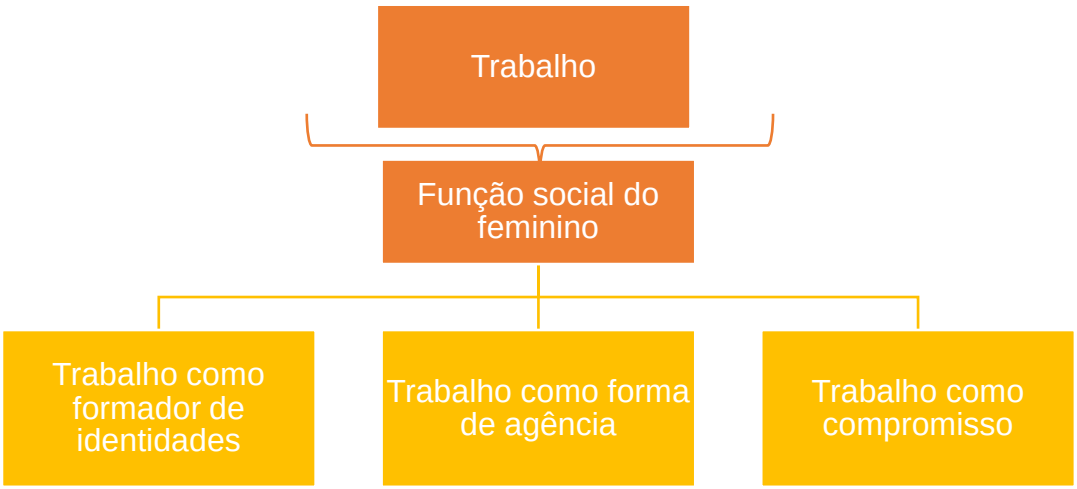
A partir das narrativas das participantes, é possivel explorar as diversas perspectivas e significados atribuídos ao trabalho por mulheres em suas trajetórias pessoais. E, nesse contexto, a categoria "Função social do trabalho feminino" revelou-se como uma dimensão essencial para a compreensão dessa realidade.

Ao analisarmos as falas das participantes, podemos identificar a importância do trabalho como uma atividade que afeta a subjetividade e o ambiente em que é realizado. Como expressou Rosa, o trabalho não se limita apenas à produção de algo tangível, mas também envolve uma transformação pessoal e coletiva. Já Hortência destacou a escolha e a autodeterminação presentes no seu engajamento profissional.

No entanto, a perspectiva de Margarida evidencia que o trabalho é também um meio de desempenho pessoal, uma forma de expressão individual que proporciona realização e autoafirmação. E Violeta vai além, ao afirmar que todo e qualquer compromisso ou dedicação é considerado trabalho. Essas visões ampliam o entendimento sobre o trabalho, que vai além do âmbito profissional convencional.

O trabalho feminino é intrincado de significados, representações e desafios. É fundamental reconhecer as múltiplas vivências e experiências das mulheres nesse contexto e questionar as normas culturais que limitam suas possibilidades. Nessa jornada, o desconhecido, que foi presente no período da pandemia, torna-se uma oportunidade para ampliar nossos horizontes e construir novas perspectivas em relação ao trabalho.

Figura 2: Representações Sociais na categoria Função social do trabalho feminino



Fonte: elaborado pela autora (2023)

6.2 CENÁRIO PANDEMICO: FRONTEIRAS DOMÉSTICAS E INCERTEZAS

Nesta seção, adentramos ao complexo cenário pandêmico, mergulhando nas experiências vividas por meio da análise da narrativa "Pandemia" e suas categorias "Doméstico e não doméstico" e “Incerteza e medo”. As narrativas das participantes permitem compreender as fronteiras que se estabeleceram entre o âmbito doméstico e o não doméstico durante esse período de incertezas e transformações, além de revelar medos, angústias e incertezas diante de um cenário de vulnerabilidades emergentes.

Iniciando com a categoria “Doméstico e não doméstico, ao analisar a fala de Rosa, é evidente que ela enfrentou dificuldades e desafios significativos no contexto do trabalho durante a pandemia. Ela expressa ter sofrido com a invasão do trabalho em seu ambiente doméstico, o que indica uma falta de separação clara entre sua vida profissional e pessoal. A transição para o trabalho remoto e a ausência de fronteiras claras entre esses dois aspectos da sua vida levaram a uma invasão constante do trabalho em sua rotina doméstica.

Além disso, Rosa menciona que a pandemia e a virtualidade trouxeram um senso de urgência, resultando na falta de respeito pelos limites do trabalho e do trabalhador. Nas suas palavras:

> Com o virtual e também a própria questão da pandemia, me parece que trouxe um certo senso de urgência, porque as pessoas já não respeitam mais os limites do trabalho, do trabalhador (ROSA, 2023).

Essa falta de respeito pelos limites e a pressão constante podem ter contribuído para a sensação de sobrecarga e estresse que ela experimentou. A ausência de fronteiras claras entre o trabalho e a vida pessoal, combinada com a pressão para responder às demandas profissionais, afetou negativamente sua saúde mental.

A teoria das representações do trabalho permite compreender como as relações de poder e as normas sociais moldam essas percepções, pois ambas estabelecem as estruturas de poder e dominação entre os gêneros. Acker (1990) argumenta que o trabalho é uma arena onde ocorrem disputas e negociações pelo

poder, sendo que as normas e expectativas de gênero exercem um papel significativo nesse processo.

Rosa também relata ter passado por momentos de resposta depressiva nas primeiras semanas da pandemia. O fato de estar em casa e impossibilitada de sair, juntamente com a pressão das demandas de trabalho e a necessidade de lidar com suas próprias demandas pessoais, levou a uma sobrecarga emocional significativa. Essa sobrecarga compartilhada com suas colegas indica que elas também enfrentaram desafios semelhantes, o que evidencia a dimensão coletiva dos impactos psicológicos do trabalho durante a pandemia. Segundo Rosa: "... eu poderia dizer que eu senti uma sobrecarga, uma sobrecarga geral que é compartilhada com as minhas colegas." (ROSA, 2023).

Em relação ao esposo, Rosa informa que passou mais tempo em casa do que ele e isso gerou a percepção de que ela estava disponível para realizar todas as tarefas domésticas:

> ... se a gente for pensar na questão pessoal, é que eu fiquei mais tempo em casa do que o meu esposo. Então, ficar em casa dá a sensação para outro de que você está disponível para fazer todas as tarefas (ROSA, 2023).

Essa afirmação revela uma desigualdade de gênero no compartilhamento das responsabilidades domésticas. Durante a pandemia, com o trabalho remoto e a necessidade de ficar em casa, Rosa vivenciou uma expectativa implícita de que ela seria responsável por cuidar das tarefas domésticas, enquanto seu esposo provavelmente estava mais ausente devido às demandas do trabalho fora de casa.

Rosa enfrentou uma série de dificuldades no contexto do trabalho durante a pandemia, incluindo a invasão do trabalho no ambiente doméstico, a falta de respeito pelos limites do trabalho, a sobrecarga emocional e a sensação de pressão constante.

Ao analisar a fala de Hortência, é possível perceber que ela expressa uma percepção de desequilíbrio entre seu trabalho e sua vida pessoal durante a pandemia. Hortência afirma que seu trabalho se sobressaiu muito mais do que sua vida pessoal, sugerindo que a carga de trabalho e as demandas profissionais tiveram um impacto significativo em sua rotina diária e na atenção que pôde dedicar a outras áreas de sua vida. Em suas palavras: "Eu acho que na pandemia o meu trabalho se sobressaiu muito mais do que a minha vida pessoal." (HORTÊNCIA, 2023).

É relevante considerar o impacto desse desequilíbrio na saúde mental de Hortência. A falta de tempo e atenção para cuidar de si mesma e de suas

necessidades pessoais pode levar ao estresse, esgotamento e redução da qualidade de vida.

Nesse sentido, Hochschild (2003) informa que a sobreposição das exigências emocionais do trabalho com as responsabilidades domésticas e familiares pode intensificar a sobrecarga emocional das mulheres. Elas podem experimentar um conflito entre as expectativas de serem "boas mães" e "boas trabalhadoras", resultando em tensões emocionais e estresse adicional.

Ao analisar a fala de Margarida, é possível perceber que ela enfrentou uma fusão entre o trabalho da UFMS e suas atividades domésticas durante a pandemia. Ela menciona que trabalhava bastante em casa em relação aos seus trabalhos na universidade, indicando uma integração significativa entre essas esferas de sua vida. Margarida, por sua vez, revela a imbricação entre o trabalho e as tarefas domésticas. Trabalho remoto demonstra a sobreposição de fronteiras e a interconexão das esferas da vida cotidiana. Nas suas palavras: “Eu trabalhava bastante em casa quanto os trabalhos do UFMS. Então meio que se juntou em tudo, né?” (MARGARIDA, 2023).

Margarida também menciona que executava suas tarefas de descanso de acordo com o tempo disponível, como quando ela checava e-mails e não recebia telefonemas, aproveitando para lavar roupa. Isso indica uma tendência de aproveitar qualquer intervalo de tempo livre para realizar tarefas domésticas, demonstrando uma dificuldade em estabelecer momentos adequados de descanso. Essa realidade nos remete à discussão sobre a dissolução das fronteiras entre o público e o privado, desafiando as tradicionais divisões entre trabalho e vida pessoal.

Nesse contexto, a teoria sociológica de Beck (1992) sobre a sociedade do risco ganha relevância ao explorar as transformações ocorridas nas relações entre indivíduos, trabalho e instituições sociais. A pandemia amplificou essas transformações, trazendo à tona a necessidade de repensar as dinâmicas de trabalho e as formas de conciliar as demandas profissionais e domésticas.

A sobreposição de fronteiras entre o trabalho e as tarefas domésticas coloca em evidência as desigualdades de gênero presentes na divisão do trabalho. Como apontado pelas falas da Margarida, muitas mulheres se viram sobrecarregadas com a dupla jornada, enfrentando o desafio de equilibrar as demandas profissionais com as tarefas domésticas e familiares.

Scott (1995) trabalha a ideia de que o gênero é construído através das interações entre os indivíduos e as estruturas sociais. Ela enfatiza que as identidades

de gênero são produzidas e reproduzidas por meio de práticas, discursos e instituições sociais, como a família, a educação, o trabalho e a política. A partir desse escopo, a autora busca questionar as interpretações e narrativas históricas que negligenciam as experiências, contribuições e desafios enfrentados pelas mulheres.

Considerando as contribuições da Scott (1995) é possível pensar que a sobrecarga de trabalho vivenciada pela Margarida reforça as desigualdades estruturais existentes na distribuição do trabalho entre homens e mulheres, evidenciando a persistência de normas e estereótipos de gênero em um momento delicado da história humana.

Já Violeta, por outro lado, adotou uma abordagem prática e adaptável em relação ao seu trabalho durante a pandemia. Ela relata que suas aulas não foram perfeitas, mas foram consideradas normais, apesar de terem sido realizadas à distância. Violeta demonstra uma atitude positiva ao aceitar a necessidade de ajustar suas práticas de ensino para se adequar ao formato virtual.

Violeta destaca que, durante o período de ensino remoto, ela conseguiu manter a normalidade em suas aulas, realizando as mesmas atividades que seriam realizadas presencialmente. Mesmo enfrentando a mudança abrupta para o ensino à distância, ela conseguiu adaptar-se rapidamente e fornecer conteúdo aos alunos por meio de links e interações online. Nas suas palavras: “É aula normal, só que a distância. Em casa, além de trabalho de casa, aula era normal, entendeu?” (VIOLETA, 2023).

Ao analisar a fala de Dalia, é perceptível que ela enfrentou desafios e teve que se adaptar a uma nova rotina de trabalho durante a pandemia. Ela expressa que mesmo diante das dificuldades e da estranheza dessa nova realidade, ela se esforçou para cumprir suas responsabilidades profissionais. Dalia menciona especificamente a preocupação em como dar aulas nesse contexto, revelando sua dedicação e comprometimento com suas obrigações como educadora. Nas suas palavras: “Então, eu ia e ficava ali a todo momento. Ah, por mais que fosse difícil. Que fosse estranha essa rotina. Como que eu ia fazer pra dar aula?” (DALIA, 2023).

É interessante notar que Dalia reconhece que estava tendo privilégios em comparação a outras pessoas durante esse período desafiador. Essa consciência dos privilégios pode indicar uma sensibilidade em relação à desigualdade social e às disparidades que existem na sociedade. Ela reconhece que, apesar das dificuldades e da estranheza da nova rotina de trabalho, ela estava em uma posição mais favorável

em comparação a outras pessoas que podem ter enfrentado maiores dificuldades e desafios.

A consciência dos privilégios e a sensibilidade em relação à desigualdade social são temas relevantes em um cenário de pandemia. Paulo Freire (2018) ressalta a importância da conscientização das condições sociais e da análise crítica das relações de poder. Em sua obra "Pedagogia do Oprimido", ele discute a importância de reconhecer os privilégios e as desigualdades existentes na sociedade como um passo fundamental para a transformação social, que é umas das premissas de quem se propõe a trabalhar com educação, pois, através dela, a própria existência humana torna-se uma atividade social determinada pelo contexto: “o que faço de mim, o faço para a sociedade e com a consciência de mim enquanto um ser social” (MARX, 1993, p. 176).

Neste sentido, Freire (2018) defendia a importância de reconhecer as condições sociais e buscar a transformação por meio da ação consciente. Para o autor os seres humanos podem se reconhecer como inacabados e inconclusos porque a realidade é história e está igualmente inacabada. Para Freire é nisso que “se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana” (FREIRE, 2018, p. 47). Dália, ao reconhecer seus privilégios e refletir sobre as desigualdades, demonstra consciência histórica e social, evidenciando uma postura alinhada com uma educação emancipadora.

Figura 3: Representações Sociais na categoria Doméstico e não doméstico

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Depreendemos que as fronteiras foram desafiadas e reconfiguradas durante a pandemia, o que leva a pensar a próxima categoria de análise denomina “Incerteza e medo”, que demonstram narrativas relacionadas à própria situação de confinamento, às demandas adicionais e às mudanças abruptas na rotina.

Rosa compartilha a experiência inicial de sentimentos depressivos causados pela restrição de sair de casa e, ao mesmo tempo, pela pressão de lidar com suas próprias demandas e auxiliar outras pessoas. Essa dualidade emocional revela os impactos psicológicos da pandemia, corroborando com as discussões de autores como Antonovsky (2014), que enfatiza a importância do senso de coerência na promoção da saúde mental em momentos de crise.

Para Antononvsky (2014), o senso de coerência refere-se à capacidade de uma pessoa perceber o mundo como compreensível, manejável e significativo. Ele envolve a habilidade de compreender e interpretar os estressores, de acreditar que tem recursos e habilidades para lidar com eles, e de encontrar significado e propósito nas experiências vivenciadas.

Em períodos de crise, como a pandemia, o senso de coerência desempenha um papel importante na adaptação e no enfrentamento dos desafios. Ter um senso de coerência forte está relacionado a uma melhor capacidade de lidar com o estresse, de buscar apoio social, de adotar comportamentos saudáveis e de manter um estado de bem-estar emocional.

De acordo com Antonovsky (2014), o senso de coerência é influenciado por fatores individuais, sociais e culturais. A história de vida, as experiências passadas, as redes de apoio social, as crenças e os valores pessoais são alguns dos elementos que moldam a percepção de coerência de uma pessoa. Além disso, o contexto social mais amplo, incluindo as estruturas de poder e as desigualdades sociais, também pode influenciar a formação do senso de coerência.

Ao analisar a fala de Hortência, é possível perceber que ela experimentou um impacto significativo em sua rotina e bem-estar emocional devido ao trabalho durante a pandemia. Ela expressa a falta de preparo para lidar com as mudanças repentinas que ocorreram e a necessidade de se adaptar de forma improvisada. Essa falta de preparação e a necessidade de aprender na hora geraram medos e incertezas consideráveis, tanto em termos práticos quanto emocionais.

Hortência descreve uma angústia em relação à forma como o trabalho precisou ser desenvolvido de maneiras não familiares. A transição para um novo formato de trabalho exigiu que ela se ajustasse e procurasse maneiras de desempenhar suas atividades de maneira eficaz, mesmo sem estar acostumada a essa abordagem. A pressão de realizar um bom trabalho nesse contexto novo e desafiador contribuiu para seu medo em um momento de isolamento social. Essa análise revela que Hortência enfrentou dificuldades consideráveis no contexto de trabalho durante a pandemia, incluindo falta de preparo, improvisação e sobrecarga emocional.

Margarida, por sua vez, trouxe que expressa que uma das dificuldades mais difíceis de lidar durante esse período foi a ansiedade relacionada à falta de contato social e conexão com outras pessoas. Margarida relata sentir falta de ver gente, se relacionar e se comunicar, e essa ausência de interação pessoal tem causado um impacto negativo em sua vida.

A necessidade humana de conexão social é fundamental para o bem-estar psicológico, e a restrição de interações sociais devido à pandemia teve um efeito significativo em muitas pessoas, incluindo Margarida. A falta de contato pessoal, o distanciamento físico e a limitação das interações sociais presenciais podem levar a sentimentos de solidão, isolamento e ansiedade.

A fala de Violeta traz à tona uma importante questão relacionada ao trabalho durante a pandemia: a transição para o ensino remoto e as mudanças na dinâmica do processo de ensino-aprendizagem. Ao expressar sua preocupação sobre a falta de conhecimento sobre o que os alunos estavam fazendo, Violeta destaca a diferença entre dar aula presencialmente e dar aula de forma remota.

Violeta menciona que não sabia o que os alunos estavam fazendo, o que sugere uma perda de contato direto e uma falta de visibilidade sobre o envolvimento dos estudantes com o processo de aprendizagem. Essa falta de conhecimento pode gerar incertezas e dificuldades para quem leciona, uma vez que não há o mesmo controle e monitoramento em relação aos alunos como há em um ambiente presencial.

Violeta ressalta a diferença entre dar aula presencialmente, onde é possível observar e interagir com os alunos de forma mais imediata, e dar aula remotamente, onde o processo pode se tornar mais mecânico e distante. Essa percepção evidencia os desafios enfrentados pela entrevistada na adaptação ao ensino remoto, incluindo

a necessidade de utilizar ferramentas tecnológicas e encontrar maneiras de manter o engajamento dos alunos mesmo à distância, o que evidencia sua preocupação enquanto docente

A fala de Violeta sobre a dificuldade de adaptação do trabalho educacional ao formato online revela um desafio significativo enfrentado pelas mulheres durante a pandemia. A transição repentina para o ensino remoto trouxe uma série de obstáculos, como a falta de preparação adequada, a necessidade de adquirir novas habilidades tecnológicas e a dificuldade de manter a conexão e o engajamento dos alunos.

Essa falta de preparação e a sensação de desorientação diante dessa nova modalidade de trabalho podem gerar uma carga emocional adicional para as mulheres. Elas são frequentemente responsáveis por conciliar as demandas profissionais com as tarefas domésticas e o cuidado com a família. A sobrecarga resultante dessa dupla jornada pode aumentar o estresse e a exaustão emocional das mulheres, impactando negativamente seu bem-estar mental.

Além disso, Violeta sugere que o ensino remoto aumentou a distância psicológica entre ela e seus alunos. A falta de visibilidade sobre o que os alunos estão fazendo gera incerteza e dificuldade em estabelecer uma conexão direta e imediata com eles, tornando o processo de ensino mais mecânico.

A fala de Dália sobre a incerteza generalizada, o medo e o isolamento social durante a pandemia refletem os sentimentos compartilhados por muitas mulheres nesse período desafiador. A ansiedade e a insegurança são respostas naturais diante de um contexto de crise, no qual as rotinas e as expectativas habituais são abaladas.

A teoria crítica feminista, conforme proposta por Fraser (2018) em seu livro "*Fortunes of Feminism: From State-Managed Capitalism to Neoliberal Crisis*", oferece contribuições para compreender como as estruturas sociais e as desigualdades de gênero podem intensificar as experiências de medo e incerteza das mulheres durante a pandemia.

As estruturas sociais, como as normas de gênero arraigadas na sociedade, podem criar desigualdades que afetam diretamente as mulheres. A divisão tradicional do trabalho, na qual se espera que as mulheres assumam a maior parte das responsabilidades domésticas e de cuidado, pode sobrecarregá-las e dificultar ainda mais a adaptação a novas circunstâncias, como o trabalho remoto e o ensino em casa.

Além disso, as desigualdades econômicas e a precarização do trabalho feminino também contribuem para a insegurança e o medo. Mulheres muitas vezes

ocupam empregos mal remunerados e instáveis, o que as coloca em maior vulnerabilidade financeira durante crises econômicas. A falta de redes de apoio social e a ausência de políticas de proteção social adequadas podem agravar ainda mais essa situação.

No contexto pandêmico, as fronteiras domésticas se tornaram mais evidentes do que nunca, revelando a complexidade das experiências vividas pelas mulheres. A categoria "Incerteza e medo" nos permite compreender os impactos emocionais e psicológicos enfrentados por elas durante esse período desafiador.

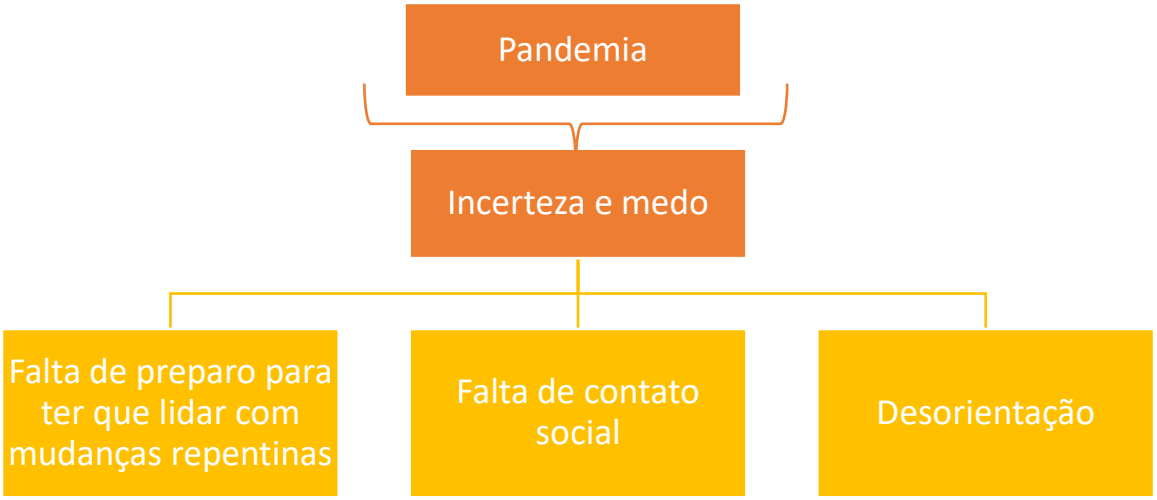
As narrativas das participantes Rosa, Hortência, Margarida, Violeta e Dália ilustram diferentes aspectos dessa realidade. A sobrecarga emocional resultante das demandas profissionais e domésticas, a falta de preparação para lidar com as mudanças abruptas e a ansiedade causada pelo isolamento social são algumas das experiências compartilhadas por essas mulheres.

Investigando essas narrativas à luz da teoria das representações sociais, percebemos como as estruturas sociais e as desigualdades de gênero influenciam as vivências das mulheres durante a pandemia. A falta de suporte institucional adequado, a divisão tradicional do trabalho e a precarização do emprego feminino são alguns dos fatores que intensificam os desafios enfrentados por elas.

Nesse sentido, é fundamental reconhecer a importância de políticas e medidas que promovam a igualdade de gênero e garantam o bem-estar das trabalhadoras. A valorização do trabalho doméstico, a implementação de políticas de proteção social e a promoção de ambientes de trabalho saudáveis são elementos essenciais para mitigar os impactos negativos da pandemia na vida das mulheres.

A teoria crítica feminista, conforme discutida por Hooks (2018), nos lembra da necessidade de questionar as estruturas desiguais e buscar soluções que promovam a justiça social de gênero. A compreensão das representações sociais e das experiências vividas pelas mulheres nos capacita a desenvolver abordagens mais inclusivas e sensíveis às suas necessidades.

Figura 4: Representações Sociais na categoria Incerteza e medo



Fonte: elaborado pela autora (2023)

6.3 TRABALHOSO PARA QUEM? REFLEXÕES DA EMPREITADA FEMININA E SUAS INCUMBÊNCIAS

Na presente seção será abordada as responsabilidades do universo feminino em um contexto de emergência global. Nossa intenção ao discorrer sobre as falas das mulheres entrevistadas oportuniza ultrapassar limitações presentes na pandemia, de forma a escutar e analisar as falas em uma perspectiva emancipadora.

Neste sentido, será desenvolvida a análise que contemplará o núcleo temático “Realização” e as categorias que emergiram: "Diligência Laboral" e “Conciliação laboral”. Trata-se de discutir sobre a função social do trabalho para as mulheres participantes do estudo em um contexto de emergência social, em que a ideia de cuidado e de saúde ficaram em evidência.

A categoria "Diligência laboral" na temática da realização aborda a percepção das participantes sobre seu envolvimento e comprometimento com o trabalho durante a pandemia. Suas narrativas revelam uma diversidade de experiências e sentimentos relacionados às demandas profissionais e pessoais vivenciadas nesse contexto desafiador.

Rosa destaca a sobrecarga compartilhada entre suas colegas, ressaltando a intensidade das responsabilidades assumidas. Percebe-se que a sobrecarga mencionada pelas mulheres está intimamente relacionada à realidade da dupla

jornada de trabalho e às expectativas sociais impostas sobre seu papel de cuidar da família e do lar (HIRATA, 2002). Essa carga adicional de responsabilidades pode resultar em uma diluição de tempo e energia, impactando diretamente na vivência da diligência laboral.

A dupla jornada de trabalho refere-se à conciliação das atividades profissionais remuneradas com as tarefas domésticas e cuidado com a família. De acordo com Hirata (2002), essa sobrecarga é uma expressão da divisão sexual do trabalho, na qual as mulheres são incumbidas de uma parcela desproporcional das responsabilidades familiares e domésticas. Essa divisão desigual de tarefas pode gerar um desequilíbrio entre as demandas profissionais e pessoais, afetando a capacidade das mulheres de se dedicarem plenamente ao trabalho.

Nesse contexto, as expectativas sociais sobre o papel feminino também exercem um papel significativo. A sociedade impõe às mulheres uma imagem idealizada de multitarefas, capazes de realizar com excelência tanto o trabalho profissional quanto as obrigações familiares. Essas expectativas podem gerar pressão adicional sobre as mulheres, aumentando o nível de esforço e empenho exigidos para atender a esses padrões (HIRATA, 2002). Nesse sentido, a teoria das representações sociais permite compreender como as percepções e representações sobre o trabalho feminino são construídas e reproduzidas na sociedade (MOSCOVICI, 2015).

Por outro lado, a participante Hortência enfatiza o prazer e a satisfação que encontra em seu trabalho, além do retorno financeiro que possibilita sua sobrevivência e a realização de outras atividades cotidianas. Essa perspectiva aponta para a importância de considerar as dimensões subjetivas e afetivas do trabalho feminino, que podem estar associadas à busca por autonomia e autorrealização (DUBAR, 2005).

Então, o trabalho não se limita apenas à sua dimensão econômica, mas também desempenha um papel fundamental na construção da identidade e no bem-estar emocional das mulheres. Segundo Dubar (2005), o trabalho é uma dimensão central na vida das mulheres, não apenas como uma fonte de subsistência, mas também como um espaço de expressão e realização pessoal. Nesse sentido, as mulheres buscam encontrar significado e satisfação em suas atividades profissionais, que podem se tornar uma via de realização pessoal e de desenvolvimento de suas potencialidades.

Hirata (2002) também tem contribuições acerca do assunto, observado que a autora entende que as mulheres frequentemente enfrentam a demanda de conciliar as responsabilidades profissionais com as tarefas domésticas e o cuidado com a família. Essa sobrecarga é resultado de expectativas sociais arraigadas que atribuem às mulheres a responsabilidade pelo trabalho reprodutivo, o que pode gerar tensões e desafios significativos na busca pela autorrealização no trabalho.

Margarida destaca a otimização do tempo como um aspecto positivo do trabalho durante a pandemia. Ela relata que, ao ter uma demanda reduzida em seu setor, conseguiu executar as tarefas domésticas de forma mais eficiente. Essa reflexão ressalta a interconexão entre trabalho e vida pessoal, evidenciando como as condições de trabalho podem influenciar a organização e a qualidade do tempo dedicado às atividades não laborais.

Vale rememorar que Margarida é uma mulher casada, que não possui filho e, em suas palavras “Para mim, só como esposa, olhar o marido apenas, é muito mais tranquilo.” Apesar de ter uma carga de trabalho desigual em relação ao marido por ter de cuidar da casa em seu tempo livre, Margarida percebe o fato como um conforto, o que evidencia não apenas um discurso patriarcal arraigado nos papéis sociais dentro de um casamento, mas também revela uma percepção em relação ao trabalho: através da dupla jornada em meio a uma pandemia global, que Margarida julga “leve” e “confortável”, há um sentimento de complacência e contemplação, onde a interlocutora encontra espaço para lidar com suas emoções e funções, pois, nas palavras dela “Acho que foi um momento de aprendizagem, de a gente saber respeitar o tempo e as coisas que são inerentes da vida.”

Perrewé (2005) aborda a interface entre trabalho e vida pessoal sob a perspectiva do equilíbrio entre ambos. Segundo ele, a falta de equilíbrio entre as demandas profissionais e pessoais pode levar a conflitos e estresse, afetando negativamente o bem-estar das mulheres. Nesse sentido, é crucial considerar não apenas as condições de trabalho, mas também as estratégias de conciliação entre trabalho e vida pessoal adotada por Margarida.

Violeta relata não ter deixado de fazer nada que não fazia antes, destacando sua continuidade nas atividades habituais. Essa perspectiva pode ser interpretada como uma forma de resistência e adaptação frente às adversidades impostas pela pandemia, ainda mais considerando que Violeta possui três filhos.

Durante a pandemia, as mulheres entrevistadas evidenciaram que se viram enfrentando múltiplas tarefas e jornadas de trabalho, necessárias para conciliar as demandas profissionais com as tarefas domésticas e o cuidado com a família. Essa sobrecarga de responsabilidades pode levar a um desequilíbrio entre as esferas profissional e pessoal, resultando em altos níveis de estresse e exaustão. No entanto, é interessante destacar a capacidade de resistência e adaptação que mulheres como a Violeta demonstra diante dessas circunstâncias desafiadoras.

A resistência das mulheres nesse contexto pode ser entendida como uma forma de enfrentamento das adversidades, buscando soluções criativas e se adaptando às novas demandas impostas pela pandemia. Essa capacidade de se reinventar é essencial para lidar com os obstáculos enfrentados naquele momento, seja através da reorganização das rotinas, da busca por apoio em redes de suporte ou do desenvolvimento de estratégias para otimizar o tempo e a produtividade. É importante ressaltar que a resistência e a adaptação das mulheres frente à sobrecarga de trabalho não significam que elas estejam imunes aos desafios emocionais e psicológicos.

A exemplo disso, Violeta trouxe contradições ao dizer que “então eu penso que ao mesmo tempo que o homem trabalha fora, ele também... Não é que tenha obrigação, mas ele poderia ter essa cumplicidade de dividir as tarefas de casa também”. Violeta tropeça nas palavras ao não saber explicar o que seria ou não obrigação de seu marido nas atividades de casa e, diante do tropeço, dá ao marido o benefício de escolher dividir, apesar de entender que deveria haver cumplicidade.

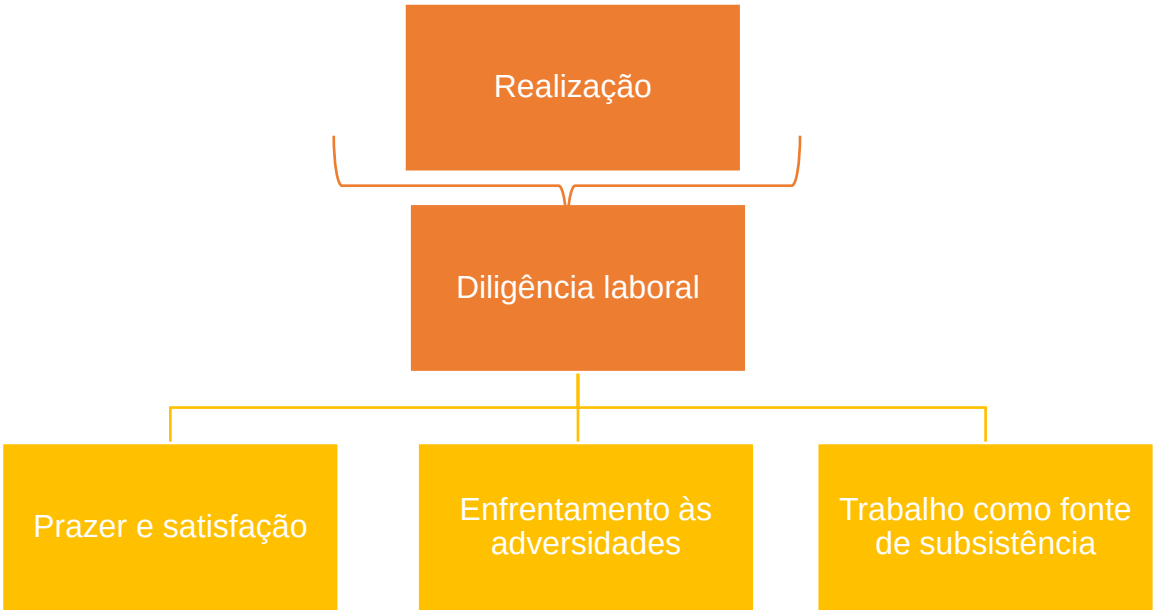
Já Dália reconhece o trabalho como sua fonte de subsistência, evidenciando a necessidade de garantir sua própria sobrevivência financeira. Essa perspectiva se alinha à crítica feminista que enfatiza a importância do trabalho remunerado para a autonomia econômica e a emancipação das mulheres (FRASER, 2018).

Ao desempenharem atividades remuneradas, as participantes podem buscar a autorrealização e o desenvolvimento de suas habilidades, fortalecendo sua autoestima e confiança. Através do trabalho, elas têm a possibilidade de se expressar, contribuir para a sociedade e se sentir valorizadas. Essa independência financeira também oferece a liberdade de tomar decisões sobre seu próprio destino, influenciando suas escolhas pessoais e profissionais.

Saffioti (2015) dá direções sobre as contribuições do trabalho remunerado ao expor que ele não se trata apenas de garantir a subsistência, mas também confere

às mulheres uma maior voz e participação nos espaços públicos. Ao terem acesso a empregos remunerados, as mulheres podem adquirir uma posição de maior visibilidade e influência na sociedade, contribuindo para a transformação das estruturas de poder e a conquista de direitos.

Figura 5: Representações Sociais na categoria Diligência laboral



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Tratando-se da segunda categoria, denominada “Reinvenção da atividade laboral”, temos narrativas de experiências que são compartilhadas acerca do trabalho durante a pandemia e a sensação de ter tarefas acumuladas, tanto no âmbito profissional quanto pessoal. É possível perceber diferentes perspectivas em relação ao trabalho e suas repercussões durante a pandemia.

Iniciamos com a análise da fala de Rosa, em que é possível identificar algumas percepções e experiências positivas em relação ao trabalho durante a pandemia. Ela destaca que o uso da internet e das plataformas online proporcionou um contato mais próximo com as pessoas em um momento em que o contato físico não era permitido. Essa facilidade de se conectar virtualmente trouxe benefícios

significativos para ela, pois permitiu manter relações sociais e profissionais mesmo diante das restrições impostas pela pandemia. Nas palavras dela:

> ... o online possibilitou contato com as pessoas em um período que elas precisavam muito e que o contato físico não era permitido. Então eu tive como facilidade isso de poder utilizar a internet... (ROSA, 2023).

Além disso, Rosa menciona a economia de tempo e recursos decorrente do trabalho remoto. A possibilidade de realizar suas atividades profissionais sem a necessidade de deslocamento até o trabalho gerou uma economia de tempo significativa, já que ela não precisava enfrentar o trânsito ou gastar tempo em deslocamentos diários. Além disso, Rosa destaca a economia financeira que obteve ao evitar gastos com combustível, uma vez que pôde realizar suas tarefas de forma remota.

A experiência de Rosa também se estende ao seu doutorado, que teve início durante a pandemia. Ela relata que todas as atividades relacionadas ao seu trabalho de pesquisa, incluindo reuniões com a orientadora e encontros em grupo, foram adaptadas para o ambiente online. Essa transição para o trabalho remoto trouxe benefícios adicionais, como a economia financeira que ela teria caso fosse necessário se mudar ou fazer viagens frequentes para o estado de São Paulo, onde está localizada sua orientadora.

É importante ressaltar que a percepção positiva de Rosa em relação ao trabalho remoto e à utilização da tecnologia online é válida dentro do contexto em que ela se encontra. Nem todas as mulheres tiveram acesso às mesmas condições e recursos para se adaptar ao trabalho remoto de maneira eficaz. As desigualdades socioeconômicas, a falta de infraestrutura adequada, a divisão desigual das tarefas domésticas e a sobrecarga de responsabilidades podem impactar negativamente a experiência de outras mulheres no contexto do trabalho durante a pandemia.

Já Hortência, por sua vez, rela que, com o com o distanciamento do turbilhão causado pela pandemia, ela passou a enxergar o seu trabalho como um recurso valioso. Nesse sentido, ela destaca que, diante da falta de preparo e do cenário improvisado, teve que aprender na prática e enfrentar uma sobrecarga considerável, não apenas no âmbito profissional, mas também ao absorver os impactos da pandemia em outros aspectos de sua vida.

A participante menciona a sobrecarga cotidiana, que vai além do trabalho, incluindo o cuidado, o isolamento social e a sensação de estar presa em uma

realidade doméstica sem conseguir escapar. Além disso, Hortência traz à tona o desafio de conciliar as demandas profissionais com a maternidade, mencionando que, durante a pandemia, estava lidando com um filho de nove meses, logo após retornar da licença maternidade e iniciar seu doutorado na UFMS.

O relato de Hortência também revela a pressão vivenciada por ela e seu marido, ambos professores na mesma universidade, para manter seus trabalhos e se adaptar às novas formas de desenvolvê-los sem o devido preparo. Além disso, a falta de uma rede de apoio familiar, devido à distância, agravou ainda mais o contexto desafiador.

A percepção de Hortência de que seu trabalho se sobressaiu em relação à sua vida pessoal durante a pandemia demonstra a intensidade e a centralidade das exigências profissionais em sua experiência. Essa percepção pode ser entendida como uma consequência das demandas emergentes e da necessidade de se adaptar rapidamente a novas formas de trabalho, sem o suporte adequado.

Percebe-se a presença de fatores multifacetados que impactam a vivência de Hortência no contexto da pandemia. Esses fatores incluem a sobrecarga de trabalho, as demandas de cuidado, a pressão profissional, a maternidade e a falta de apoio familiar. A ausência de preparo prévio e a necessidade de aprender na prática evidenciam a improvisação enfrentada por Hortência e refletem um contexto desafiador e estressante.

Hortência, mesmo com 4 filhos e diante de todas as dificuldades relatadas parece encontrar uma forma de ressignificação do trabalho diante das adversidades vivenciadas. Ao enfrentar uma série de desafios e sobrecargas, Hortência pode ter encontrado no trabalho uma fonte de estabilidade, sentido e realização pessoal. Através do envolvimento profissional, ela vê um espaço de autonomia e controle em meio a um cenário de incertezas e limitações.

Essa percepção de que o trabalho incorporou aspectos positivos como recurso pode ser uma estratégia de enfrentamento e adaptação utilizada por Hortência para lidar com a complexidade da pandemia. Ao reconhecer e valorizar os aspectos positivos que emergiram em sua experiência profissional, ela pode estar buscando se fortalecer para enfrentar de forma mais assertiva os desafios cotidianos.

É oportuno ressaltar que essa perspectiva não sobrepõe o impacto das condições de trabalho, da sobrecarga e das desigualdades de gênero presentes na realidade das mulheres durante a pandemia. Porém, é possível perceber que o

trabalho passou a ocupar uma função essencial na identidade de Hortência e a que a mulher passou a se perceber capaz de enfrentar muitos desafios.

A partir das reflexões de Margarida sobre sua experiência durante a pandemia, é possível observar uma percepção positiva em relação à otimização do tempo e à melhoria em diferentes áreas de sua vida. Segundo Margarida, o período de distanciamento social permitiu que ela executasse as tarefas domésticas de forma mais eficiente, aproveitando o tempo disponível quando não havia demandas intensas de trabalho. Isso possibilitou uma maior organização e tranquilidade em relação às responsabilidades cotidianas, como a limpeza da casa, a preparação de refeições e a realização das tarefas domésticas em geral. Nas suas falas:

> O tempo, eu acho que eu ganhei muito tempo de executar as coisas em casa quando não se tinha uma demanda no trabalho. Quando a gente estava com o tempo na execução das tarefas do trabalho no meu setor, eu conseguia otimizar minha vida em casa (MARGARIDA, 2023).

A participante destaca que, ao conseguir otimizar seu tempo, ela pôde desfrutar de atividades físicas, alimentação adequada e uma relação mais harmoniosa com seu marido, que também estava em casa durante o período de distanciamento social. Essa perspectiva de Margarida indica que o contexto da pandemia proporcionou um momento de aprendizado e reflexão, levando-a a repensar antigas crenças e reconstruir aspectos de sua vida que antes não eram valorizados.

Para Margarida, esse período foi uma oportunidade de respeitar sua saúde e repensar sua relação com o tempo e as demandas do cotidiano. A participante ressalta a necessidade de reconhecer a falta de controle sobre certos aspectos da vida e aprender a lidar com essa realidade. Margarida enfatiza que o momento de distanciamento social permitiu uma reavaliação de suas prioridades e uma desconstrução de crenças enraizadas.

Vale expor que, assim como no caso de Hortência, é preciso considerar que a percepção de Margarida não reflete a realidade de todas as mulheres durante a pandemia. Contudo, na experiência da Margarida, é possível perceber que, para ela, a pandemia proporcionou uma oportunidade de reflexão e mudança em diversos aspectos de sua vida.

A partir da fala de Dália, pode-se observar que o trabalho desempenha um papel significativo em sua vida, motivando suas ações, estudos e buscas há bastante tempo. Dália expressa uma percepção de privilégio por poder trabalhar em casa durante a pandemia, uma vez que não foi afetada pelo risco à sua saúde ou pela

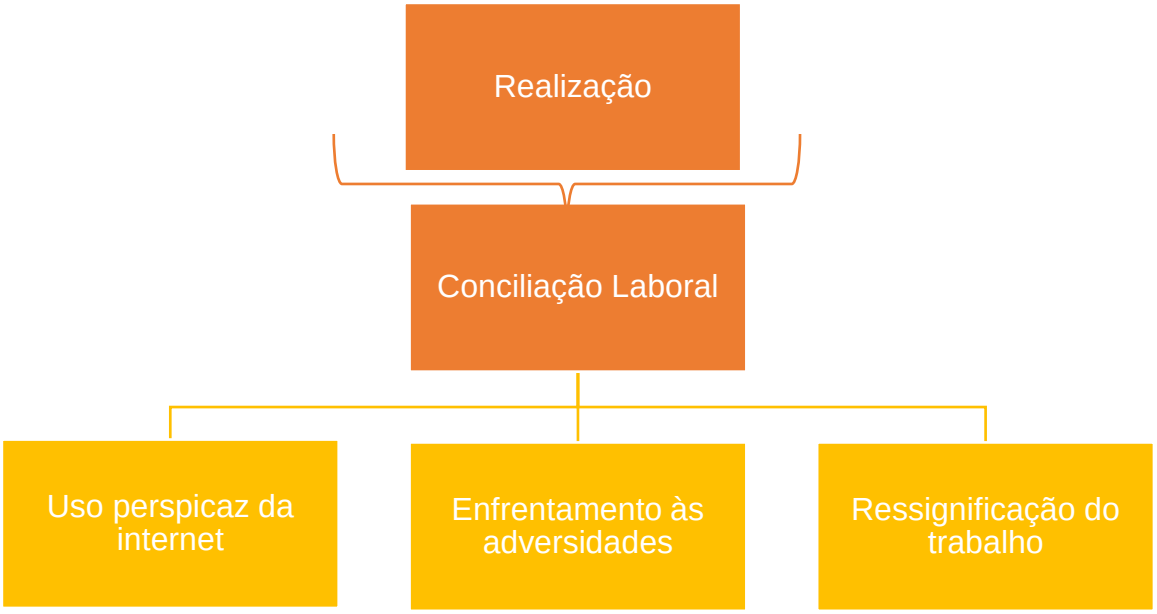
questão salarial. Ela reconhece que houve algumas facilidades, como o aumento das opções de delivery e outras formas de comércio. Além disso, ela destaca que muitas coisas se tornaram alternativas para o cotidiano, inclusive metodologias de trabalho e de ensino, diminuindo a dependência da presencialidade.

Ao mencionar que não foi afetada pelo risco à saúde ou pela questão salarial durante a pandemia, Dália revela um privilégio que pode influenciar sua visão positiva do trabalho nesse contexto específico. É importante considerar que nem todas as mulheres estavam em uma situação análoga, uma vez que muitas enfrentaram situações de maior vulnerabilidade, como exposição ao vírus devido a trabalhos essenciais ou perda de emprego e renda devido às restrições e crises econômicas.

É possível perceber que Dália valoriza o trabalho como algo importante em sua vida, que motiva suas ações e busca por conhecimento. Essa valorização pode estar relacionada a diversos fatores, como a realização pessoal, a autonomia financeira e a contribuição social que o trabalho proporciona. Para Dália, a possibilidade de continuar trabalhando durante a pandemia e de adaptar-se a novas formas de realização do trabalho, como o uso de metodologias alternativas, pode ter trazido um sentimento de realização.

No entanto, é importante relembrar que, assim como no caso das demais participantes, as facilidades e alternativas mencionadas por Dália não foram acessíveis ou viáveis para todas as mulheres. A falta de recursos, infraestrutura adequada, habilidades digitais ou mesmo o contexto das atividades laborais podem ter limitado a adoção dessas estratégias de trabalho remoto ou flexível. Portanto, é necessário analisar a percepção de Dália à luz dessas disparidades e das diferentes realidades vivenciadas pelas mulheres durante a pandemia. Posto isso, tem-se que a análise da fala de Dália aponta para a importância do trabalho em sua vida, bem como para a sua capacidade de adaptação e aproveitamento das oportunidades surgidas durante a pandemia.

Figura 6: Representações Sociais na categoria Conciliação laboral



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Por fim, é oportuno retomar que a presente pesquisa contou com a participação de um grupo de mulheres que desempenhavam suas funções profissionais em uma universidade pública durante o período de distanciamento social imposto pela pandemia. As participantes foram selecionadas como sujeitos-chave para investigar as representações sociais relacionadas ao trabalho nesse contexto específico. Essas mulheres, por meio de suas experiências e relatos, proporcionaram narrativas singulares sobre as dinâmicas e desafios enfrentados na pandemia.

As contribuições das participantes foram essenciais para o estudo, pois trouxeram à tona a complexidade das representações sociais sobre o trabalho feminino durante a crise sanitária. Suas narrativas revelaram uma dualidade perceptível entre a negação de diferenciação de gênero no trabalho e a persistente sobrecarga e expectativa de cuidar do lar e da família. Essa contradição exposta pelos relatos das participantes ressalta a necessidade de compreender e abordar as desigualdades de gênero que continuam a afetar a vida profissional das mulheres, mesmo em momentos de crise. A pesquisa se torna relevante ao lançar luz sobre essas questões, fornecendo subsídios para reflexões e intervenções que possam

promover uma equidade de gênero mais efetiva no ambiente de trabalho, contribuindo para a construção de sociedades mais justas e inclusivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar as Representações Sociais das mulheres em um momento tão delicado da história humana simboliza um desafio imenso para mim, como pesquisadora. Durante a pandemia, enfrentei inúmeras dificuldades, pois estive trabalhando simultaneamente a minha gestação e, posteriormente, tive que me dedicar cuidados ao meu filho recém-nascido.

Essa jornada de pesquisa se revelou intensa e multifacetada. Enquanto navego pelas responsabilidades da maternidade, também me deparo com as complexidades das questões sociais que envolvem as mulheres. Tenho sido testemunha de como a pandemia afetou desproporcionalmente as mulheres, agravando as desigualdades de gênero e aumentando a carga de trabalho não remunerado.

Ao me envolver nessa pesquisa, senti a necessidade de me apropriar do universo das participantes que escolhi entrevistar e, durante essa investigação, pude notar que a sociedade impõe expectativas e pressões às mulheres, especialmente em relação à produtividade e ao desempenho em múltiplas esferas da vida. As mulheres, frequentemente, são valorizadas por sua capacidade de equilibrar diversas responsabilidades, como carreira, família, vida doméstica e cuidados pessoais. Essas expectativas internalizadas podem levá-las a buscar ativamente o acúmulo de trabalho como uma forma de reconhecimento social.

A sensação de estar constantemente ocupada e realizando múltiplas tarefas pode fornecer uma sensação de eficiência. Principalmente quando se está habituada a cuidar, educar, orientar e se responsabilizar pela família. O reconhecimento externo recebido ao cumprir essas expectativas em conjunto à possibilidade de uma identificação cultural e de uma função social exercida através do trabalho contribui para a formação de condutas que possibilitam assumir múltiplos papéis e ter uma jornada dupla de trabalho como forma de expressar competência e dedicação à família e à sociedade como um todo. Essa identificação pode gerar um senso de satisfação em cumprir esses papéis.

Durante a pandemia, as mulheres entrevistadas se viram enfrentando uma dupla jornada de trabalho, tendo que conciliar as demandas profissionais com as tarefas domésticas e o cuidado com a família. Por mais que todas estivessem trabalhando na mesma Universidade emergiram discursos distintos acerca das

dificuldades. O crivo dessas diferenças foi a classe social, o número de pessoas residentes na casa e o fato de ter filhos ou não. A experiência foi marcada pelo grupo familiar.

As mulheres também mencionaram a necessidade de se adaptar rapidamente a novas formas de trabalho remoto e ensino à distância, o que exigiu habilidades tecnológicas adicionais e a capacidade de conciliar diferentes papéis em um ambiente virtual. Essa transição repentina para o trabalho remoto afetou negativamente a socialização, mas também proporcionou a adoção de ferramentas que são utilizadas até mesmo após o contexto de emergência sanitária não estar mais vigente, indicando capacidade de adaptação e compromisso com as atividades pedagógicas, mesmo em um momento de vulnerabilidade social.

Outra questão emergente foi a sensação de medo e as incertezas, principalmente no início da pandemia. As falas das mulheres revelaram a sensação de estarem perdidas, mas, mesmo diante desse contexto, a maioria parte do pressuposto de que ocuparam uma posição de trabalho privilegiada na pandemia, citando inclusive o fato de estarem em casa como uma vantagem, o que indica uma consciência histórica e social por parte das docentes.

Também foi possível notar, através da análise dos dados, que há a existência de uma dualidade antagonista, visto que, embora as entrevistadas afirmem não haver diferenciação entre trabalho masculino e feminino, em um segundo momento trazem à tona a questão da obrigatoriedade feminina no trato, cuidado e manutenção do lar e da família.. Desta forma, há no discurso e nas ações do agir feminino desta parcela estudada a perpetuação da posição da mulher sobrecarregada, que somatiza os papeis de “dona do lar” e “de mulher de sucesso profissional”, mesmo em um panorama de convivência de um casal sem filhos, no qual uma divisão do trabalho invisível (dos afazeres domésticos) poderia ser realizada de maneira mais equilibrada entre os residentes no domicílio durante o período de reclusão social.

Em relação ao isolamento social e o uso das tecnologias, as narrativas apontaram para a integração de ferramentas úteis ao trabalho com a utilização da internet. Houve a citação de preocupação em relação à eficiência da aprendizagem através das plataformas virtuais, principalmente no início da pandemia. Contudo, de modo geral, percebe-se que houve a inclusão de elementos facilitadores do trabalho.

E, tratando-se especificamente do trabalho docente, as mulheres entrevistadas revelaram que este tem uma função essencial em suas vidas, garantindo-lhes autonomia e promovendo realizações. Através deste trabalho, elas têm a possibilidade de se expressar, contribuir para a sociedade e se sentir valorizadas.

A sociedade, em grande parte, valoriza e enaltece as mulheres que conseguem conciliar múltiplas responsabilidades. Essa valorização, por vezes, está arraigada em ideais de sacrifício, abnegação e dedicação às tarefas domésticas e ao cuidado dos outros. Nesse sentido, podemos perceber que não é qualquer valorização que é saudável às mulheres.

É importante ressaltar que essa percepção de prazer no acúmulo de trabalho não deve ser generalizada e nem romantizada. O excesso de trabalho e a sobrecarga podem ter consequências negativas para a saúde física e mental de qualquer mulher, levando ao estresse, esgotamento e desequilíbrio na qualidade de vida.

Partindo de um posicionamento crítico, a presente investigação considera que é fundamental promover uma reflexão sobre as expectativas impostas às mulheres e trabalhar para construir uma cultura que valorize o trabalho e não os sacrifícios feitos para sua realização e, neste sentido, recomenda que futuras pesquisas que relacionem a mulher e o seu trabalho sejam feitas, a fim de dirimir expectativas e imposições.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: Moreira, A. S. P. Oliveira, D. C. **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998, p. 27-38.

ACKER, Joan. Hierarquias, empregos, corpos: uma teoria das organizações com gênero. **Gênero & Sociedade**, v. 4, n. 2, p. 139-158, 1990.

ANADON, M. MACHADO, P. B. Reflexões Teórico-Metodológicas Sobre as Representações Sociais. In: MACHADO, P. B. **Espaço, mapas mentais, representações sociais e prática docente na Educação do campo**. Senho do Bonfim: Eduneb, 2011, p. 35-44.

ANDRADE, A. R. G. VIEGAS, C. M. A. R. SOUZA, T. G. P. O impacto da violência doméstica na vida da mulher que exerce o trabalho remoto em tempos de pandemia de Covid-19. **Revista de Estudos Jurídicos UNA**, v. 8, n. 2, 2021, p. 145-160.

ANTONOVSKY, Aaron. **Unraveling the Mystery of Health: How People Manage Stress and Stay Well**. Jossey-Bass, 2014.

ARAÚJO, M. P. N. BARROSO, R. R. F. MACHADO, M. L. CUNHA, C. M. QUEIROZ, V. A. O. MARTINS, P. C. SANTANA, M. L. P. Residência é residência, trabalho é trabalho: estudo quali-quantitativo sobre o trabalho remoto de professores universitários durante a pandemia da COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 9, 2021, p. 1-16.

ARRUDA, A. As representações sociais: desafios de pesquisa. **Revista de Ciências Humanas**, vol. Especial T, p. 9–23, 2002.

ARRUDA, B. Pandemia aumenta exploração da mulher e escancara desigualdades. In: DOSSIÊ: O Fenômeno da Pandemia em Perspectiva de Gênero e Feminismos. **Gênero na Amazônia**, 2021, p. 119-122.

ALAYA, D. B. Abordagens Filosóficas e Teoria das Representações Sociais. In: ALMEIDA, A. M. O. SANTOS, M. F. S. TRINDADE, Z. A. (Org.). **Teoria das Representações Sociais:50 anos**. Brasília: Technopolitik, 2019, p. 261-282.

ALVES, N. F. T. MAIA, L. M. LIMA, L. B. P. SOUZA, L. E. C. OLIVEIRA, I. A. GOMES, A. A. A. M. Mulheres no Contexto de Trabalho: Representações Sociais a partir da Orientação Sexual. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 421-441, 2020.

AZAMBUJA, M. P. R. **Violência de género e os discursos circulantes nos cuidados de saúde primários**. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga. https://hdl.handle.net/1822/8506.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco: Rumo a uma Nova Modernidade**. Editora 34, 1992.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Difusão Européia do Livro, 1967.

BLANCK, J. G. Teoria e método para uma ciência psicológica unificada. In: SIGUÁN, M. (Ed.). **Actualidad de Lev S. Vigotski**. Barcelona: Antrophos, 1987.

BÔAS, L. P. S. V. Uma abordagem da historicidade das representações sociais. Cadernos de Pesquisa, v. 40, n. 140, 2010, p. 379-405.

BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres. **Mulheres no COVID-19**. Brasília, DF, 2020.

BRUSCHINI, C. **Trabalho feminino no brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação?** LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION – ECO 19. Chicago, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Routledge, 1990.

CASTRO, Marcela. Covid-19 e trabalho de mulheres-mães-pesquisadoras: impasses em "terra estrangeira". **Linhas Críticas**, v. 27, 2021.

CAVALIERE, A. G. A conciliação trabalho e família e o ofício de ser professora: dilemas e desafios. **Educação em Revista**, v. 34, n. 1, p. 263 -280, jan./mar. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982018000100263&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 maio 2023.

CONNELL, R.W. **Masculinidades**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e Júlio Assis Simões. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

CONSCEIÇÃO, A. S. NUNES, T. S. Amélia & executiva: qual a mulher de verdade? – Trabalho, pandemia e home office. In: **ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO**, 45., 2021, on-line. Anais eletrônicos [...]. Maringá: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2021. Disponível em: <http://www.anpad.org.br>. Acesso em: 01 nov. 2021.

CORSINI, L. FILHO. E. A. S. Um estudo sobre as representações sociais de mulheres executivas: estilo de comportamento e de gestão. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 2004, vol. 7, p. 67-80.

COUTINHO, S. M. S. MENANDRO, P. R. M. Representações sociais do ser mulher no contexto familiar: um estudo intergeracional. **Psicologia e Saber Social**, vol. 4, n. 1, 2015, p. 52-71.

CYRINO, R. Essencialismo de gênero e identidade sexual: o caso das mulheres executivas. **Cad. Esp. Fem. Uberlândia**, v. 24, n. 1, 2011. p. 79-102.

CYRINO, R. Trabalho, temporalidade e representações sociais de gênero: uma análise da articulação entre trabalho doméstico e assalariado. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 66-92.

DESCHAMPS, J. C. MOLINER, P. **A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais**. Trad. de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2009.

DERNDORFER, J.; DISSLBACHER, F.; LECHINGER, V.; MADER, K.; SIX, E. Home, sweet home? The impact of working from home on the division of unpaid work during the COVID-19 lockdown. **PLoS ONE**, vol. 16, no. 11 November, p. 1–26, 2021. DOI 10.1371/journal.pone.0259580. Available at: http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0259580.

DUARTE, M. de Q.; SANTO, M. A. da S.; LIMA, C. P.; GIORDANI, J. P.; TRENTINI, C. M. Covid-19 and the impacts on mental health: A sample from Rio Grande do Sul, Brazil. **Ciencia e Saude Coletiva**, vol. 25, no. 9, p. 3401–3411, 2020. https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.16472020.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FARRE, L.; FAWAZ, Y.; GONZALEZ, L.; GRAVES, J. How the Covid-19 Lockdown Affected Gender Inequality in Paid and Unpaid Work in Spain. **SSRN Electronic Journal**, no. 13434, 2021. https://doi.org/10.2139/ssrn.3643198.

FERREIRA, V. Reestruturação da produção e o mundo do trabalho das mulheres. In: **Caderno de textos gênero e trabalho. Iole Macedo Vanin e Terezinha Gonçalves** (Org.). Salvador: REDOR, 2006. p. 161-166.

FONSECA, R. L. de A.; PÉREZ-NEBRA, A. R. A epidemiologia do teletrabalhador: impactos do teletrabalho na saúde mental. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, vol. 15, no. 2, p. 303, 2012. https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v15i2p303-318.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Plano Editora, 2003.

FRASER, Nancy. **Fortunes of Feminism: From State-Managed Capitalism to Neoliberal Crisis**. Verso Books, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 70ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis**. São Paulo: Cortez, 1998.

GUPTA, R. (2020). Efeitos de gênero da COVID-19: a interseção entre trabalho e família. **Gênero, Trabalho e Organização**, v. 28, n. 3, p. 1-8.

HARVEY, David. **Coronavírus e a luta de classes**. Política Anticapitalista em Tempos de Covid – 19. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

HIRATA, H. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cadernos Pagu**, no. 17–18, p. 139–156, 2002. https://doi.org/10.1590/s0104-83332002000100006.

HOCHSCHILD, A. **The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling**. Berkeley: University of California Press, 2003.

HOOKS, bell **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras** / bell hooks; tradução Ana Luiza Libânio. – 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. recurso digital.

JODELET, D. **Problemáticas Psicossociais da Abordagem da Noção De Sujeito**. Tradução de: Luciano Loprete. Cadernos de Pesquisa, v.45, no.156, p.314-327, 2015.

JODELET, D. **Loucura e representação social**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1989.

KOHL, M. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo Sócio-histórico**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

LANE, S. T. M. O processo grupal. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 78-99.

LANE, S. T. M.; CAMARGO, D. Contribuição de Vygotski para o estudo das emoções. In: LANE, S. T. M.; SAWAIA, B. (Org.). **Novas Veredas em Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 2006. p. 115-135.

LANE, S. T. M. A mediação emocional na construção do psiquismo humano. In: LANE, S. T. M.; SAWAIA, B. (Org.). **Novas Veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 2006. p. 55-67.

LANE, S. T. M.; SAWAIA, B. Avanços da Psicologia Social na América Latina. In: LANE, S. T. M.; SAWAIA, B. (Org.). **Novas Veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 2006. p. 67-83.

LEONTIEV, A. **Atividade, conciencia y personalidade**. Buenos Aires: Ciencias del Hombre, 1978.

LOPES, Z. A. **Representações sociais acerca da violência de gênero: significados das experiências vividas por mulheres agredidas**. 2009. Tese. (Doutorado em Ciências - Área: Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

MARKOVÁ, I. La fabrication de la théorie des representations. **Cadernos de Pesquisa**, vol. 47, no. 163, p. 358–374, 2017. https://doi.org/10.1590/198053143760.

MARX, K. **Manuscritos económicos-filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1993.

MAZZOTTI, A. J. A. A abordagem estrutural das representações sociais. **Psic. da Ed. São Paulo**, 14/15, 2002, p. 17-37.

MELO, H. P. CONSIDERA, C. M. A. D. SABBATO. Os afazeres domésticos contam. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 16, n. 3, 2007, p. 435-454.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 1. ed. Vozes, 2016.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. A Era das Representações Sociais. In: MOSCOVICI, S. (Org.). **Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 1984.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Vozes, 2015.

OLIVEIRA, M. S. F. Profissão docente, feminilidade e representações sociais: estereótipos e identidades no discurso de professoras. **Revista de Estudos Feministas**, v. 27, n. 1, p. e48512, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2019000100612&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 maio 2023.

ONU MULHERES. Ação comunitária para resposta à COVID-19: **Diretrizes para a resposta inclusiva, equitativa e baseada em gênero à pandemia de COVID-19**. Brasília -DF: ONU Mulheres Brasil, 2020.

PERES, M. F. O trabalho das mulheres na educação: uma análise da feminização e das condições de trabalho. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E TRABALHO**, 10., 2017, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: USP, 2017. p. 1-15. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Marina-Fonseca-Peres/publication/322396274_O_trabalho_das_mulheres_na_educacao_uma_analise_da_feminizacao_e_das_condicoes_de_trabalho/links/5a031bc0a6fdcc547898ea65/O-trabalho-das-mulheres-na-educacao-uma-analise-da-feminizacao-e-das-condicoes-de-trabalho.pdf. Acesso em: 13 maio 2023.

PERREWÉ, Pamela L. et al. The relationship between workload and work-family conflict: A review and directions for future research. In: GAMBRELL, John A.; GOLDBERG, Christine B.; GREENBERGER, Ellen (Eds.). **Work and family: An international research perspective**. Psychology Press, 2005.

PINHEIROS, L.S; et. al. **Vulnerabilidades das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). ONU Mulheres. Brasil, 2020 Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10077. Acesso em 13 de maio de 2023.

QUEIROZ, R. A. CUNHA, T. A. R. **A violência psicológica sofrida pelas mulheres: invisibilidade e memória**. Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 10, n. 20, 2018, p. 86-95.

RAFALSKI, J. C.; ANDRADE, A. L. Home-office: aspectos exploratórios do trabalho a partir de casa. **Temas em Psicologia**, vol. 23, no. 2, p. 431–441, 2015. DOI 10.9788/TP2015.2-14. Available at: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v23n2/v23n2a13.pdf.

REIS, A. P. DOS . et al.. Desigualdades de gênero e raça na pandemia de Covid-19: implicações para o controle no Brasil. **Saúde em Debate**, v. 44, n. spe4, p. 324–340, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sdeb/a/JDP7W6J9mk5Gt3ZjPKvhNLm/?lang=pt#. Acesso em: 14 de maio de 2023.

RIBEIRO, M. M. C. Mulheres professoras e a escola: trabalho, docência e desigualdade. In: **ANAIS DO X SEMINÁRIO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO**, 3., 2014, Marília. Anais [...]. Marília: Universidade Estadual Paulista, 2014. p. 1-13. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Maria-Cecilia-Cristiano-Ribeiro/publication/285938459_MULHERES_PROFESSORAS_E_A_ESCOLA_TRABALHO_DOCENCIA_E_DESIGUALDADE/links/566e6bc308ae42b214eef649/MULHERES-PROFESSORAS-E-A-ESCOLA-TRABALHO-DOCENCIA-E-DESIGUALDADE.pdf. Acesso em: 13 maio 2023.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SANTOS, G. BUARQUE, C. O que é gênero? In: VANIN, I. M. GONÇALVES, T. (Org.) **Caderno de textos gênero e trabalho**. Salvador: REDOR, 2006.

SANTOS, D. A. SILVA, L. B. Relações entre trabalho e gênero na pandemia do COVID 19: o invisível salta aos olhos. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, v. 32, n. 1, 2021. p. 10-34.
SANTOS, M. L. et al. O impacto da pandemia COVID-19 na vida das mulheres: uma revisão bibliográfica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 3, p. e20200435, 2020.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SCHABBACH, L. M. A reprodução simbólica das desigualdades entre mulheres e homens no Brasil. **Opinião Pública**, Campinas, vol. 26, nº 2, 2020, p. 323-350.

SILVA, F. A. **Trabalho, política e gênero: o papel da mulher na história e o resgate do feminismo. In: Estudos interdisciplinares sobre gênero e feminismo**. Org. Solange Aparecida de Souza Monteiro. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019, p. 164 - 173.

SILVEIRA, R. C. da P.; RIBEIRO, I. K. da S.; TEIXEIRA, L. N.; TEIXEIRA, G. S.; MELO, J. M. A.; DIA, S. F. Bem-estar e saúde de docentes em instituição pública de ensino. **Revista de Enfermagem** UFPE on line, vol. 11, p. 1481–1488, 2017. DOI 10.5205/reuol.10263-91568-1-RV.1103sup201721. Available at: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1032431.

SOUZA, A. S. R.; SOUZA, G. F. de A.; PRACIANO, G. de A. F. Women's mental health in times of COVID-19. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, vol. 20, no. 3, p. 659–661, Sep. 2020. DOI 10.1590/1806-93042020000300001. Available at: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1519-38292020000300659&script=sci_arttext&tlng=pt.

SWAIN, T. N. Feminismo e Representações Sociais: A Invenção das Mulheres nas Revistas "Femininas". **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 34, p. 11-44, 2001.

TAIT, M. M.; FELTRIN, R.; SOUZA, G. Vista do Gap de gênero na ciência em tempos de COVID-19: um panorama do Brasil. 2021. R**evista de Estudios Sociales de la Ciencia y la Tecnologia**. Available at: https://revistaredes.unq.edu.ar/index.php/redes/article/view/49/111. Accessed on: 26 Jul. 2022.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L S. **Teoria e método em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VYGOTSKY, L. S. Desarrollo de las funciones psíquicas superiores en la edad de transición. In: VYGOTSKY, L. **Obras escogidas IV: psicología infantil**. 2. ed. Madrid: Visor y A. Machado Libros, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
UNESCO. **Mulheres e meninas em tempos de crise: COVID-19 e igualdade de gênero**. Paris: UNESCO, 2020.

VASQUEZ, P. S. Constituição de identidade de sujeito da mulher no mundo do trabalho. In: **Caderno de textos gênero e trabalho**. Iole Macedo Vanin e Terezinha Gonçalves (Org.). Salvador: REDOR, 2006. p. 131-148.

APÊNDICE A: NÚMERO TCLE E NÚMERO DO CEP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto de pesquisa: **Efeitos do distanciamento social decorrentes da pandemia de COVID-19 na saúde mental de estudantes, técnicos e docentes de uma universidade pública federal: estudo de coorte e ações de extensão**

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa acima**. LEVA CERCA DE 10 MINUTOS.** Trata-se de uma pesquisa aprovada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (**CONEP**) sob o **Parecer nº 3.971.653** e que respeita as Normas de pesquisas em Ciências Humanas e Sociais da Resolução CNS nº 510 de 2016. **A CONEP é o órgão máximo de regulamentação e fiscalização de pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil e existe desde 1996 e está vinculada ao Conselho Nacional de Saúde (CNS) no Ministério da Saúde** e fica no endereço SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70750-521, Brasília (DF), Telefone: (61) 3315-5877, com horário de atendimento das 08h às 18h em todos os duas úteis.

Esta pesquisa tem como objetivo verificar efeitos do distanciamento social com ensino à distância e teletrabalho decorrente da pandemia de SARS-CoV-2 na saúde mental da comunidade da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e oferecer suporte psicossocial aos estudantes e servidores durante a pandemia de SARS-CoV-2. Para participar desta pesquisa on-line você precisa clicar em ACEITO PARTICIPAR. **RECOMENDAMOS FORTEMENTE QUE VOCÊ BAIXE E GUARDE COM VOCÊ UMA CÓPIA DESTE TERMO.**

Durante e após o período de isolamento social, serão construídas ações integradas e coordenadas de extensão, com atendimento remoto, que visem à promoção da saúde mental e prevenção de sintomas psicológicos entre os membros da comunidade acadêmica dos *campus* de Coxim e Cidade Universitária podendo ser estendidas a outros *campi*. O atendimento remoto contará com **Acolhimento, acompanhamento e escuta**, com auxílio de redes sociais e de uma Rede de Psicólogos Voluntários. **Sinta-se à vontade para nos contatar. Veja os contatos abaixo e as redes sociais da UFMS.**

Você pode responder a este questionário no momento e local de sua preferência. Você não terá nenhuma despesa e nem será remunerado por participar. O risco da pesquisa é mínimo por envolver responder ao questionário online. Para garantir a sua confidencialidade e privacidade, seus dados de identificação não serão solicitados, NÃO ESCREVA SEU NOME no formulário. Todos os dados obtidos na pesquisa serrão utilizados exclusivamente para fins científicos.

Os benefícios e vantagens em participar são indiretos, pois os resultados poderão fornecer subsídios para a elaboração de políticas institucionais visando à promoção da saúde da comunidade universitária e a oferta de suporte psicossocial aos estudantes e servidores durante o período de pandemia além da compreensão da dimensão dos efeitos da pandemia na saúde mental.

Você está livre para desistir de participar desta pesquisa a qualquer momento sem necessidade de se justificar, mesmo depois de preencher e enviar este formulário.

Agradecemos pela sua atenção e valiosa colaboração e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos nos contatos abaixo dos pesquisadores responsáveis pela pesquisa.

Nestes termos e considerando-me livre e esclarecido(a) sobre os objetivos, os métodos, os benefícios e os direitos sobre meus dados, consinto minha participação voluntária, resguardando aos pesquisadores a propriedade intelectual das informações geradas e expressando concordância com a divulgação pública e científica dos resultados.

Pesquisador Principal

Declaro que foram cumpridas as orientações e exigências da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e prestei os esclarecimentos solicitados ao participante.

CONTATO DOS PESQUISADORES E DO COMITÉ DE ÉTICA DA UFMS

Pesquisador: Cremildo João Baptista
Telefone: 61 9 8242-1377 / 67 3291-0229 E-mail: cremildo.baptista@gmail.com

Pesquisador: Alberto Mesaque Martins
Telefone: 67 99325-1423 e 31 98873-5553 E-mail: albertomesaque@yahoo.com.br

Pesquisador: Helder de Pádua Lima
Telefone: 85 996403127 E-mail: padua_helder@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa da UFMS
Telefone: 67 3345-7187 E-mail: cepconep.propp@ufms.br